



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Centro de Humanidades
Mestrado Acadêmico em História e Culturas – Mahis

ROBERTA KELLY SANTOS MAIA

**A CIDADE DO JORNALISTA: DA FORTALEZA REPRESENTADA
NOS JORNAIS À ADMINISTRAÇÃO DA CAPITAL POR LUIZ
QUEIROZ CAMPOS
(1954 – 1964)**

FORTALEZA
2013

ROBERTA KELLY SANTOS MAIA

**A CIDADE DO JORNALISTA: DA FORTALEZA REPRESENTADA
NOS JORNAIS À ADMINISTRAÇÃO DA CAPITAL POR LUIZ
QUEIROZ CAMPOS
(1954 – 1964)**

Dissertação submetida à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

**FORTALEZA
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Biblioteca Central do Centro de Humanidades

Doris Day Eliano França - CRB-3/726

M217c Maia, Roberta Kelly Santos.

A cidade do jornalista: da Fortaleza representada nos jornais à administração da capital por Luiz Queiroz Campos (1954 - 1964) / Roberta Kelly Santos Maia. — 2013.

CD-ROM. 183 f.: il.; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de História, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Práticas Urbanas.

Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso.

1. Política. 2. Jornalismo. 3. Fortaleza – política e governo, 1950-1960. 4. Campos, Luiz Queiroz. Título.

CDD: 079.98131



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA
Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005



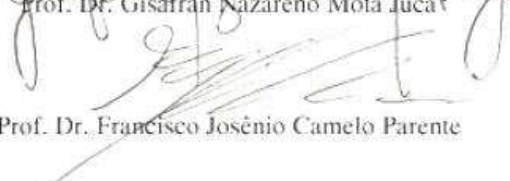
ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA ROBERTA KELLY SANTOS MAIA

Às 09h00min do dia 20 (vinte) de junho de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pela aluna **Roberta Kelly Santos Maia**, intitulada **"A CIDADE DO JORNALISTA: DA FORTALEZA REPRESENTADA NOS JORNAIS À ADMINISTRAÇÃO DA CAPITAL POR LUIZ QUEIROZ CAMPOS (1954-1964)"**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito **"APROVADO"** em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Gleudson Passos Cardoso (Orientador - UECE), Gisafran Nazareno Mota Jucá (UECE) e Francisco Josênio Camelo Parente (UECE). Assinam também a presente ata, o Coordenador Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto, para devidos efeitos legais.

Fortaleza, 20 de junho de 2013.


Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso


Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá


Prof. Dr. Francisco Josênio Camelo Parente


Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas


Adauto Rufino de Lima Neto

*Dedico este trabalho à minha
avó, Maria Luiza, que foi ao
encontro do Pai no período do
Mestrado.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por me dar forças para seguir em frente.

Aos meus pais Oclébia e Roberto, pelo incentivo aos estudos.

Ao amado Lúcio Filho, pelo carinho, atenção, paciência, compreensão e por incentivar sempre meus projetos e sonhos.

Ao meu irmão Renan e ao primo-irmão Daniel, jovens ávidos pelo saber.

Às minhas avós Conceição e Teresa, por suas histórias de vida.

Aos meus tios e primos, sempre incentivadores.

Às famílias Pontes e Fontenele, que me acolheram com muito carinho.

À Fundação Cearense de Apoio do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio financeiro através da bolsa de pesquisa.

Ao professor Gleudson Passos, orientador desta pesquisa, por toda a ajuda durante o curso.

Aos professores Gisafran Jucá e Antônio Luiz, pelo zelo com que avaliaram este trabalho na qualificação.

Ao professor Josênio Parente, por aceitar participar desta Banca.

Ao professor Gilmar de Carvalho, leitor externo e incentivador desta pesquisa.

Ao professor Francisco Carlos Jacinto Barbosa, com quem compartilhei muito dos meus estudos e dividi a sala de aula durante o estágio docente. Sempre serei grata por tudo que aprendi o acompanhando.

À minha tia, professora Ocenéia Rocha, do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, pela revisão deste trabalho.

Aos professores Altemar Muniz, Pádua Santiago, Silvia Siqueira, Zilda Menezes e Rameres João, com os quais aprofundei conhecimentos nas disciplinas do Mahis.

Às queridas amigas Karla Torquato, Flávia Moraes e Limária Mouta, por tudo o que dividimos em tantos anos de amizade.

Aos colegas da turma de 2011 do Mahis, Amanda, Ana Cláudia, Ariane, Bruna, Getúlio, Janílson, Mayara, Renato, Vanessa, Wendell e Williane, pela troca de experiências.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e do Arquivo da Câmara Municipal, pela disponibilidade durante a pesquisa.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a trajetória política do jornalista Luiz Queiroz Campos, a partir de seus artigos, publicados durante os anos de 1954 a 1956, diariamente, na *Gazeta de Notícias*. Nesses artigos um de seus temas favoritos para análise era a situação da cidade de Fortaleza, em que ele tomava o espaço para falar sobre os problemas pelos quais passava a capital cearense. Desta maneira, entendemos que o jornalista representava uma Fortaleza nestes artigos e a colocava para o público leitor do jornal. Tal situação o ajudou a trilhar os caminhos da política. Filiado ao PSD, muito ligado ao Deputado Federal, do mesmo partido, Armando Falcão, o jornalista Luiz Campos foi construindo uma carreira política permeada pelo ingresso em vários cargos públicos, bem como angariando muitos desafetos, sendo o principal deles, o também Deputado Federal, Carlos Jereissati. A carreira de Luiz Campos culmina com sua eleição para vice-prefeito de Fortaleza, no ano de 1962. Por isso, nossa problemática central é perceber como um jornalista, que se destacou através de artigos que muitas vezes criticavam os problemas da Cidade, bem como a conduta de seus gestores, se inseriu na política e chegou a ocupar o Executivo Municipal. Para tanto, faremos a análise de seus artigos, trabalharemos com a História Oral, bem como nos utilizaremos de matérias jornalísticas, editoriais, notas publicadas em periódicos, além de documentos oficiais. Todas estas fontes juntas nos ajudarão a traçar este percurso do jornalista até a Prefeitura, mostrando suas escolhas políticas, sociais e profissionais até conseguir alcançar tais cargos.

Palavras-chave: Luiz Campos, Jornalismo, Política, Fortaleza.

RESUMEN

Este estudio tiene por objetivo analizar la trayectoria política Del periodista Luiz Queiroz Campos, a partir de SUS artículos, publicados durante los años desde 1954 hasta 1956, diariamente, en la “Gezeta de Notícias”. En esos artículos uno de sus temas favoritos para análisis era la situación de la ciudad de Fortaleza, en que él utilizaba el espacio para hablar sobre los problemas por los cuales pasaba la capital cearense. De esta manera, entendemos que el periodista representaba una Fortaleza en estos artículos y la enseñaba para el público lector del periódico. Tal situación lo ayudó a abrir camino para la política. Afiliado al PSD, muy unido al Diputado Federal, del mismo partido, Armando Falcão, el periodista Luiz Campos fue construyendo una carrera política caracterizada por el ingreso en varios cargos públicos, así como granjeando a muchos enemigos, siendo el principal de ellos, el también Diputado Federal, Carlos Jereissati. La carrera de Luiz Campos culmina con su elección para vice alcalde de Fortaleza, en el año de 1962. Por eso, nuestra problemática central es percibir como un periodista, que se destacó a través de artículos que muchas veces criticaban los problemas de la ciudad, así como la conducta de sus gestores se insertó en la política y llegó a ocupar el Ejecutivo Municipal. Para tanto, haremos una análisis de sus artículos, trabajaremos con la Historia Oral, como también nos utilizaremos de materias periodísticas, editoriales, notas publicadas en periódicos, además de documentos oficiales. Todas estas fuentes juntas nos ayudarán a trazar este recorrido del periodista hasta el Ayuntamiento, mostrando sus preferencias políticas, sociales y profesionales hasta lograr alcanzar tales cargos.

Palabras-clave: Luiz Campos, Periodismo, Política, Fortaleza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: “A VIDA DO POVO DE FORTALEZA” REPRESENTADA NOS	
ARTIGOS DE LUIZ CAMPOS	23
1.1. A Cidade e o Jornalista	23
1.1.1. “Por que não se cuida do transporte coletivo?”	32
1.1.2. “A cidade do lixo”	37
1.1.3. “Cousas inacabadas”	46
1.2. O Jornalista e a Cidade	50
1.2.1. “O coração nas trevas”	51
1.2.2. “Gatunagem – Problema do momento”	56
1.3. O Jornalista da Cidade	61
1.3.1. “Como melhorar uma situação”	60
1.3.2. “Quero saber se tenho amigos”	67
CAPÍTULO II: DO JORNALISMO PARA AS DISPUTAS POLÍTICAS	79
2.1. O PSD cearense e Luiz Campos	80
2.1.1. A formação dos partidos em âmbito nacional	80
2.1.2. A formação dos partidos no Ceará	82
2.1.3. A filiação de Luiz Campos ao PSD	87
2.2. Luiz Campos entre as disputas de Armando Falcão e Carlos	
Jereissati	89
2.2.1. Os perfis de Armando Falcão e Carlos Jereissati	89
2.2.2. Armando Falcão e as acusações a Jereissati	92
2.2.3. Luiz Campos cobra punições para Jereissati	98
2.2.4. Luiz Campos e a agressão de Jereissati	101
2.2.5. A Sociedade toma partido	105
2.3. A Presidência da Caixa Econômica Federal	113
2.3.1. Articulações do PSD para assumir a CEF-CE	113
2.3.2. Luiz Campos chega à presidência da CEF	114
CAPÍTULO III: “A CIDADE E SEU NOVO PREFEITO”	121
3.1. “Quem é Luiz Campos?”	121
3.1.1. As eleições de 1962 no Ceará	121
3.1.2. A campanha municipal	127
3.2. Luiz Campos e Murillo Borges	147
3.3. Luiz Campos dinamiza a PMF	152
3.3.1. Murillo Borges na Prefeitura	152
3.3.2. Luiz Campos na chefia do Executivo Municipal	155
3.3.3. Atuação de Luiz Campos na Secretaria de Finanças	189
3.3.4. Luiz Campos rompe com Murillo Borges	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
LISTAGEM DE FONTES	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179

INTRODUÇÃO

Conheci o professor Luiz Campos em 14 de setembro de 2007. Estava, na época, concluindo o curso de História, na Universidade Estadual do Ceará e havia descoberto vários artigos de Luiz Campos na *Gazeta de Notícias*, que falavam sobre o Abrigo Central¹, tema de minha pesquisa para a monografia. Neles, o jornalista defendia que aquele espaço não deveria ser demolido e eu, como também estava apaixonada por aquela história que pesquisava, não me contive e passei a ler os demais artigos de Luiz Campos.

Encantada com os escritos do jornalista, fiz meu primeiro trabalho no curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, sobre a coluna “Considerações”, na qual esses artigos eram publicados. Foi quando eu soube, pelo professor Gilmar de Carvalho, que Luiz Campos ainda estava vivo, que tinha sido fundador daquele curso de Jornalismo, Vice-Prefeito de Fortaleza e era o presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu), no Ceará.

Resolvi tentar entrar em contato com Luiz Campos para entrevistá-lo para a minha pesquisa do curso de História. Assim que liguei para o Ibeu, o professor atendeu o telefonema e já conversou por uns bons minutos comigo. Fiquei muito empolgada com a entrevista, que ajudaria bastante a esclarecer mais pontos sobre o antigo Abrigo da Praça do Ferreira.

Fui, então, em uma sexta-feira, ao Ibeu, para a minha primeira entrevista com Luiz Campos e conhecê-lo pessoalmente. Cumprimentei, nervosa, o professor. Identifiquei-me e expliquei o motivo da entrevista, salientando os assuntos sobre os

¹ O Abrigo Central foi um espaço construído em 1949 na Praça do Ferreira para o estacionamento de ônibus. Moderno, contava com vários quiosques, em que funcionavam lanchonetes, lojas de discos, papelarias, confeitarias, dentre outros serviços. Também era conhecido por ter muitos engraxates. Porém, a atração principal do lugar é que era para lá que boa parte dos fortalezenses se dirigia quando queria encontrar os amigos e colocar a conversa em dia. Este espaço também foi alvo de inúmeras discussões nas décadas de 1950 e 1960, pois havia muita gente que acreditava que era uma construção ultrapassada e imprópria para continuar no centro de Fortaleza. O Abrigo Central acabou sendo demolido no ano de 1966. O jornalista Luiz Campos foi um dos que mais abordou o assunto da demolição do Abrigo Central, quando esta era discutida na década de 1950. Ver: MAIA, Roberta Kelly Santos. **"Abrigo Central: Assembléia do Povo"** - Um Espaço Singular em Fortaleza (1948-1966). Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Ceará, 2007.

quais queria conversar com ele. Luiz Campos pediu que eu sentasse à mesa de reuniões de sua ampla sala, ornada com várias estantes repletas de livros.

Sentei e tirei o gravador da bolsa. Antes mesmo que eu ligasse o gravador e fizesse a primeira pergunta, o professor antecipou-se a contar como era a cidade de Fortaleza à época do Abrigo Central.

Falou sobre o centro, os bondes, as lojas, os cafés e muito mais. Explicou-me por que escrevera tantos artigos sobre o Abrigo Central e contou, eufórico, sobre a importante viagem que fizera aos Estados Unidos, a convite do governo norte-americano, por conta do sucesso de seus projetos para a habitação.

Relembrou também que havia sido vice-prefeito de Fortaleza, presidente da Caixa Econômica Federal no Ceará e diretor do Banco Nacional de Habitação na região do Ceará, Piauí e Maranhão, fatos que soaram muito marcantes na memória do jornalista e trouxeram à tona, para mim, o peso que teve aquele sujeito em vários momentos da história de Fortaleza e do Ceará, fazendo-me ficar ainda mais interessada e intrigada com sua história de vida.

A entrevista foi interrompida quando uma funcionária do Instituto veio anunciar que já iriam fechar as portas, pois era mais de duas horas da tarde e todas as aulas do dia já haviam encerrado. Passava do horário de almoço. Luiz Campos ainda falou por mais alguns minutos, até que sua filha Lídice, que trabalha com ele no Ibeu, veio, mais uma vez, insistir para irem para casa.

Depois de mais de três horas de conversa gravada, o professor despediu-se de mim e desejou boa sorte na continuidade de minha pesquisa. Saí do Ibeu eufórica com tantas informações importantes que ele havia me dado. Desde aquele dia, nunca esqueci as histórias que Luiz Campos havia me contado. Nenhum dos meus entrevistados tinha tido tanta abertura para me contar sua história de vida, seu passado, como ele.

Aquilo ficou por muito tempo guardado em mim. Terminei o curso de História na Uece e voltei para a UFC, na tentativa de concluir também o curso de

Jornalismo. Continuei fazendo as disciplinas, até que chegou o momento de escolher um novo tema para ser meu objeto de pesquisa no curso de Comunicação Social.

Não precisaria, necessariamente, ser uma monografia, poderia ser um livro-reportagem, nova oportunidade que os cursos de Jornalismo oferecem para os estudantes que ambicionam escrever grandes reportagens sobre um tema que os agrade.

Então, decidi que meu trabalho de conclusão de curso seria um livro-reportagem sobre o professor Luiz Queiroz Campos, uma biografia-reportagem. Queria socializar com todos os conhecidos, a história de vida daquele homem que eu havia conhecido três anos atrás.

Fiz o projeto de pesquisa, sob orientação do professor Agostinho Gósson, e mergulhei novamente no ribeirão de jornais velhos e empoeirados da hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, para encontrar novamente os exemplares da extinta *Gazeta de Notícias* e coletar os artigos de Luiz Campos.

Foram vários dias me dirigindo à Biblioteca, enfrentando as intermináveis reformas e reparos na Avenida Leste-Oeste, até ler, resumir e fotografar os 1.478 artigos de Luiz Campos. Depois, fiz a coleta de todas as matérias que encontrei sobre ele nos jornais. Voltei aos livros de memória, aos anuários e coletei ainda mais informações.

Queria muito poder entrevistá-lo novamente, mas as chances eram poucas. As informações que eu recebia no Ibeu e também de pessoas que o conheciam, eram de que Luiz Campos estava adoentado e havia viajado para o estado de Goiás, a fim de realizar um tratamento de saúde.

Finalizei o trabalho, mas sentia que faltava algo. Fiz a última tentativa. Liguei para o Ibeu uma segunda-feira à tarde e perguntei pelo professor Luiz Campos. Ele não estava, mas a funcionária me pediu que ligasse no dia seguinte que conseguiria falar com ele. No dia seguinte, liguei novamente e falei com Luiz

Campos. Ele disse que não lembrava de mim, para minha decepção, mas aceitou ser entrevistado outra vez quando contei que estava fazendo meu trabalho de conclusão de curso sobre ele.

O jornalista convidou-me para fazer a entrevista em sua casa. Explicou como chegar até lá e marcou para a sexta-feira à tarde. Na quinta não podia porque era seu aniversário. Feliz com a novidade, tratei logo de avisar aos amigos e ao meu orientador. Fiz uma cópia da minha monografia sobre o Abrigo Central para levar para o professor.

Chegamos no horário marcado à casa dele. Um condomínio de casas muito bonito, arborizado, agradável, no bairro de Sapiranga, onde mora toda família. Anunciamos que havíamos chegado e o porteiro autorizou a entrada. Ficamos na varanda e dona Maria Helena, esposa de Luiz Campos, veio nos receber.

Ficamos de pé, esperando. O homem chegou à porta. Estava bem diferente da última vez que eu o tinha visto. Andava a passos lentos. O problema de visão parecia ter se agravado. Cumprimentou a todos. Segurei e apertei forte sua mão trêmula. Luiz Campos envelhecera muito.

Estava bem arrumado, com camisa e calça social e uma sandália. A novidade era uma viseira que ele trazia na cabeça para barrar a luz, mas logo deixou de lado. Explicou que estava se recuperando da cirurgia oftalmológica que havia feito em Goiás. Dona Maria Helena arrumou uma mesinha, ali mesmo no jardim, colocou uma toalha florida e nos mandou sentar.

De novo, o homem despiu-se em palavras. Durante horas seguidas, com o gravador ligado ali na sua frente, ele contou histórias de sua vida, falou sobre o seu nascimento, o período em que a família mudou-se para Mossoró, a relação com os pais, os romances que viveu, os problemas pelos quais passou.

Durante quase seis horas, o idoso falou para o grupo, mas a vontade do homem de expor sua história de vida era tanta, que quase não nos deixou sair de sua residência. Parecia ter uma sede enorme por ouvidos que o escutassem.

Nessa época, já finalizando o curso de Jornalismo, eu estava amadurecendo a ideia de tentar novamente a seleção para o Mestrado Acadêmico em História e Culturas (Mahis) da Uece, mas ainda faltava um objeto de pesquisa. Foi quando alguns amigos começaram a incentivar que eu continuasse me debruçando sobre a vida e a atuação política de Luiz Campos.

Assim, preparei o projeto, fiz a seleção e fui aprovada. Contando com a orientação do Prof. Dr. Gleudson Passos, fomos traçando novos caminhos, novas leituras, novas abordagens e delineando como ficaria a dissertação.

Desta forma, a pesquisa que se desenvolveu visa identificar a cidade que era representada nos artigos do jornalista Luiz Campos, na *Gazeta de Notícias*, durante os anos de 1954 a 1956, com o intuito de perceber as intenções deste jornalista em apresentar ao público leitor uma cidade problemática, em que o sistema de transporte era ineficiente, a iluminação pública não condizia com os valores pagos pelos cidadãos, o lixo tomava conta das ruas e calçadas, além do comércio ambulante, que já se espalhava até mesmo pelos bairros nobres, e onde a violência deixava as pessoas temerosas sobre o futuro.

Entretanto, também nos interessa perceber quem era esse sujeito social, quais eram suas relações familiares, políticas, sociais. Além, claro, de mapear o alcance de seus escritos, seja através daquilo que o próprio jornalista ou o jornal ao qual pertencia publicavam ou mesmo pelas discussões envolvendo seus artigos nas câmaras legislativas.

Além disto, é importante investigar a atuação política de Luiz Campos, que durante as décadas de 1950 e 1960 se apresentou como um sujeito participativo nas disputas políticas da Capital, sejam elas disputas por cargos de destaque e até mesmo pleitos eleitorais, chegando a ocupar o cargo de vice-prefeito de Fortaleza, entre os anos de 1963 a 1967.

Desta forma, nossa problemática central é entender como o jornalista Luiz Campos se inseriu no Circuito da Cultura Escrita, através da imprensa e, ao mesmo

tempo, atuou no campo político da Cidade de Fortaleza, durante o recorte apresentado. Este estudo tem por objetivo compreender os diversos momentos da atuação deste sujeito na vida política do período em evidência e a problemática nos leva a analisar as relações entre Cultura Escrita e Cultura Política, vislumbrando as diferentes formas da ação intelectual nos jogos do poder, seus interesses sociais e representações da vida social.

Para dar fôlego à pesquisa proposta, as principais fontes utilizadas serão os artigos de Luiz Campos nos quais ele trata dos problemas de Fortaleza, assim como do dia-a-dia da cidade. No período em questão, o jornalista escreveu mais de mil e quatrocentos artigos na *Gazeta de Notícias*, dos quais, boa parte, versa sobre os temas que nos interessam.

Além dos artigos de Luiz Campos, utilizaremos ainda como fontes entrevistas gravadas, realizadas com o jornalista, uma em 2007 e outra em 2010. No trabalho também será de importância relevante o uso de fontes como cartas, matérias e notas, publicadas pela *Gazeta de Notícias*, referentes a comentários feitos por Luiz Campos em seus artigos, de modo a ajudar a compor o universo de leitores do jornalista.

Outro tipo de fonte que nos ajudará serão os documentos oficiais, principalmente as atas da Câmara de Vereadores, onde poderemos acompanhar as providências que estavam sendo tomadas na época em questão pela Prefeitura e pelo Legislativo Municipal, para solucionar ou minimizar os problemas da cidade que eram apresentados pelo jornalista.

Para tanto, teremos como aporte teórico as ideias desenvolvidas pelos autores da História Cultural, como Roger Chartier, que refletem sobre novos objetos históricos, bem como se servem da análise de diversos tipos de fontes e constroem sua escrita pautada na investigação das minúcias daqueles acontecimentos sobre os quais se debruçam, percebendo as *representações*, as formas de leitura, circulação de escritos e constituição de um círculo de leitores dos artigos de Luiz Campos.

Da mesma forma, como nosso objeto de pesquisa está ligado às práticas políticas de um grupo que traçava os caminhos de Fortaleza à época em discussão, será importante em nossa análise a contribuição das novas idéias de uma História Política que tem refletido sobre os grupos, as filiações políticas, as estratégias de campanha, dentre outros temas que iremos abordar no decorrer desta dissertação.

Para a construção da pesquisa será relevante, ainda, a interlocução e o diálogo com as obras que se preocupam, mais especificamente, com o estudo sobre a Fortaleza dos anos 1950. Uma obra de referência é a do historiador Gisafran Jucá, “Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945-1960)”. Nesta obra, que é fruto da tese de doutorado do historiador, ele aborda a relação entre as secas e o crescimento acelerado da urbanização de Fortaleza.

Sendo assim, nos chama especial atenção o terceiro e o quarto capítulo da obra, onde o historiador analisa alguns dos problemas que Luiz Campos apontava em seus artigos, como a situação do transporte público, da iluminação pública, do saneamento e da mendicância.

Com as reflexões de Gisafran Jucá foi possível fazer um bom diálogo em nossa pesquisa quando abordamos estes problemas que eram tratados por Luiz Campos, uma vez que na obra “Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza”, o historiador apresenta e analisa visões de outros órgãos de comunicação sobre estes aspectos.

Desta maneira, é possível fazer um paralelo entre o que o jornalista Luiz Campos representava em seus artigos com o que escreviam outros jornalistas em outros veículos de comunicação. Além disso, é importante salientar, ainda, que Gisafran apresenta alguns dados necessários em nossa pesquisa, como estatísticas de crescimento da cidade, referências a atas da Câmara Municipal, Leis, dentre outros.

Seguindo este mesmo esteio, há ainda a dissertação de mestrado em História de Patrícia Menezes, intitulada “Fortaleza de Ônibus: Quebra-quebra, *lock*

out e liberação na construção do serviço de transporte coletivo de passageiros entre 1945 e 1960”, defendida na Universidade Federal do Ceará, em 2009.

Nesta pesquisa a autora mostra como se processou a mudança do serviço de transporte coletivo em Fortaleza, dos bondes para os ônibus, e, consequentemente, o que esta mudança acarretou para a população. A historiadora apresenta, então, os vários interesses em questão nesse momento, mostrando as vozes dos empresários do setor, das autoridades públicas, dos jornalistas e dos usuários, de forma a analisar os conflitos e as soluções que eram tomadas para minimizar os problemas de trânsito e do próprio transporte coletivo.

Sendo assim, a obra nos ajuda bastante, uma vez que um dos temas sobre os quais Luiz Campos mais insistia em falar eram aqueles decorrentes do descaso da administração pública para com o transporte coletivo. Então, perceber neste estudo os interesses envolvidos na questão, as queixas dos usuários e as vozes de outros jornalistas, nos auxilia a recompor e repensar o cenário no qual estava inserido o nosso objeto de análise.

Outra obra que estuda os temas discutidos por Luiz Campos é um artigo de Antônio Luiz Macêdo, “Técnica e Cultura Material na Cidade de Fortaleza (1945-1965)”. Neste estudo, que já não tem tanta proximidade com o nosso objeto, o pesquisador reflete sobre o início do comércio de produtos eletrodomésticos em Fortaleza, mostrando como eles começaram a aparecer nos anúncios de jornais, as estratégias que as indústrias e lojas utilizavam para vender estes produtos e como eles passaram a entrar nas listas de prioridades das famílias fortalezenses.

Entretanto, algo que Antônio Luiz analisa nos chama bastante atenção, já que também trabalharemos quando discutiremos os artigos de Luiz Campos. O historiador aponta que as famílias tinham receio de adquirir eletrodomésticos por conta das constantes faltas de energia e que também não tinham certeza se aquela “modernidade” ia ser duradoura, por isso houve certa dificuldade em se efetivar o comércio destes bens em Fortaleza.

Assim, essa discussão se aproxima do que o jornalista aponta em seus artigos, pois afirmava constantemente que as faltas de energia não contribuíam para o crescimento industrial da cidade e geravam um clima de insegurança para as famílias que não sabiam ao certo até que ponto poderiam contar com aquele serviço.

Outras obras também serão importantes para recompormos o cenário político e social de Fortaleza. A primeira delas é o capítulo “De Cidade a Metrópole (1945-1992)”, de Francisco Moreira Ribeiro, publicado no livro “Fortaleza: A Gestão da Cidade (Uma História Político-administrativa)”, organizado pelo departamento de História da UFC.

No capítulo em questão, o autor apresenta um panorama do crescimento da cidade nesse período, bem como mostra os processos eleitorais, os problemas que a população sofria, as reformas pelas quais a cidade passava. Assim, neste pequeno estudo que trabalha o crescimento urbano e as relações políticas em Fortaleza, foi possível tirar algumas informações para analisarmos em nossa pesquisa à luz dos artigos de Luiz Campos.

Além deste capítulo, os livros de Aroldo Mota sobre a política no Ceará também serviram de base para um estudo das relações políticas e partidárias de Luiz Campos, a fim de percebermos como esse sujeito se articulou para entrar no mundo político-eleitoral de Fortaleza.

Assim, os livros “História Política do Ceará (1945 – 1985)” e “Governo Rui Barbosa (1950 – 1954)” desse autor, nos ajudam a perceber a formação dos partidos políticos em nossa capital, bem como as relações entre as elites que os compunham, de maneira que nos permitam fazer injunções sobre os percursos políticos de Luiz Campos.

Da mesma forma, outra obra que nos auxilia neste âmbito é o livro “Os Partidos Políticos do Ceará”, de Abelardo Montenegro, no qual o autor também nos mostra como se deu a formação destes partidos e seus quadros.

Foi de grande valia e nos levou a um bom diálogo a tese de doutorado de Valmir Lopes, intitulada “As lógicas da representação política: O processo de mudança de lideranças políticas em Fortaleza”, defendida no Departamento de Sociologia da UFC, em 2005.

Nesta pesquisa, o sociólogo estuda as transformações pelas quais passou o legislativo municipal de Fortaleza, quais os líderes que se destacaram neste cenário, assim como analisa os processos eleitorais em Fortaleza e suas consequências.

Desta maneira, a obra em questão é útil para aprofundarmos as reflexões acerca das relações políticas que o jornalista Luiz Campos travou e perceber qual era seu papel dentro da política da cidade de Fortaleza nas décadas de 1950 e 1960, de modo que possamos compreendê-lo melhor como jornalista que criticava as administrações municipais, bem como sua atuação como vice-prefeito da cidade.

Além desta, outra pesquisa importante é a tese de doutorado de Altemar Muniz, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2007. Neste estudo, o historiador analisa o grupo de empresários que compunham o Centro Industrial do Ceará e que, juntos, levaram à frente um projeto político para o estado.

Aqui, o que podemos tirar de mais valioso é a análise de Altemar Muniz sobre os primeiros momentos de formação desse grupo, em que ele reflete sobre um grupo político anterior ao CIC, nos dando informações bastante importantes sobre políticos, como Carlos Jereissati e Armando Falcão, dois nomes com os quais Luiz Campos teve uma relação muito forte. De crítica, quanto a Carlos Jereissati, e de total apoio e admiração a Armando Falcão.

Por outro lado, um estudo que é indispensável para a construção do segundo capítulo é o livro de Josênio Parente, intitulado “A Fé e a Razão na Política: Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses”. Nesta pesquisa, o sociólogo tem por objetivo o estudo da formação de uma elite política cearense, analisando diversos nomes que estiveram no poder local e contribuíram para uma

modernização do estado, bem como aumentaram o capital político do Ceará perante o país.

Assim, quando o sociólogo reflete o período sobre o qual a nossa pesquisa se debruça, nos ajuda a reconstruir este cenário político e contribui para também pensarmos sobre os conflitos e interesses relacionados aos políticos com os quais Luiz Campos tinha ligações ou desafeto.

Desta maneira, nosso primeiro capítulo, intitulado “A Vida do Povo de Fortaleza’ representada nos artigos de Luiz Campos”, visa fazer uma análise sobre a cidade que Luiz Campos apresentava em seus artigos na *Gazeta de Notícias*, entre 1954 e 1956, a fim de perceber que cidade o jornalista ali representava. Percebemos que esta cidade era uma “cidade-problema”, mas que podia haver soluções para estes problemas, como o próprio jornalista apontava.

Então, para construir este capítulo, decidimos dividi-lo em três tópicos. No primeiro deles, A Cidade e o Jornalista, analisaremos os aspectos físicos que Luiz Campos julgava como problemáticos em Fortaleza, principalmente em relação ao transporte público, ao comércio ambulante, à sujeira das ruas e às obras inacabadas. O segundo tópico, O Jornalista e a Cidade, refletiremos mais sobre os problemas políticos e sociais que Luiz Campos apontava, focando nossa análise em seus artigos sobre o precário fornecimento de energia elétrica e do aumento da “gatunagem”. Por fim, no último tópico, O Jornalista da Cidade, vamos esmiuçar as posições tomadas por Luiz Campos quando ele dava soluções para os problemas da cidade e também sua relação com os leitores.

Aqui discutiremos, principalmente, os conceitos de cidade e representação. As fontes principais a serem utilizadas serão os artigos de Luiz Campos, os documentos oficiais que mostram como a prefeitura e o Legislativo estavam agindo, de forma que façam um contraponto ou confirmem aquilo que o jornalista apontava em seus escritos, para que possamos chocar estas informações e ir tecendo o capítulo.

No segundo capítulo, cujo título é “Do jornalismo para as disputas políticas”, pretendemos traçar um perfil social de Luiz Campos. A ideia é cartografar suas relações políticas e sociais, bem como suas relações de amizade e conflito com outros nomes que compunham o cenário político de Fortaleza e do Ceará no período em questão.

Para tanto, os conceitos que serão refletidos neste ponto serão principalmente aqueles relacionados com a ideia de “cultura política”, a qual aponta que grupos políticos são formados de acordo com seus interesses para atuar politicamente em benefício de ideias que comungam.

Aqui as principais fontes utilizadas são artigos de Luiz Campos nos quais ele faz referência (positiva ou negativa) a pessoas do meio político, administrativo e da alta sociedade fortalezense, expressando suas opiniões a respeito destes atores. Nos utilizaremos, ainda, de matérias, cartas, editoriais e notas de jornais, principalmente da *Gazeta de Notícias*, que tratem sobre o jornalista Luiz Campos e podem nos mostrar indícios de suas relações pessoais. É ainda neste capítulo que utilizaremos as entrevistas feitas com o próprio Luiz Campos. Todas estas fontes confrontadas nos ajudarão a traçar o perfil político-social do jornalista.

Deste modo, o capítulo em questão foi dividido em quatro tópicos. No primeiro, “O PSD Cearense e Luiz Campos”, analisaremos a formação deste partido político no Ceará, bem como a inserção do jornalista nesta agremiação. O segundo tópico, “Luiz Campos entre as disputas de Armando Falcão e Carlos Jereissati”, proporcionará a análise da relação de Luiz Campos com Carlos Jereissati e com Armando Falcão. No último tópico, “A Presidência da Caixa Econômica Federal”, refletiremos sobre os cargos que o jornalista ocupou, principalmente, na CEF, que foi o que lhe deu impulso para concorrer à eleição para vice-prefeito de Fortaleza.

No último capítulo, “A Cidade e seu novo prefeito”, a intenção é analisar a atuação de Luiz Campos como vice-prefeito de Fortaleza, percebendo como ele se portou neste cargo administrativo da Capital e em que medida pôs em prática as ideias que propunha nos seus artigos para resolver os problemas da cidade.

Utilizaremos como fonte as entrevistas que realizamos com Luiz Campos, bem como matérias publicadas durante sua campanha e consequente administração na prefeitura. Salientamos que em um curto período, Luiz Campos chegou a assumir a prefeitura por conta de licença do prefeito Murillo Borges, o que nos dá uma quantidade maior de fontes de jornais que nos proporcionam indícios da atuação do jornalista enquanto administrador da Capital.

Da mesma forma que nos demais capítulos, confrontaremos estas fontes e também matérias de outros jornais da cidade, a fim de refletir sobre a atuação deste jornalista na Prefeitura de Fortaleza.

Assim, o capítulo contará com três tópicos. No primeiro, “Quem é Luiz Campos?”, refletiremos sobre a campanha eleitoral de Luiz Campos. No segundo, “Luiz Campos e Murillo Borges”, procuraremos entender sua relação com Murillo Borges, o então prefeito de Fortaleza, e, por fim, no último tópico, “Luiz Campos dinamiza a PMF”, analisaremos a performance do próprio Luiz Campos enquanto prefeito e secretário de finanças da cidade, cargos que ele acumulou nesta gestão municipal.

Desta forma, pretendemos contribuir com um estudo que visa analisar um momento político da capital cearense, no qual muitos sujeitos pensaram a cidade de Fortaleza e colocaram em prática ideias e desejos para um futuro, em que sonhavam com uma cidade moderna e imponente, que fizesse frente às principais capitais do país.

CAPÍTULO I:

“A VIDA DO POVO DE FORTALEZA” REPRESENTADA NOS ARTIGOS DE LUIZ CAMPOS.

Neste capítulo, nossa proposta é apresentar ao leitor o jornalista Luiz Queiroz Campos e as representações dele sobre a cidade de Fortaleza. Assim, a questão central é: qual a Fortaleza representada nos artigos de Luiz Campos e como seus escritos proporcionaram a ele uma integração na vida política e social da cidade. Para tanto, utilizaremos, primordialmente, como fonte, os artigos escritos por Luiz Campos no Jornal *Gazeta de Notícias*, entre os anos de 1954 a 1956, além de cartas de leitores e documentos oficiais do Município de Fortaleza. Desta forma, nos apoiaremos, principalmente, no conceito de *representação* de Roger Chartier.

Para a realização do capítulo, decidimos dividi-lo em três tópicos. O primeiro (“A Cidade e o Jornalista”) abordará a posição do jornalista Luiz Campos para com os problemas físicos da cidade de Fortaleza. O segundo (“O Jornalista e a Cidade”) se voltará para os posicionamentos do jornalista quanto aos aspectos sociais que, para ele, inviabilizavam o desenvolvimento da cidade. Por último, no tópico intitulado “O Jornalista da Cidade”, pretendemos analisar como Luiz Campos se colocava apto a resolver muitos destes problemas que apontava, bem como refletir sobre suas relações com os leitores e a maneira que seus artigos chegavam ao público.

1.1. A Cidade e o Jornalista.

Comecemos, então, este capítulo, apresentando ao leitor como Luiz Campos definia “a vida do povo de Fortaleza”:

Ora, isto não é vida – a vida do povo de Fortaleza...

Uma região pobre como a nossa, mas de gente que quer ir para diante, progredir, não pode, no entanto, realizar, na prática, o que pretende. Tudo é dificuldade, tudo é mal cuidado, tudo redundando em prejuízo para o povo da Capital cearense. A se fazer um exame consciencioso, isento de preconceitos, com sensatez e objetividade, fácil é verificar como as cousas aqui estão marchando de mal a pior, tudo se tornando mais difícil do que era antes.

Vejamos, então, como os fatos se registram. Paga-se um absurdo por um quilote de energia elétrica, mas não temos energia. A cidade vive às escuras. Ninguém ouve rádio, as geladeiras não funcionam, as casas são

iluminadas com candieiro (sic). As indústrias (as de maior possibilidades) são obrigadas a ter possantes geradores. O recibo do SERVILUZ, todos os meses, no entanto, não relaxa. É sempre aumentando...

(...)

Paga-se um imposto rigoroso de água e esgoto, no entanto não há nem água nem esgoto. Em plena Praça do Ferreira, a zona central da cidade – no ABRIGO para sermos precisos –, todos os estabelecimentos estão mandando fazer poços instantâneos e instalar bombas com motor, porque a adutora não faz chegar água aos consumidores. Vive-se, então o drama dos poços que secam, das cacimbas com pouca água, e as tremendas filas dos que pretendem um poço profundo, disputando a única perfuratriz que o DNOCS dispõe para tais serviços.

(...)

Paga-se um pesado tributo para a limpeza pública, mas a cidade vive imunda. Os “lixeiros” são sem conta, por aí afora, nos bairros. É muito rara a visita dos carros coletores de lixo das ruas afastadas do centro da cidade. De outra forma, os vendedores de avoantes, galinhas, caranguejos, seriguelas, sapotis, bananas, camarões, que se postam nas calçadas da Praça do Ferreira, provocam uma sujeira completa, sem quaisquer providências das autoridades. É como se isso não tivesse “dono”...

(...)

Enfim, paga-se para tudo e não se tem nada. A irresponsabilidade, a negligência, a preguiça, a desonestidade e o canalhismo estão avassalando tudo. O povo, porém, a sofrer².

Era, pois, com estas palavras que o jovem jornalista descrevia a Cidade de Fortaleza na metade da década de 1950. Luiz Queiroz Campos tinha 29 anos e havia ingressado no jornalismo impresso da Capital Cearense há poucos meses. Seu primeiro artigo na *Gazeta de Notícias*³ foi publicado em 13 de novembro de 1954.

Filho de uma família humilde⁴, do interior do estado do Ceará, Luiz Campos tinha conseguido se formar em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1949, e era secretário da União das Classes Produtoras do

² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Vida em Fortaleza. In.: *Gazeta de Notícias*, 13 abr. 1955, p.3.

³ O periódico matutino *Gazeta de Notícias* foi fundado em Fortaleza a 10 de julho de 1927, por Antônio Drumond, auxiliado por Clóvis Matos, Milton Firmeza e Camerino Teixeira. Em 1930, o fundador do jornal foi assassinado na própria sala de trabalho, na redação do jornal. Após a morte de Drumond, o periódico teve diversos diretores: Antônio Drumond de Miranda Filho, Joaquim Juarez Teixeira, Olavo Euclides de Araújo, Dorian Sampaio, Luiz Campos e Darcy Costa. Depois de diversas crises, o jornal já não tinha como sobreviver e, em 13 de agosto de 1972, o controle acionário, que era de J. Macêdo, passou para o Grupo de Comunicação “O Povo”, tornando o periódico em um semarário, que circulava aos domingos. Pouco tempo depois, acabou extinto. Ver: NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução ao Jornalismo Cearense** – edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará - Arquivo Público do Ceará, 2006; SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará** – 1975. Rio de Janeiro: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1975.

⁴ Sobre o histórico familiar de Luiz Campos ver: MAIA, Roberta Kelly Santos. **O Dono do Terreiro: O Jornalista, Político e Professor Luiz Campos**. Livro-reportagem apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000007/00000764.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2012, 15h.

Ceará⁵. Para se consolidar no cenário estadual, esta instituição havia contratado um espaço no horário nobre da Ceará Rádio Club⁶, às 21 horas, diariamente, para a apresentação da crônica “Voz do Comércio Indústria e Agricultura”.

Entretanto, após uma indisposição com o professor que escrevia os artigos a serem apresentados na crônica radiofônica, José Afonso Sancho⁷, diretor da União das Classes, se viu desprevenido e lembrou-se do jovem advogado Luiz Campos para escrever tais crônicas.

O garoto aceitou o convite e a partir dali ingressou no jornalismo. Das crônicas transmitidas pelo rádio à inserção no jornalismo escrito não demorou muito. Logo depois deste episódio, José Afonso Sancho conseguiu um espaço para que Luiz Campos começasse a escrever artigos para a *Gazeta de Notícias*.

Aqui, é interessante salientar que, naquele momento, o Brasil vivia em plena democracia e liberdade, após os anos da ditadura de Getúlio Vargas⁸. Por conta disto, a imprensa, livre, estava em franco processo de modernização e ganhava ainda mais importância dentro das cidades:

Nesse breve intervalo de quase vinte anos, entre 1945 e 1964, mediando duas ditaduras, as cidades e a imprensa brasileira – instâncias imbricadas – conheceram surto de efetiva modernização. A condução desse processo, mais uma vez, se fizera de forma imediatista. Foram décadas marcantes para a grande imprensa, que se profissionalizou, investiu em maquinário,

⁵ Fundada em 2 de dezembro de 1952, por iniciativa dos empresários José Afonso Sancho, Patriolino Ribeiro de Sousa e Adauto Barreto, a União das Classes Produtoras do Ceará teve seus estatutos publicados no Diário Oficial do Estado em 26/12/1952. A entidade reunia os líderes classistas do Estado. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/fatos/historiaverbete.asp?verbete=jos%E9+afonso+sancho>>. Acesso em: 13 de setembro de 2010, 11h.

⁶ Fundada no dia 30 de maio de 1934, a Ceará Rádio Club - ou PRE-9, como também é conhecida, é a pioneira da radiodifusão do Ceará. Disponível em: <<http://www.prenove.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2010, 9h.

⁷ Nascido em 27 de abril de 1922, em Massapê – Ceará, era agropecuarista. Iniciou-se também na atividade comercial, em Fortaleza. Foi fundador e diretor, por várias vezes, da União das Classes Produtoras do Ceará, diretor da Gazeta de Notícias, sócio-proprietário do jornal Tribuna do Ceará, diretor do Banco Popular de Fortaleza e da Federação das Associações do Comércio e Indústria Agropecuária do Estado do Ceará e Senador da República, de 1987 a 1991. Ver: SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará – 1975**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1975.

⁸ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS) a 19 de abril de 1883. Foi chefe do governo provisório depois da Revolução de 30. Presidente eleito pela constituinte em 17 de julho de 1934, até a implantação da ditadura do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937. Foi deposto em 29 de outubro de 1945 e voltou à presidência em 31 de janeiro de 1951, através do voto popular. Em 1954, pressionado por interesses econômicos estrangeiros, suicidou-se em 24 de agosto de 1954. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/vargas.htm>>. Acesso em 31 de março de 2012, 14h.

construiu sedes próprias, fez de seus capitães de indústria e de seus editores homens de extremo poder, tornando os órgãos da mídia instrumentos decisivos de controle da vida nacional.⁹

Geraldo Nobre¹⁰ afirma que também houve esta modernização nas redações dos jornais cearenses, principalmente nos jornais *O Povo*, *Correio do Ceará* e *Unitário*. Mesmo tendo uma tiragem pequena, (segundo Nobre, em Fortaleza havia diariamente a impressão de somente cerca de 25 mil exemplares de jornais), o jornalismo cearense estava se profissionalizando, criando suas associações e produzindo com qualidade.

Sendo assim, o papel da imprensa em divulgar os acontecimentos, principalmente locais, era grande. Para Nobre, houve neste período uma “despolitização” dos jornais de Fortaleza, que se dedicaram, em sua linha informativa, a dar maior ênfase aos fatos políticos, esportivos e ocorrências policiais, passando a contar também com o registro fotográfico, bem como com o aumento da importância da publicidade. Apesar disto, Nobre salienta que houve uma diminuição no Ceará do jornalismo de opinião. Mesmo assim, foi neste contexto que surgiu o articulista Luiz Campos, na *Gazeta de Notícias*.

O nome dado à coluna que apresentava os artigos de Luiz Campos foi “Considerações”. No início, não havia uma página definida para a publicação dos artigos, que eram muito pequenos. As primeiras colunas foram assinadas por um misterioso LC, mas em pouco tempo, o jornalista revelou seu nome, se firmou no jornal, as colunas aumentaram de tamanho e ganharam destaque no canto direito da terceira página do matutino.

Naquele momento, a cidade vivia os últimos meses da administração de Paulo Cabral de Araújo¹¹ e já havia eleito, novamente, Acrísio Moreira da Rocha¹², que voltaria a ser Prefeito da Cidade no ano seguinte.

⁹ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 76.

¹⁰ NOBRE, Geraldo. Op. Cit., p. 154.

¹¹ Paulo Cabral de Araújo era um famoso radialista de Fortaleza e elegeu-se Prefeito pela União Democrática Nacional, a UDN. Administrou a Cidade de 1951 a 1955.

¹² Acrísio Moreira da Rocha era agropecuarista e odontólogo. Foi Interventor do Estado do Ceará, por 26 dias, em 1946. Elegeu-se Prefeito de Fortaleza em 1947, cumprindo mandato de 1948 até 1951. Voltou a ocupar o mesmo cargo de 1955 a 1959. Primeiramente, membro do Partido Social

Os temas abordados por Luiz Campos variavam. Em seus artigos, o jornalista fazia desde críticas aos governos municipal, estadual e federal, até elogios a aniversariantes. Entretanto, dentre os temas tratados por Luiz Campos, os problemas da cidade de Fortaleza predominavam.

O jornalista criticava reiteradamente o sistema de transporte urbano, a falta de energia, a sujeira das ruas, o comércio ambulante, além do aumento da violência na cidade, que não parava de crescer:

Fortaleza experimentou um intenso crescimento populacional no intervalo de 1940 a 1950 (49,9%) e quase dobrou no período de 1950 a 1960, atingindo 90,5%. Este crescimento desordenado, resultado de sucessivas migrações campo-cidade provocadas pelos seguidos anos de seca durante a década, gerou grandes distorções, tanto do ponto de vista de distribuição espacial, como das funções desempenhadas pelos poderes públicos e do nível de vida da população, e colocando em cheque os equipamentos urbanos postos a sua disposição. A expansão desordenada da cidade deu início a formação de uma periferia constituída de vários núcleos populares, na sua grande maioria em péssimas condições de habitação¹³.

O jornalista Gilmar de Carvalho aponta ainda que esta Fortaleza com cerca de 270.000 habitantes, que crescia desordenadamente, possuía uma qualidade de vida “assustadoramente precária”. Segundo ele:

Apenas 5.400 casas da cidade eram abastecidas pelo açude do Acarape. A maioria usava água sem tratamento, transportada pelas carroças. Um dos chafarizes mais disputados era o da Pirocaia, que atendia ao que depois passou a se chamar Montese. No que se refere ao esgotamento sanitário, apenas 4.300 residências eram beneficiadas, ficando o restante sujeito às fossas. (...) A energia elétrica, sujeita a quedas e panes, só melhoraria a partir de 1965, com a integração à rede da hidrelétrica de Paulo Afonso.¹⁴

Todos estes problemas pelos quais Fortaleza passava eram problemas comuns nas cidades brasileiras que, desde o período pós-guerra, sofriam um grande crescimento. A maior cidade do país, São Paulo, por exemplo, também sofria com problemas de esgoto, saneamento e transporte público. Entretanto, nestas grandes cidades, como São Paulo e a Capital, o Rio de Janeiro, estes problemas estavam

Democrático, de onde seu pai, Manuel Moreira da Rocha, era um dos líderes, fundou seu próprio partido, o Partido Republicano, quando se elegeu Prefeito Municipal.

¹³ RIBEIRO, Francisco Moreira. De Cidade a Metrópole (1945-1992). In: SOUZA, Simone de. **Fortaleza: A gestão da cidade (uma história político-administrativa)**. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994, p. 73.

¹⁴ CARVALHO, Gilmar de. **Moisés Matias de Moura: O Cordel de Fortaleza**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011, p. 29.

ligados à crescente industrialização e modernização do comércio, que atraía um enorme contingente de trabalhadores de outros estados e do interior.¹⁵

O Rio de Janeiro, cidade que Luiz Campos já havia visitado quando de sua entrada para os quadros da *Gazeta de Notícias*, sofria com problemas de trânsito, jogatina, prostituição, roubos e furtos. A polícia tinha um forte apelo da população para que se resolvessem estes problemas. Os processos criminais avolumavam-se nas delegacias.¹⁶

No entanto, o Rio de Janeiro que Luiz Campos havia conhecido era uma Cidade em desenvolvimento. Ali ele tivera a oportunidade de conhecer seus pomposos edifícios, casas comerciais, bancos e instituições públicas de fomento à cultura, como bibliotecas, universidades e teatros, o que, para ele, denotava um ar de grandeza e modernidade. Algo que para o jornalista ainda estava muito distante de Fortaleza.¹⁷

Vivendo, assim, em uma cidade que estava tão longe de atingir tal desenvolvimento, àquela época, poderia parecer tarefa fácil fazer críticas ao governo de Fortaleza, visto a quantidade de problemas que se apresentavam. Entretanto, para falar de cidade é preciso antes de tudo compreender esse curioso complexo de experiências sociais vividas todos os dias.

Uma vez que neste capítulo o nosso objeto é a Fortaleza representada nos artigos do jornalista Luiz Campos, durante a década de 1950, é preciso pensar sobre a cidade, em seus múltiplos aspectos, refletir sobre ela, tomar consciência de seus significados, levando em conta que

A cidade é, portanto, uma realidade física e histórica, ligada às experiências espaciais e temporais. A cidade contempla as memórias dos sujeitos urbanos e de suas experiências. Essas diferentes experiências e

¹⁵ Sobre o processo de modernização da cidade de São Paulo, ver: ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura**: São Paulo no meio do Século XX. Bauru, SP: Edusc, 2011.

¹⁶ Sobre os problemas da cidade do Rio de Janeiro, ver: BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade**: O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907 – 1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

¹⁷ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

representações sociais criam um conjunto de significados que caracterizam a identidade urbana.¹⁸

Além disso, chamamos a atenção para o que alerta Ítalo Calvino, quando afirma que não devemos confundir uma cidade com o discurso que a descreve, uma vez que

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.¹⁹

Esta cidade, física e histórica, com problemas e minúcias, é que emana nos escritos de Luiz Campos. O artigo com o qual iniciamos este capítulo, em que ele fala como é a vida em Fortaleza, explicitando as agruras que os moradores enfrentavam é singular, já que o referido artigo, publicado no dia do aniversário da Cidade, demonstra a inquietação do jornalista com relação aos problemas que percebia em Fortaleza, dentre eles, a falta de energia elétrica, de saneamento básico, a enorme quantidade de mendigos perambulando pelas ruas e o montante de impostos que eram pagos à Prefeitura. Mas, esta é a avaliação que ele próprio faz da cidade, do que ele julga que sejam os problemas dela.

Desta forma, é preciso compreender a cidade, também, como um conjunto de “tensões urbanas” que

surtem como representações do espaço – suporte de memórias contrastadas múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio a tensões historicamente verificáveis.²⁰

Assim, o jornalista apresentava ao seu público leitor uma cidade-problema, onde muitos equipamentos não funcionavam a contento. Entretanto,

¹⁸ ZANETTI, Valéria. São José dos Campos, da doença e dos ares – entre a identidade e a indiferença. In.: PAPALI, Maria Aparecida (org.). **Histori(cidade)s**: Um olhar multidisciplinar. São Paulo: Annablume; São José dos Campos: Univap, 2008, p. 38.

¹⁹ CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 44.

²⁰ MATOS, Izilda. **Cotidiano e Cultura**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 35.

entendemos esta cidade que Luiz Campos mostrava em seus artigos, como uma representação, como explica Rafael Sêga:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade.²¹

Portanto, as representações não dizem respeito apenas sobre a descrição feita por um indivíduo ou grupo sobre a sociedade, a cidade, mas também externam aquilo que esse indivíduo gostaria que esta cidade ou sociedade fosse. Para Roger Chartier, o estudo das representações vai além, pois para o historiador

ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria luta social a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade²².

Assim, nosso trabalho se enquadra em uma pesquisa identificada com a História Cultural, pois procura estudar as representações, as redes de interesses, os grupos formadores de uma cultura política em Fortaleza, novos objetos de pesquisa que dão a cara deste novo modo de fazer história no Brasil, como salientava a historiadora Sandra Pesavento²³.

Partindo, então, destas ideias, é que vamos passar a analisar a cidade que era representada nos artigos do jornalista Luiz Campos. Escolhemos, assim, alguns dos temas que ele mais tratava em suas colunas para mostrarmos que cidade era essa que ele representava e dava a ler aos seus leitores, consumidores

²¹ SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000. p. 128-129.

²² CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. In: Revista Estudos Avançados, nº 11 (5), 1991, pp. 183-184.

²³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural: Experiências de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 7-8.

da *Gazeta de Notícias*, que tinham acesso, por Cr\$ 1,00²⁴ (um cruzeiro), ao jornal que circulava diariamente na Capital.

Precisamos, porém, pontuar ainda que Fortaleza, quando da entrada de Luiz Campos no jornalismo, estava saindo do governo do Prefeito Paulo Cabral, radialista que havia feito uma administração inexpressiva, pois na sua gestão a Cidade não ganhou grandes obras nem teve um dos principais problemas resolvidos, que era o do estabelecimento satisfatório da iluminação pública.

Com a sua saída, voltaria à Prefeitura da Capital, o agropecuarista Acrísio Moreira da Rocha que, na sua primeira gestão no Executivo Municipal, tinha procurado realizar obras que demonstrassem sua preocupação com a modernização de Fortaleza. O caso mais emblemático foi a construção do Abrigo Central, onde estacionariam os ônibus da Praça do Ferreira, que pretendia ser mais moderno que o da Capital Federal. Já outras obras importantes foram a construção das avenidas Aquidabam e Monsenhor Tabosa, além de vários chafarizes e escolas nos bairros mais afastados. Entretanto, o que marcou a gestão de Acrísio foi a mobilização para tirar a Ceará Light do poder dos ingleses para o Município, o que aconteceu após um decreto federal, deixando a administração municipal responsável pelo fornecimento de energia em Fortaleza. Por tudo isto é que Acrísio conseguiu sua reeleição para uma segunda gestão municipal, que é quando se concentra a maior parte dos artigos de Luiz Campos.

Selecionamos, deste modo, para esta reflexão, os assuntos problemáticos da cidade mais recorrentes na escrita de Luiz Campos. Esses temas estão relacionados aos problemas do transporte coletivo, do crescimento desordenado do comércio ambulante, bem como do lixo nas ruas, das constantes faltas de energia elétrica, das obras inacabadas que proliferavam na cidade e do aumento da gatunagem. Pela pesquisa que empenhamos nos artigos de Luiz Campos, era isto que mais preocupava o jornalista naquela cidade de Fortaleza dos idos dos anos 1950, já que foi sobre estes temas que ele escreveu uma enorme quantidade de artigos, como veremos a seguir.

²⁴ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit.

1.1.1. “Por que não se cuida do transporte coletivo?”²⁵

O maior foco das críticas de Luiz Campos, dentre todos os problemas de Fortaleza, sem dúvida, era o transporte público. Logo nos seus primeiros artigos na *Gazeta de Notícias*, o tema aparece várias vezes. Uma semana depois da estreia no matutino, o jornalista já traçava um perfil do transporte coletivo na Cidade.

O artigo começa alertando para o sofrimento da população que precisa do transporte e que tinha de se submeter às intermináveis filas, ao sol ou à chuva, enquanto esperava pelos coletivos:

A população de Fortaleza passa agruras, sofrendo nas filas, expostos ao sol escaldante ou à chuva (quando há inverno), vítima da crise de transportes coletivos. A cidade está crescendo, a população aumenta, e o problema do transporte do povo cada vez mais se agrava. As linhas de ônibus existentes, não suprem, em hipótese alguma as necessidades da população e o resultado é que as filas se tornam sem fim e o sofrimento, cada vez mais cruciante.²⁶

Logo depois, as críticas são para a má conservação dos ônibus, que, salvo alguns, segundo o jornalista, não poderiam nem estar trafegando pelas ruas de Fortaleza:

Por outro lado os coletivos que servem à população, são ônibus velhos, sujos, onde se nota o relaxamento da parte dos seus proprietários, sendo justo ressaltar excessões (sic), como a empresa Pedreira, de Jacarecanga, e a da São Francisco que faz a linha de Joaquim Távora. Há ônibus, como os da Empresa São Jorge, cujo estado de conservação e asseio são lastimáveis. Em muitos deles há umas vidraças nas janelas, que são uma verdadeira estupidez, para um clima como o nosso! Pois bem, os tais vidros nunca foram limpos, desde a construção do ônibus, e causam nojo. Os leitores, certamente, que já notaram isso, menos os responsáveis pela organização. Há outros ônibus que se submetidos a um exame rigoroso não se lhe poderia conferir autorização para trafegar com passageiros, principalmente, super-lotados, de tão velhos e acabados. São como latas velhas e, nas trepidações, não há quem possa agüentar a zuada (sic) de quanta táboa (sic) e parafusos soltos. Não estamos exagerando e esta é a verdade.²⁷

Aqui, é importante salientarmos que na cidade de Fortaleza, pouco tempo antes, o serviço de transporte coletivo ainda era feito por bondes, que deixaram de

²⁵ Título do artigo de Luiz Campos publicado no dia 17 de dezembro de 1954.

²⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Transportes Coletivos. In.: *Gazeta de Notícias*, 21 nov. 1954, p.3.

²⁷ Idem.

circular em 1947. Desta forma, com a aposta do Governo Municipal nos ônibus movidos à gasolina, muitas empresas passaram a prestar este serviço, mesmo sem ter o capital necessário para levar o negócio adiante, deixando os veículos na situação em que o jornalista apontava, como explica Patrícia Menezes, que estudou esta mudança no transporte coletivo de Fortaleza:

Há indícios em jornais, portarias da Prefeitura Municipal, atas das sessões da Câmara de Vereadores e outros de que pelo menos 62 empresas de ônibus ou caminhonetes operavam em Fortaleza entre os anos de 1945 e 1960, a maior parte delas constituída depois de 1947. Era um aumento expressivo de concessionárias em relação à década de 1930, quando somente oito empresas de ônibus funcionavam com a *Light* no transporte público. O repentino aumento no número de empresas de ônibus e firmas individuais de transporte em meados dos anos 1940 parece sugerir que os governantes persistiam na idéia de que a alternativa para o transporte coletivo era a ampliação da oferta de coletivos movidos a gasolina. E as poucas condições exigidas pela Prefeitura para a montagem de empresas de ônibus incentivavam as empresas, apontando a prioridade em desentruar os investimentos. Formou-se assim um grupo bastante heterogêneo de companhia na cidade. Grande parte delas era o resultado da formalização das antigas iniciativas de exploração em itinerários distantes do Centro por carros automotores, que circulavam improvisados e à revelia do controle dos poderes públicos. (...) Por isso, parece que muitas dessas pequenas empresas não tinham condições de capitalização para investir na melhoria dos serviços oferecidos aos fortalezenses.²⁸

Além destes problemas, a população também convivia com os constantes aumentos de passagens, outro dos temas relacionados ao transporte coletivo que Luiz Campos criticava com veemência em seus artigos:

As empresas proprietárias de transportes coletivos, depois que aumentaram as passagens, não melhoraram suas frotas de ônibus. Não temos conhecimento de que um ônibus novo, sequer (sic), tenha sido posto a rodar. Por outro lado não foram feitos os reparos, nem as limpezas nem a reaparelhagem dos veículos. Tudo vai de mal a pior. Há linhas onde um ônibus, apenas, atende ao serviço. Eis aí, mal da prioridade das linhas, e, ao lado disso, o resultado do descaso, do relaxamento e da negligência das autoridades a quem o problema está afeto. Os nossos transportes coletivos, velhos, em péssimo estado de conservação, chocalhando pela cidade, correm cheios, não apenas lotados, mas super-lotados (super-lotadíssimos, diríamos). Isto é sinal de que as empresas estão ganhando muito. Se há lucro bastante, por que, então, a razão desta falta de cuidado por um negócio tão lucrativo?²⁹

²⁸ MENEZES, Patrícia. **Fortaleza de Ônibus**: Quebra-quebra, *lock out* e liberação na construção do serviço de transporte coletivo de passageiros entre 1945 e 1960. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFC, 2009, pp. 134 e 135.

²⁹ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Por que não se cuida do transporte coletivo? In.: *Gazeta de Notícias*, 17 dez. 1954, p. 3. Grifo do autor.

Patrícia Menezes também aborda a questão dos aumentos de passagens, que em certos períodos chegaram a ocorrer de acordo com a vontade das empresas, sem interferências dos órgãos públicos. Todavia, ela salienta que era justamente nestes períodos, em que os empresários começavam a se articular para promover os aumentos de passagens, que a população era levada a expor seus sentimentos em relação a este serviço:

Se as discussões sobre os preços de passagens mobilizavam empresários, é certo que elas também potencializavam as críticas ao serviço de ônibus. A opinião pública articulava sua repulsa aos aumentos em torno de uma argumentação que ligava as péssimas condições de transporte à sede de lucro das empresas. Como era possível aumentar o preço do ônibus se os empresários não investiam nas melhorias do serviço e drenavam os recursos para seu enriquecimento?³⁰

Desta maneira, o jornalismo era, segundo a historiadora, um dos poucos meios de dar voz a essa população que sofria com o sistema de transporte urbano, seja pelo monopólio das empresas responsáveis pelo serviço, pelos aumentos das passagens ou pelas próprias condições em que os veículos se encontravam, era nos jornais que apareciam as críticas contra a administração pública e os empresários do setor.³¹

Entretanto, os aumentos das passagens de ônibus também eram discutidos pelos vereadores de Fortaleza. Em dezembro de 1954, nas atas da Câmara Municipal, é recorrente o assunto do aumento das tarifas do transporte coletivo. Tal era a preocupação, que um dos vereadores, o senhor José Diogo, apresenta, em 10 de dezembro, um requerimento em que propõe

Que a Mesa convide uma comissão de proprietários de ônibus, o Inspetor de Trânsito, o encarregado dos serviços de transporte da Prefeitura e representantes da imprensa falada e escrita para discutirem os problemas dos transportes coletivos. O autor faz oralmente a justificação do requerimento. O senhor Luciano Magalhães apoia o requerimento em nome de sua bancada, fazendo ainda outras considerações a respeito do assunto. Ao fim, propõe como aditivo que seja convidado o Sr. Secretário dos Serviços Urbanos e de abastecimento da Prefeitura. O sr. José Diogo também (propõe) como aditivo que seja incluído um representante do Centro Estudantal Cearense e outro da União Estadual dos estudantes do Ceará. O sr. Fernando Sobreira propõe como aditivo de designação de uma

³⁰ MENEZES, Patrícia. Op. Cit., pp. 178 e 179. Grifo da autora.

³¹ Idem, p. 178.

comissão interpartidária da Câmara. Em votação é aprovado o requerimento com todos os aditivos.³²

As atas seguintes mostram a dificuldade dos vereadores colocarem em prática esta mesa-redonda para discutirem os problemas do transporte coletivo, principalmente, do aumento das passagens e do direito ao abatimento para os estudantes que necessitavam dos ônibus³³.

O problema era tão grave, que o mesmo vereador José Diogo apresenta um projeto de lei propondo a criação da Secretaria Municipal dos Transportes, que se encarregaria destas questões referentes ao transporte público.³⁴ Mas os problemas continuam e, logo no começo de 1955, chega à Câmara um Memorial da Empresa João Jorge pleiteando o aumento das passagens dos ônibus de suas linhas.³⁵

Como já havíamos mostrado através da pesquisa de Patrícia Menezes, o aumento das passagens era constante, desordenado, e havia pouca interferência do poder público. Percebemos, através do estudo das atas da Câmara Municipal, que, apesar das discussões sobre os transportes e até mesmo da criação da Secretaria Municipal de Transportes, que é instalada em 1955, que estes problemas permanecem e que nem mesmo com os apelos de alguns vereadores são resolvidos.

Ao contrário, os problemas se agravavam. Pouco tempo depois destas discussões, os artigos de Luiz Campos registram paralisações do setor de transporte em Fortaleza:

Não se fala em outra coisa no seio do público – é a paralização (sic) completa dos ônibus. A população de Fortaleza está sem transportes. Cidade de 300 mil habitantes vive, agora, a maior intensidade de uma crise sem precedentes. O transporte é fator capital para quaisquer atividades, e dele é que pode depender o progresso. Uma cidade sem transportes

³² Ata da 8ª Sessão do 1º período extraordinário de 1954. Requerimento nº 264/54, do vereador José Diogo.

³³ Atas da 2ª, 3ª e 6ª sessões ordinárias do 1º período extraordinário de 1954.

³⁴ Ata da 20ª Sessão do 1º período extraordinário de 1954.

³⁵ Ata da 2ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955.

significa que está condenada ao decréscimo e à estagnação. E esta é a situação de nossa Capital.³⁶

Esta greve também é abordada na obra do historiador Gisafran Jucá. Segundo ele, após a criação da Secretaria Municipal de Transportes, em março de 1955, houve um pedido dos empresários de ônibus para aumento das passagens, o que foi concedido, em parte, pela Câmara dos Vereadores.

Entretanto, a população se manifestou contra³⁷ e algumas empresas entraram em greve. Depois de acordos, a situação foi resolvida, mas novas agitações no setor continuaram acontecendo durante o restante da década de 1950.³⁸ Na obra de Gisafran, bem como em outras atas da Câmara Municipal, percebemos que os problemas do setor de transporte se estendem. Mesmo com a extinção da recém-criada Secretaria Municipal dos Transportes e da Criação do Conselho Estadual de Trânsito, com representantes de vários setores, muitos são os registros de falhas do transporte coletivo. Em várias atas observamos apelos de vereadores pedindo que sejam regularizados os horários e itinerários das linhas de ônibus, bem como que sejam servidas de transportes algumas localidades mais distantes³⁹.

O que nos interessa, porém, é notarmos nos artigos do jornalista, por diversas vezes, que ele se mostra como defensor do povo, defensor de uma coletividade que sofre com o descaso do poder público. Nos seus escritos ele deixa escapar uma de suas maiores preocupações, ou talvez, a maior delas, que era o descrédito de que o progresso chegasse até Fortaleza.

³⁶ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Os ônibus e a Impunidade. In.: *Gazeta de Notícias*, 4 maio 1955, p.3.

³⁷ Atas da Câmara Municipal apresentam manifestações de moradores de vários bairros exigindo que os vereadores negassem o aumento das passagens e também mencionam mensagens de agradecimento aos vereadores que estavam se posicionando contrários ao aumento das tarifas. Além disso, percebemos como se estenderam por vários dias estas discussões. Atas da 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 12ª, 13ª, 14ª, 15ª, 17ª Sessões ordinárias do 1º período legislativo de 1955.

³⁸ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945 – 1960)**. São Paulo: Annablume, 2000, p. 111.

³⁹ A exemplo disso, podemos citar as atas da 15ª, 17ª, 41ª, 47ª, 65ª Sessões ordinárias do 1º período legislativo de 1955, que solicitam, por exemplo, a fiscalização do estacionamento de ônibus em Messejana, o excesso de lotação dos coletivos, a normalização do serviço no bairro Pan-Americano, a fiscalização dos horários dos ônibus de Jardim América e Pereira Filgueiras, bem como começam a discutir novo aumento de passagens. Percebemos, assim, que dentre os problemas mais citados pelo jornalista Luiz Campos, este se mostra o mais discutido pelo legislativo municipal.

Ao mesmo tempo em que ele parece se solidarizar com a população que está sem transporte, ele mostra que sua indignação é maior porque uma cidade sem transporte será condenada ao decréscimo e à estagnação. Indícios do pensamento do jornalista que será marca recorrente em seus artigos.

1.1.2. “A Cidade do Lixo”⁴⁰

Neste esteio, outro alvo das linhas ferrenhas de Luiz Campos era o comércio ambulante, que se espalhava pela Cidade e atrapalhava os pedestres e o comércio formal. Mais uma vez, percebemos que as preocupações do jornalista se envolviam com um sentimento de medo de que Fortaleza tivesse seus cofres prejudicados e, assim, não conseguisse atingir um desenvolvimento, o qual, ao que nos parece, era desejo do jornalista⁴¹.

Este assunto foi tema das colunas do jornalista ainda na primeira semana na *Gazeta de Notícias*:

As ruas mais centrais da capital, justamente onde o trânsito e o movimento comercial são mais intensos, oferecem um aspecto deprimente. É que, indiscriminadamente, alinham-se pelas calçadas bancas, tabuleiros, caixões, gradeados, com quanta espécie de mercadoria existe, desde avoantes secas, frutas, livros usados, até pentes, presilhas para cabelo, rendas, etc. Há como que uma epidemia de comerciantes ambulantes, criando um sério problema, no que respeita às questões de trânsito e apresentação urbanística da cidade. Nas calçadas das lojas de moda, é comum se encontrar um tabuleiro expondo à venda avoantes, bananas, seriguelas, maçãs e toda espécie de quinquilharias. Não raro um homem corta peixe a “faconadas”, fazendo salpicar os circunstantes e o piso de sujo. A calçada do Banco União, no Edifício do Palácio do Comércio, em toda a extensão da parte que dá para a rua Floriano Peixoto, está tomada, pela metade, de livros velhos para vender. Um moço resolveu instalar ali um verdadeiro “Sêbo”, e o negócio prospera de tal modo que, em pouco tempo, os transeuntes terão de descer o passeio para não pisar sobre o “negocio” do comerciante. Ainda ali, do lado que fica entre a porta principal do mesmo Banco e um salão de barbearia, outro cidadão instalou uma “loja” de artigos de uso doméstico, que vai desde o alfinete até as panelas, bacias, vasos em geral, etc.⁴².

⁴⁰ Título do artigo de Luiz Campos em 28 de abril de 1955.

⁴¹ Aqui é importante salientarmos que em Fortaleza não havia um Plano Diretor eficiente para discutir os problemas estruturais da cidade. Nessa época, havia sido aprovado o “Plano Diretor para Remodelação e Extensão de Fortaleza”, proposto pelo engenheiro Saboya Ribeiro, mas que recebeu fortes críticas e não foi posto em prática. Ver: LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal**: Por uma Antropologia do Litoral Nordeste sem Cana e sem Açúcar. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 1992.

⁴² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Comércio Ambulante. In.: *Gazeta de Notícias*, 20 nov. 1954, p.5.

Aqui, de forma bem irônica, podemos perceber que o jornalista não se conformava com o espaço público das calçadas sendo tomado pelos camelôs, pela sujeira e prejudicando o comércio formal, que pagava impostos ao Poder Público. Este problema, na visão que Luiz Campos apresenta aos seus leitores, era ainda pior por ser no centro de Fortaleza que este comércio de calçada se instalava. Na frente das lojas de moda, empatando o caminhar dos compradores, na calçada do banco, nas principais ruas da cidade, como a Floriano Peixoto, estes ambulantes negociavam seus produtos, que iam desde animais a livros, não pagavam impostos e atrapalhavam o comércio formal do centro.

Fatos como este também são abordados pelo historiador Gisafran Jucá, quando ele apresenta o comércio ambulante na Praça do Ferreira:

Os vendedores de quinquilharias e até de animais vivos e de vísceras tomavam conta do centro de Fortaleza. No final de 1954, até carneiros e porcos eram vendidos na Praça do Ferreira. O trânsito de pedestre era feito com dificuldade, em alguns quarteirões, devido a pessoas que “... recorrem a pequenos biscates para justificar o seu ócio forçado”. A prefeitura iniciara uma campanha para afastá-los do centro, mas tão logo relaxou, os ambulantes voltaram a ocupar o espaço. Reclamava-se sobretudo contra a falta de higiene na venda de produtos destinados à alimentação, como o peixe, vísceras, verduras e frutas, expostas ao chão. (...) As reclamações aumentavam, afirmando-se que não havia quem pudesse andar pelo centro. Os espaços reservados a pedestres diminuía, sobretudo, na hora das refeições. Muitas pessoas preferiam andar pela rua para não perder tempo. Na Praça do Ferreira vendia-se de tudo nas calçadas: frutas, camarão seco, pente fino, calças de mescla, espelinhos, toalhas de rosto, retoques de algodão, e nylon, pó de arroz e revistas velhas. Nas ruas ficavam os pipoqueiros, os assadores de castanhas, os boleiros e até vendedores de bacorinhos.⁴³

Aqui, o historiador nos mostra que, no ano de 1954, houve sim uma tentativa de regulamentação destes serviços por parte da prefeitura, mas como ele mesmo salienta, os ambulantes não aceitaram esse ordenamento imposto e voltaram a ocupar as calçadas do centro da cidade, como apontava Luiz Campos⁴⁴.

⁴³ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., p. 71.

⁴⁴ Gisafran Jucá aponta que no começo da década de 1950 havia uma forte perseguição da Prefeitura aos vendedores ambulantes, principalmente, culminando com a apreensão das mercadorias que estas pessoas comercializavam. Desta forma, várias discussões foram travadas a fim de organizar este comércio, inclusive com a participação de políticos do Partido Comunista Brasileiro. Entretanto, nenhuma lei foi feita naquela época para regulamentar o comércio ambulante, sendo a primeira lei a respeito deste problema datada de 2006.

O mais importante aqui, entretanto, é analisarmos a relação que o jornalista faz entre o comércio ambulante e a descaracterização do ordenamento da cidade. Para ele:

Não se pode transitar pelas calçadas. No asfalto, pouco há espaço para os veículos! A capital do Ceará é uma cidade intransitável, mas não é em face da superpopulação. O motivo é outro: é porque o comércio ambulante, aqui, já se tornou, oficialmente, em estabelecimento de calçada e de passeio. Estes – singular característica de uma metrópole que está desgovernada – não são destinados aos transeuntes, mas aos vendedores de tudo quanto é troço que se entenda de vender. A imprensa e o rádio têm pedido a atenção das autoridades para esta questão que está contrariando nossos foros de cidade de gente civilizada. Mas nenhuma medida é posta em prática. Se estamos regredindo, crescendo como cauda de burro, se está nos faltando mentalidade do que é correto, ordenado e higiênico, então, para completar, e desde que não há providências, a própria população deve se mostrar educada e abrir caminho nos passeios com os próprios pés. Este é o caminho.⁴⁵

O problema, na perspectiva do articulista, era tão grave que para ele Fortaleza poderia mesmo perder os “foros de cidade de gente civilizada”. Mais uma vez fica notório, assim, que as preocupações do jornalista iam para além do que era problemático para a cidade, mas sim daquilo que a levaria a ser excluída de um progresso, uma civilidade, pois, ao que parece, no ponto de vista do jornalista, não era civilizada uma cidade em que o comércio de animais, vísceras e toda sorte de objetos era feito em calçadas, atrapalhando os caminhantes e sem o devido pagamento de impostos. Os problemas eram antigos, visto que se estendiam desde o século XIX, mas que para o jornalista já deveriam há muito ter sido sanados.

No dia seguinte à publicação do referido artigo, Luiz Campos aparece com uma coluna ainda mais incisiva, chegando mesmo a incentivar que a população se utilizasse da força para expulsar os comerciantes ambulantes de suas calçadas, denotando a revolta que ele sentia em ver a Cidade sendo governada por quem não se preocupava com o asseio e a organização das vias:

Temos sido, incentivadamente, apoiados nessa campanha contra a imundície que campeia pela cidade. Tivemos, hoje, a informação de que, na rua São Paulo, esquina com rua General Sampaio, há uma “feirinha”, sobre as calçadas, onde se nota um movimento excepcional. Quem, na verdade, transita por aquele local pode observar tabuleiros de fígado, vísceras, mocotós, sarrabulhos, verduras, enfim, uma verdadeira panelada crua exposta à venda, numa sujeira de enjoar. Chamam aquilo de “feirinha”. Lá

⁴⁵ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Abrir caminho nas calçadas. In.: *Gazeta de Notícias*, 05 jan. 1955, p. 3.

há também jogo de azar e cousas semelhantes, em plena rua, livremente. Tais fatos estão a demonstrar que a cidade de Fortaleza está abandonada, e é, por assim dizer, uma “cidade aberta” à sujeira e ao vício. Não tem Prefeitura e nem Polícia. A isto costumam chamar cousas normais, que acontecem em fim de governo! Entendemos, porém, que isto é falta de responsabilidade, e um descaso injustificável e bem demonstra que não pode a população esperar pelas autoridades e pelos funcionários que são pagos com o dinheiro que ela recolhe aos cofres públicos, através dos impostos, a fim de realizar os serviços de tal natureza. Cada comerciante, cada família ou proprietário deve, agora, desde que não há quem ouça as reclamações e nem as advertências formuladas, tomar a iniciativa de enxotar, da frente dos seus estabelecimentos, das suas casas, esse comércio ilegal, desordenado e abusivo, pelo menos como medida saneadora. E não pagar impostos destinados a realização deste trabalho... O nosso povo precisa adotar uma norma que as circunstâncias impõem, quando for chegada a oportunidade de escolher os seus governantes: os eleitores irão à casa de cada candidato, verificar, pelo menos, as condições de asseio do seu lar, o modo de viver com sua família e o trato que dispensa aos seus negócios. Constatar tudo isso e verificar se lá há asseio, harmonia e responsabilidade. Indicar como favoritos, aqueles que reunirem estas qualidades. Só assim, então, os negócios públicos serão tratados com critério e seriedade e teremos uma cidade, também asseada e organizada.⁴⁶

Neste pequeno artigo, escrito de forma incisiva pelo jornalista, muitos são os pontos que, nesta preocupação com o comércio ambulante, ele deixa escapar nas entrelinhas (e às vezes diretamente), como suas reais intenções ao escrever sobre este tema. Na verdade, podemos inferir que Luiz Campos estava mesmo era decepcionado com o final da gestão do prefeito Paulo Cabral de Araújo.

Sendo assim, o jornalista disserta sobre o descaso deste governo para com o asseio e a higiene da cidade e, para além disso, com o dinheiro público recolhido através de impostos, de forma que Luiz Campos chega mesmo a propor que as pessoas ajam por conta própria contra este tipo de comércio e deixem de pagar determinado imposto. Se isso fosse feito, a Prefeitura sofreria com os cofres vazios, mas para Luiz Campos, nada mudaria, já que o Executivo Municipal não estava cumprindo o seu papel, podendo, portanto, deixar de receber os valores pagos pela população para que a cidade fosse dotada de benefícios. Mais uma vez, isto nos mostra as intenções dele em se mostrar como alguém que entende o que precisa ser feito pela Cidade e que pode resolver os problemas de seus habitantes.

E o jornalista vai mais a fundo, chegando a falar também de processo eleitoral. Lembremos que pouco tempo antes disso, Fortaleza havia passado por um

⁴⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”. Os casos sujos da cidade. In.: *Gazeta de Notícias*, 06 jan. 1955, p. 3.

novo pleito e eleito novamente Acrísio Moreira da Rocha para voltar a ser chefe do Executivo na Capital. Ao falar de eleição, Luiz Campos sugeria que os fortalezenses mudassem suas maneiras de votar e verificassem como os candidatos agiam nas próprias casas e com a própria família para, a partir disto, decidirem se aquela pessoa seria ou não digna de seus votos. E neste artigo podemos inferir que Luiz Campos se apresentava um pouco ressabiado com a eleição que havia acabado de acontecer.

Assim, percebemos também que os pensamentos de Luiz Campos sobre um dito progresso, que ele mesmo deixava entrever como o entendia, estavam unidos a questões políticas sobre as quais ele se preocupava em alertar os seus leitores, o que mostra a ligação permanente entre a cultura escrita e a cultura política, uma vez que uma está sempre pautada pela outra, de modo que o jornalista, formador de opinião, se expressa de forma a esclarecer o leitor, a partir de seus pontos de vista, para que o leitor haja da maneira que o articulista entende como sendo a melhor para a sociedade e a política.

Passados alguns meses, e já no novo governo, as coisas em Fortaleza pareciam não ter mudado muito na visão do articulista e seus novos artigos a respeito deste assunto podem nos ajudar a corroborar o que alertamos acima.

Desta forma, em artigo de abril de 1955, Luiz Campos vai mais além e diz que em Fortaleza a sujeira, o comércio ambulante e os buracos nas vias se tornariam um símbolo da cidade, pois nem as gestões anteriores nem a atual estavam preocupadas em resolver este problema:

Apreciando-se com atenção o que ocorre em nossa capital, fácil é verificar haver da parte das autoridades completo desinteresse quanto aos serviços públicos, isto tanto nos últimos dias dos governos anteriores (do Estado e do Município) como no início das novas administrações. Já é do domínio público a história do boeiro (sic) existente na rua Duque de Caxias, sem qualquer aviso aos que por ali transitam, o que já resultou em graves desastres de veículos, com perigo de vida. Agora, quem passar pela Praça José de Alencar terá oportunidade de verificar a existência, ali, de um abismo aberto, com a profundidade de 16 metros, sem qualquer proteção, aviso ou abrigo. Sabe-se que aquele logradouro é bastante transitado e, à noite, é mal servido pela iluminação pública. Aquilo consiste num perigo a toda hora, e não sabemos mesmo como já não se registrou um grave acidente. Como se vê domina uma séria apatia e negligência dos executores de tais obras, os quais não querem compreender a necessidade

de salvaguardar a segurança da população. Vamos, então, apresentar outros detalhes que revelam a ausência completa da ação das autoridades em nossa cidade. Ante-ontem (sic), por exemplo, tivemos oportunidade de assistir a três fatos bastante reveladores desse estado lastimável: às doze horas daquele dia, dois homens, com um “cestão”, cheio de “carangueijo” (sic), negociavam o crustáceo na calçada do “Café Globo”; logo em seguida, na mesma hora, um moço, em frente ao Rotisserie, encomendou uma dezena de galinhas que, também, eram objeto de comércio; por último, às 14 horas, um jumento apareceu em pleno centro da Praça do Ferreira, quase ao pé da Coluna da Hora, despertando a atenção geral, principalmente da molecagem que passou a vaiar o pobre jerico, o qual, embora paciente por natureza, ficou totalmente atordoado. Eis o que ocorre com uma cidade que tem foros de metrópole civilizada: as ruas e as praças com boeiros (sic) e abismos abertos, a espera das vítimas desavisadas; o comércio ambulante de carangueijos (sic) e galinhas funcionando, abertamente, no perímetro mais movimentado – Café Globo e Rotisserie; um jumento “flanando” na Praça do Ferreira e um esgoto aberto, há mais de dois meses, na calçada do Majestic, despreendendo (sic) uma fedentina insuportável. Tudo isso, emana do descaso das autoridades a quem estão afetos tais problemas. Diante disso teremos de acatar a revelação de um sinal evidente: boeiros (sic), buracos, jumentos e fedentina, finalmente, terminarão, sem muita demora, como símbolos de administração em nossa terra...⁴⁷

Neste artigo o autor mostra com clareza a sua decepção com as gestões públicas que deveriam organizar a cidade e acabar não só com o comércio ambulante, principalmente de animais, mas também resolver o problema dos buracos e bueiros abertos pelas ruas de Fortaleza.

Interessante lembrarmos aqui da antropóloga Mary Douglas, quando ela afirma que a impureza está relacionada com a desordem. Para ela, “a impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio”⁴⁸.

Acreditamos que Luiz Campos pensava desta forma, já que para ele não era possível dissociar a sujeira do comércio ambulante, sendo este, para o jornalista, um dos maiores problemas de ordenamento da Cidade. O descaso do poder público com tais fatos era tanto, que Luiz Campos chegou até mesmo a insinuar que Fortaleza ganharia o título de “Cidade do Lixo”, uma vez que a imundície reinava na Capital. À época, segundo ele, até porcos estavam sendo comercializados pelas calçadas de Fortaleza:

⁴⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Um Símbolo. In.: *Gazeta de Notícias*, 01 abr. 1955, p.3.

⁴⁸ DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, pp. 6-7.

Ainda não faz muitos dias, constatamos a existência de uma feira de animais na calçada de um dos nossos melhores prédios residenciais, bem no centro da cidade, - a casa do Senador Távora. Lá havia uma dúzia de porcos e bacorins estendidos no passeio; além de uma fila enorme de galinhas, capões, pirus, etc., sujando tudo, provocando uma fedentina “respeitável”. Em diversos pontos da cidade é comum encontrarem-se entulhos enormes de lixo podre, não só nos terrenos baldios, mas tomando as calçadas e o calçamento. Na Aldeota, o bairro que conta com excelentes residências, tais quadros são corriqueiros. É uma imundície completa, onde está faltando, já não a atuação do Serviço de Limpeza Pública (coisa que, praticamente, não existe) mas a própria ação das autoridades sanitárias do Estado.⁴⁹

A falta de credibilidade que o atual prefeito tinha com o jornalista era tanta que durante uma viagem de Acrísio Moreira à Capital Federal para angariar recursos para a cidade, Luiz Campos chamou a atenção do prefeito que assumiria temporariamente, José Martins Timbó, para o assunto do comércio de calçada, já que o prefeito eleito não dava atenção ao tema.

Segundo o jornalista, os 30 dias que Timbó teria no Executivo Municipal seriam suficientes para resolver este problema e, mais uma vez, se utilizou de uma ironia para tentar ser ouvido pelos governantes: “Finalmente, Fortaleza é uma Cidade cheia de problemas, suja, imunda, que não é digna de ser a cidade residência da Miss Brasil 1955! Não é possível, que, com argumento desta ordem, as cousas não tomem outro rumo...”⁵⁰

A preocupação que Luiz Campos mostra com este tema também não está distante das discussões na Câmara de Vereadores. No ano de 1955, várias atas do legislativo municipal registram pedidos à Prefeitura para que houvesse limpeza das ruas, retirada de lixo amontoado, mas ainda são poucos os registros com relação aos problemas do comércio ambulante.

Importante é que percebemos que havia certo interesse por parte do poder público para que fosse permitido este tipo de comércio na cidade. Talvez porque esta informalidade garantisse o abastecimento de Fortaleza. Em março de 1955, o vereador Carvalho Rocha apresenta um requerimento à Prefeitura solicitando que “as calçadas do perímetro central não voltem a ser balcões, para que

⁴⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Cidade do Lixo. In.: *Gazeta de Notícias*, 28 abr. 1955, p.3.

⁵⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Uma Oportunidade para o Prefeito Timbó. In.: *Gazeta de Notícias*, 08 jul. 1955, p.3.

não consinta que a Catedral de Fortaleza volte a ser estábulo de animais e para que providencie a limpeza da cidade”. Em seguida, outro vereador, o jornalista Dorian Sampaio, pede a palavra e fala sobre a importância do comércio de utilidades nas calçadas, pedindo que Carvalho Rocha retire do seu requerimento o que diz respeito aos vendedores ambulantes, ao que consente o primeiro vereador, sem mais discussões.⁵¹

Mais curioso ainda é o requerimento do vereador Djalma Eufrásio que apela ao Prefeito, em maio de 1955, que não seja proibido o comércio ambulante em Fortaleza, “até que sejam construídos mercadinhos apropriados”⁵². Percebemos, assim, que poucos dias depois dos artigos de Luiz Campos citados acima, publicados em abril, a discussão sobre o comércio ambulante também aparece na Câmara Municipal. Mas, naquele ambiente legislativo, o problema parece ter um apelo bem menor que na coluna do jornalista, uma vez que observamos que os vereadores, de certa forma, procuram proteger os homens que sobrevivem do comércio ambulante, não criando leis nem discutindo formas de banir esta atividade profissional, parecem mesmo apoiá-la. No requerimento, o vereador não explica seu pedido. Entretanto, podemos inferir que o legislador queria ganhar prestígio com a categoria dos ambulantes ou que defendia aquele tipo de trabalho por gerar renda na Cidade, mesmo sem pagar impostos.

Somente teremos registros de pedidos pela proibição do comércio ambulante em novembro de 1955, quando o vereador Valter Cavalcante apresenta requerimento propondo um apelo ao Secretário de Serviços Urbanos para “adotar providências para proibir o comércio de calçada nas ruas centrais de Fortaleza”. No mesmo requerimento, o vereador Fernando Bezerra pede que também seja proibido o comércio de peixe e vísceras no cruzamento das ruas General Sampaio e São Paulo⁵³. Já em dezembro, o pedido é do vereador René Dreyfuss, que solicita ao Governador que providencie recursos policiais para a desobstrução das calçadas do centro por conta do acúmulo de vendedores ambulantes⁵⁴.

⁵¹ Ata da 4ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955.

⁵² Ata da 35ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955.

⁵³ Ata da 92ª Sessão do 2º período legislativo de 1955.

⁵⁴ Ata da 23ª Sessão ordinária do 1º período ordinário de 1955.

Tudo isto demonstra que o poder público não encarava este problema da mesma forma que o jornalista, já que, apesar dos apelos, nada de concreto parecia acontecer, e isto dava margem para que ele aprofundasse mais ainda este tema. Assim, Luiz Campos trazia à tona quando abordava o comércio ambulante em Fortaleza, outra de suas preocupações, que era o prejuízo que este tipo de negócio trazia para os cofres da capital.

Para ele, era preciso questionar as atitudes tomadas pelo Governo Municipal e alertar a população de que os artifícios destes gestores, enquanto deixavam este tipo de comércio se estender pela cidade, estavam prejudicando os próprios fortalezenses. Segundo ele:

Não se pode negar que o interesse do comércio está intimamente ligado aos interesses do Poder Público. Se o governo permite que essa concorrência reduza o movimento do comércio, está consequentemente, restringindo a arrecadação que essas casas comerciais encaminham ao erário público. Prejudicando-se a si, em última análise, estará prejudicando, também, a própria população, para cujo benefício se fazem os impostos. É necessário ressaltar que o comércio ambulante, via de regra, só trabalha com mercadorias de qualidade inferior ou completamente deteriorada, o que resulta sempre em prejuízo para o consumidor. Por tudo isso é preciso por um freio nesta maneira de negociar, com barracas, tendas, mesas ou simples panos, que estendem pelos passeios o que já está constituindo, até, um desafio à responsabilidade ou à vergonha dos governantes da municipalidade, pedindo, portanto, um corretivo.⁵⁵

A atenção de Luiz Campos para este tema é tanta que ele irá abordar em seus artigos o comércio ambulante até o final de seu período como articulista na *Gazeta de Notícias*, chegando mesmo a afirmar que talvez fosse melhor nem cobrar os tais impostos dos ambulantes, como queria a Secretaria da Fazenda, mas sim tirá-los das ruas, a fim de limpar o passeio e abrir caminho para os carros e pedestres⁵⁶, principalmente os turistas:

Por último, a questão dos ambulantes de calçada vem tomando novo aspecto com o interesse que desperta na Secretaria da Fazenda do Estado, a cobrança dos impostos regulares desses comerciantes. Sem dúvida, há tendas armadas nas calçadas, tomando, também, parte da pavimentação destinada ao trânsito de veículos, que representam verdadeiros bazares, com artigos caros e em profusão. Essa gente não paga qualquer imposto, sequer (sic) os céleres emolumentos ou as taxas eventuais, aos cofres

⁵⁵ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Comércio Ambulante e o Erário. In.: *Gazeta de Notícias*, 04 nov. 1955, p.3.

⁵⁶ Neste mesmo esteio, percebemos o requerimento do vereador Ribamar Vasconcelos que, em 03 de setembro de 1956 apresenta um requerimento pedindo a retirada dos "mercadores de calçada". Ata da 26ª sessão ordinária do 2º período legislativo de 1956.

públicos. É um comércio irregular, portanto, sob diversos aspectos, desde o fiscal ao higiênico, social, urbanístico e policial. Se há muitos daqueles homens que fazem negócios honestos, quanto à qualidade do artigo e ao preço, na generalidade, porém, se desenvolve, ali, sob a capa de comércio ambulante um regime declarado de autêntica “marretagem”, atraindo, por isso, o concurso de indivíduos inescrupulosos e sem critério algum. Quer a Fazenda do Estado que os ambulantes paguem impostos. Está correto. Mas será esta a solução para o problema? O que a cidade precisa é de que se arrecade daquela gente os tributos da lei e fiquem todos no mesmo lugar? Isto será, talvez, criar uma situação de legalidade para aquele negócio irregular, prejudicial aos interesses do público, encarando-o, mesmo, sob diversos ângulos. O que o povo está a reivindicar das autoridades é a limpeza das ruas e das calçadas da cidade, no centro, , na zona mais movimentada, como solução para esse sério problema, que tanto tem merecido críticas, não só dos que comentam sobre as cousas de Fortaleza e vivem nesta cidade semi-abandonada, como dos que nos visitam, a qualquer propósito. Que a iniciativa da Secretaria da Fazenda desperte na Prefeitura de Fortaleza, a convicção de que não é mais possível adiar a efetivação de providências, dentro da lei, para reparar esse erro e sanear essa mazela que está transformando a nossa Capital numa cidade de pernas para o ar...⁵⁷

Dentro, então, de um único tema de abordagem do jornalista, inferimos, assim como com a temática do transporte coletivo, muitos indícios de suas ideias para a cidade, a política e a economia, de forma que, podemos continuar traçando que Fortaleza era essa que ele representava em seus escritos e recompondo os indícios que ele nos dá de seus pensamentos sobre o futuro de si e da cidade.

1.1.3. “Cousas Inacabadas”⁵⁸

Assim como incomodava ao jornalista a sujeira das ruas, o comércio ambulante desordenado, também havia as obras inacabadas pela cidade que, para ele, estavam tornando-se “pontos turísticos”, pois pareciam intermináveis. Dentre estas obras, encontrava-se o Cine São Luiz, a Catedral Metropolitana, o Colégio Liceu do Ceará e o Estádio Presidente Vargas⁵⁹:

Há em Fortaleza uma série de cousas que não tem fim... Dá início à seriação o Porto do Mucuripe, onde já foram gastas importâncias fabulosas, sem qualquer resultado prático. Agora, o Porto passa para outra fase de construção, com a aplicação das recomendações técnicas do Laboratório

⁵⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Impostos e Comércio de Calçada. In.: *Gazeta de Notícias*, 15 set. 1956, p.3.

⁵⁸ Título do artigo de Luiz Campos em 25 de novembro de 1954.

⁵⁹ Nas atas da Câmara, no período de atuação do jornalista Luiz Campos na *Gazeta de Notícias*, apenas vemos citações de interesse dos vereadores em duas destas obras: o cine São Luiz e o Estádio Presidente Vargas. Há registro, inclusive, na ata da 21ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955, de que o vereador Agamenon Leitão propõe que a Casa dirija um apelo ao prefeito para que este inclua na agenda de realizações daquele ano o término das obras do estádio Presidente Vargas.

de Grenoble. Em seguida vem o edifício do Cine São Luiz, cuja obra está se tornando uma atração turística, não pela imponência ou detalhes arquitetônicos da obra (inexistentes), mas pelo record (sic) de morosidade que registra. A Catedral Metropolitana é construção para ser inaugurada fora do nosso tempo. É provável que os netos dos nossos netos venham a presenciar as festas majestosas que, certamente, assinalarão o fato... O prédio do Liceu do Ceará é um caso de lamentar. Entra governo e sai “desgoverno”, e, não obstante as sucessivas promessas, o edifício do nosso colégio oficial continua com as mesmas instalações deficientes, precárias, aguardando que um dia surja alguém menos relaxado com obras públicas (do ano de 2000 em diante, pois neste século mesmo as esperanças já foram perdidas...). Há ainda o Estádio Presidente Vargas, que nada tem de estádio, a Colônia de Psiquiatras, a sede do Clube Iracema, a estrada que liga Parangaba a Messejana, etc. Tudo isso, sem falar nesse eterno regime de irresponsabilidade que caracteriza a ação administrativa entre nós, esta, aliás, é certo o fator responsável por essa sinfonia inacabada de notas destoantes que, até certo ponto, fala contra a tradição, que já se tornou proverbial, em espírito empreendedor e progressista do povo cearense. As cousas sérias, no entanto, que não deviam se acabar é que estão se exterminando, provocando-nos um estado de desânimo e melancolia.⁶⁰

Para Luiz Campos, mais uma vez, esse descaso com estas obras era culpa do administrador e era uma falta tão grande para com a população, que o jornalista acreditava que somente os netos de seus netos iriam conhecer tais equipamentos, como a Catedral.

Luiz Campos é ainda mais taxativo quando fala que essa situação não se resolveria tão cedo, pois antes do ano 2000 não deveria aparecer nenhum político competente o bastante para resolver estes problemas. Será que era realmente esse o pensamento do jornalista ou apenas uma sugestão aos seus leitores? Mas esse é assunto a comentarmos mais adiante.

Na verdade, acreditamos que o fato de o jornalista tocar nestes assuntos com tanta recorrência remete a um desejo que ele próprio tinha de ver construídas em Fortaleza obras grandiosas que, talvez, representassem, para ele, este progresso que há tanto tempo era esperado. Afinal, Luiz Campos já havia visitado grandes cidades brasileiras, como a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, onde esteve em fins dos anos 1940. Lá, o jornalista teve oportunidade de contemplar construções como o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado em 1909, o estádio Maracanã, que na época em que o jornalista viajou ao Rio de Janeiro estava sendo construído, bem como o Palácio Tiradentes, sede da

⁶⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Cousas Inacabadas. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 nov. 1954, p.3.

Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, inaugurado em 1926, o Palácio Duque de Caxias, inaugurado em 1941, o prédio da Biblioteca Nacional, inaugurado em 1910, dentre tantas outras obras grandiosas que mostravam o desenvolvimento daquela grande cidade e, conseqüentemente, para Luiz Campos, o quanto Fortaleza estava distante daquilo.

Voltando a falar das obras inacabadas pela cidade de Fortaleza, o jornalista mostra, em novo artigo, a sua decepção com a construção do Cine São Luiz:

Não é sem razão que voltamos a comentar o descaso que um filho do Ceará vem dando a sua terra. Todo mundo sabe que o sr. Luiz Severiano Ribeiro é, hoje, um milionário, magnata do cinema brasileiro e deve ao seu torrão natal, ao lado do espírito empreendedor e de trabalho de que é dotado, tudo o que tem. Deve ser um bairrista arraigado, como, inegavelmente, todo cearense é. Pois bem, aquele nosso rico conterrâneo, como prêmio a terra onde nasceu, programou a construção, aqui, de um dos maiores e melhores cinemas do Brasil. Esse plano começou a ser executado, salvo engano, em 1939 ou 40, com a construção daquilo que deverá se chamar CINE SÃO LUIZ. Ocorre que, como o Porto e umas tantas cousas por aí, as obras do cinema tão prometido e aguardado, tiveram de ser paralizadas (sic), do que resultou uma lide judiciária, entre a empresa proprietária e a construtora. Daí, então, de 1942, podemos precisar, ficaram os trabalhos da obra paralizados, e o arcabouço do que terá de ser, algum dia, um edifício, passou a dominar a parte central da cidade, na Praça do Ferreira, qual um filho grande abandonado, sem consciência ou sentido de sua função. Quando foi no ano passado, andaram alisando as paredes do gigante e enfeitaram-lhe o “hall”, para uma exposição política. O povo chegou a se animar e alguns vaticinaram a conclusão dos serviços de acabamento da referida obra, em pouco tempo. Ilusão. Decepcionante ilusão. Os morcegos continuam fazendo seus ninhos nos vãos abandonados da construção do futuro São Luiz! O muro de taboas, feio e deselegante, permanece dando a sua nota destoante em plena Praça do Ferreira, como um sinal evidente de que o já famoso “cinema inacabado” não é realização para a nossa geração. Nas rodinhas dos que comentam tudo, já falaram que o senhor Luiz Severiano Ribeiro teria feito uma promessa para só inaugurar o São Luiz, depois de concluída e celebrada a inauguração oficial da nova Igreja da Sé. Sem dúvida, parece que o comentário procede, realmente, pois é isto que tudo está a indicar. Uma cousa, pelo menos, acode-nos no instante: é que a construção do futuro Cine São Luiz, pelo menos, representará o Ceará, no reduzido volume de atrações turísticas que temos a oferecer, na ocasião em que visitam os viajantes do Pedro II a nossa capital. E representará com destaque, pois que, não resta dúvida, é bastante singular demorar tanto a conclusão de uma construção de tão pouca monta como é a do cinema fantasma da Praça do Ferreira. Muito bem disse um jornal da terra, ao formular crítica do mesmo sentido: “como está, daqui a cem anos, em 2055, os netos dos nossos netos terão de responder a indagação dos visitantes – ISTO AQUI SERÁ O FUTURO CINE SÃO LUIZ QUE ESTÃO, AINDA, CONSTRUINDO...”⁶¹

⁶¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Uma atração Turística. In.: *Gazeta de Notícias*, 23 jan. 1955, p.3. Grifos do autor.

A crítica do jornalista aqui vai para além do poder público, ele chama a atenção dos leitores para o descaso do próprio empresariado cearense para com a cidade. No caso, atinge o empresário Luiz Severiano Ribeiro, que fez fortuna através do ramo de cinema e que tanto demorou a concluir a construção de seu cinema em Fortaleza. Interessante perceber, mais uma vez, a preocupação do articulista com a questão turística de Fortaleza, pois para ele era uma temeridade que aquela obra estivesse maculando a beleza do centro da cidade, a Praça do Ferreira.

A obra estava demorando tanto a sair do papel, que a própria Câmara Municipal também já se manifestava a respeito. Em maio de 1955, o vereador René Dreyfuss solicita ao Secretário de Obras informações com relação à construção da Empresa Severiano Ribeiro⁶². Poucos dias depois, é a vez do vereador Ribamar Vasconcelos também se mostrar interessado neste assunto, ao pedir informações à Prefeitura, com relação à mesma empresa⁶³.

Mas Luiz Campos não perde a oportunidade, ainda, de lembrar das outras obras que continuam sem atenção do poder público para suas conclusões, como é o caso da Catedral Metropolitana. Em uma oportunidade ele chega até a incentivar a campanha encabeçada pelo arcebispo para a conclusão do empreendimento:

O virtuoso arcebispo metropolitano de Fortaleza, vem de iniciar mais um movimento no sentido de intensificar e dar mais vigor à campanha a favor da construção da nossa Catedral. Na realidade, o templo maior do grande rebanho católico da capital cearense precisa se tornar, em tempo mais breve, o verdadeiro monumento de fé cristã de nossa gente. Obra monumental e imponente, está sendo construída à custa dos mais ingentes trabalhos e tremendos sacrifícios da parte daqueles que tomaram a si o encargo de realizar um sonho grandioso do povo cearense. É de muita razão essa reativação da campanha, em prol da construção da Catedral, pois que, a esta altura, já não se pode deixar de comentar que aquela construção precisa ser concluída, como uma obrigação do próprio povo católico de nossa terra.⁶⁴

Já neste artigo, publicado poucos dias depois do anterior, é possível percebermos uma pequena mudança de credo no que diz respeito à conclusão das obras. Para Luiz Campos, que acreditava que o Cine São Luiz não seria terminado

⁶² Ata da 39ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955.

⁶³ Ata da 58ª Sessão ordinária do 1º período legislativo de 1955.

⁶⁴ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Vamos concluir a Catedral. In.: *Gazeta de Notícias*, 29 jan. 1955, p.3.

tão cedo, a Catedral já vivia uma outra realidade, animada pelos esforços do arcebispo e do povo católico de Fortaleza.

É possível ainda depreendermos deste artigo que o fim da construção da nova Catedral Metropolitana também configuraria uma ponta deste progresso tão sonhado pelo jornalista, talvez, mais do que as outras obras inacabadas.

Pode ser ainda que ele visse com maior possibilidade de conclusão as obras levadas à frente pelo próprio povo, em detrimento daquelas encabeçadas pelo governo ou pelo empresariado. Ao que parecia, o jornalista via como cada vez mais distante seus desejos de uma cidade em pleno progresso. Afinal, além de não terem nem sido ainda concluídas estas obras das quais falava Luiz Campos, como elas poderiam funcionar a contento sem luz?

1.2. O Jornalista e a Cidade

1.2.1. “O Coração nas Trevas”⁶⁵

Seguramente, não eram apenas problemas físicos que Luiz Campos percebia em Fortaleza. Os aspectos sociais também preocupavam o jornalista. Na opinião de Luiz Campos, outros fatores que prejudicavam o crescimento de Fortaleza eram, por exemplo, a falta constante de energia elétrica e o avanço da violência.

Para Luiz Campos, os problemas relacionados ao fornecimento de energia elétrica atingiam tanto o cidadão comum como o industrial, dificultando a instalação de um pólo industrial⁶⁶ promissor na Capital, que consumia, no período, cerca de 9.116 Kw/h⁶⁷:

⁶⁵ Título do artigo de Luiz Campos em 10 de novembro de 1955. O título também pode fazer uma referência à obra “Coração das Trevas”, de Joseph Conrad (1902), que leva a crer que Luiz Campos usava este tipo de artifício por ter um bom conhecimento da literatura, bem como por ter um público refinado, que identificaria tal alusão.

⁶⁶ No ano de 1955, o Anuário Estatístico do Brasil, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, informa que havia 2.662 estabelecimentos industriais no Ceará, que ocupavam cerca de 27.987 trabalhadores por mês e geravam uma produção estimada em Cr\$ 922.450. Destes estabelecimentos, 304 pertenciam ao ramo de alimentos, 134 ao da indústria têxtil, 32 à indústria

É a falta de energia que priva de movimentação a pequena indústria de nossa Capital. Os industriais de reduzidos recursos estão piores do que a Prefeitura – em completo estado de desespero e falência, pois falta-lhes energia elétrica para movimentação de suas máquinas. Serrarias, carpintarias, pequenas fábricas, moinhos, oficinas mecânicas e de pintura, postos de lubrificação, tudo, enfim, vive em completo estado de estagnação, sem produzir, sem fazer negócios e a se encaminhar para a falência. E o SERVILUZ exige o pagamento em dia do consumidor que não consumiu coisa alguma, ou pelo menos, não conseguiu ganhar o suficiente para a quitação de suas contas⁶⁸.

Problema também registrado na obra de Gisafran Jucá, quando o historiador aponta as condições nas quais vivia a cidade de Fortaleza em referência à iluminação pública:

Na capital cearense elevadores parados, máquinas das indústrias e da imprensa atingidas, hospitais às escuras tornavam-se fatos corriqueiros. Além do tradicional problema de limpeza nas caldeiras da Light, a situação piorava com a queima de transformadores. (...) O consumo pouco progredia. Em 1946 decaíra para 13.205.572 Kw e, em 1950, registrara-se um acréscimo, chegando a 13.664.943 Kw, o que afetava a precária indústria local. A saída para as empresas mais estáveis, era o emprego de geradores próprios, chegando inclusive a prestar auxílio no fornecimento de energia à cidade, por meio do excedente disponível.⁶⁹

Na mesma obra, Gisafran fala ainda de uma *pane*, no ano de 1955, que teria deixado a cidade à mercê da lenha em um período de racionamento de energia elétrica⁷⁰. O problema de energia elétrica em Fortaleza era tão sério que outro historiador, Antônio Luiz Macêdo, aponta em um de seus estudos que alguns anúncios de periódicos desestimulavam a compra de eletrodomésticos, uma vez que o serviço era ainda uma incógnita na cidade:

Ao contrário dessa tranquilidade gradualmente assumida ao longo das últimas duas gerações – e só de raro em raro perturbada –, para estratos significativos da população de Fortaleza, entre as décadas de 1940 e 1960, não havia qualquer certeza a respeito da aplicação efetiva do potencial elétrico no dia a dia, pois as debilidades da infraestrutura local terminavam projetando para um ponto indeterminado no futuro o acesso regular àquilo

química, 10 à metalurgia e 29 à transformação de minerais. Já em Fortaleza, eram 164 estabelecimentos, que empregavam cerca de 8.400 pessoas, sendo 6.000 homens e 2.400 mulheres. A hora de trabalho na Capital Cearense rendia para o trabalhador, segundo o salário mínimo, Cr\$ 4,67, enquanto na Capital Federal este mesmo período de trabalho rendia Cr\$ 10,00. Ver: **Anuário Estatístico do Brasil – 1955**. Disponível em : < <http://memoria.nemesis.org.br/index.php?p=0&b=0>>. Acesso em 02 de junho de 2012, 17h.

⁶⁷ Ver: **Anuário Estatístico do Brasil – 1955**. Disponível em : < <http://memoria.nemesis.org.br/index.php?p=0&b=0>>. Acesso em 02 de junho de 2012, 17h.

⁶⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A situação da pequena indústria. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 maio 1955, p.3.

⁶⁹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., p. 117.

⁷⁰ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., p. 158.

que, no tempo vivido, costumava reeditar o signo da escassez. Portanto, a necessidade de uma fonte energética gerada desde uma matriz moderna, abundante e barata ganhava, recorrentemente, contornos de uma expectativa adiada. (...) Traços dessa mediação podem eventualmente ser colhidos em linhas de seções modestas dos periódicos, descortinando para a pesquisa histórica vestígios que um mestre da poesia já preconizara como matéria-prima dos autênticos versejadores. Nos anúncios classificados de um vespertino local figurou a seguinte recomendação: “Aparelhos domésticos, geladeiras, radiolas etc. Antes de comprá-los, adquira sua casa própria”. Intrigante, esse enunciado projeta uma disputa entre a propriedade do imóvel e a obtenção de utensílios, quase como se estes fossem similares a benfeitorias, resultados de uma intervenção direta e duradoura na configuração da morada, em vez de aparelhos dotados de relativa mobilidade e, portanto, menos sujeitos a um endereço definitivo. Contudo, sua peculiar sedentariedade denota o preço relativamente alto desses bens, a ponto de rivalizar – mesmo que no limite de uma estratégia discursiva de venda – com a aquisição da casa. Repousa ali inclusive uma ideia acerca do que pode ser mais estreitamente identificado com o esteio concreto do sentimento de privacidade e afirmação individual: a morada própria ou os utensílios domésticos.⁷¹

Como salienta Antonio Luiz Macêdo, a compra dos produtos que precisavam de corrente elétrica para funcionar era posta em cheque pela dúvida gerada nas mentes dos consumidores se aquilo que comprariam por um alto preço seria realmente utilizado em suas residências. Assunto que devia levantar, no mínimo, uma desconfiança da população, afinal, faltar luz era quase uma certeza em Fortaleza.

Assim, não é por acaso que o problema do fornecimento de energia elétrica passa pelas linhas de Luiz Campos. Como salientado pelos dois historiadores, a situação da iluminação pública e do consumo de energia elétrica era precária em Fortaleza, sendo preciso, em algumas ocasiões ainda se utilizar dos candeeiros e velas. Até mesmo na Câmara Municipal várias eram as sessões que se concluíam por conta dos problemas no fornecimento de energia elétrica. Em muitas atas há registros de sessões encerradas “por falta de luz, às 17h50min”⁷².

Luiz Campos não poderia deixar de lado em seus artigos este problema que atingia os fortalezenses. Uma de suas maiores preocupações, além da estagnação gerada na indústria local pela falta de um fornecimento regular de energia, era o alto custo deste serviço para a população:

⁷¹ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. Técnica e Cultura Material na Cidade de Fortaleza (1945 – 1965). In.: **Projeto História**, nº 40, julho de 2010.

⁷² Ata da 7ª Sessão do 1º período extraordinário de 1954.

Fortaleza é uma capital que vive às escuras. É mais um fator a contribuir para o agravamento das condições de insegurança em que vive a nossa população. Nas sombras, os gatunos agem facilmente, e tanto mais quando falta repressão policial. Não é este, porém, o objetivo de nossas considerações de hoje. Pretendemos pôr em evidência, em relação à falta de luz na cidade, um fato que tem despertado a nossa atenção, e para o qual temos sido advertidos por uma legião de pessoas. Em primeiro lugar é que essa crise de energia veio se agravar após as eleições, significando dizer que a nossa população vinha sendo assistida com energia elétrica como um processo de propaganda eleitoral. A energia elétrica, assim, teria sido meio para a conquista de votos. É sintomático, evidentemente...

Por último – e é o que está causando espécie – é a circunstância inexplicável dos talões de avisos de consumo de energia estarem oferecendo, agora, após um mês sem haver fornecimento de corrente elétrica, durante o dia ou a noite, somas muito mais elevadas do que a do mês anterior, quando a Light ainda funcionava. Quer dizer que sem gastar qualquer energia elétrica, por não existir isto em Fortaleza, o consumidor fica, então, obrigado a pagar mais caro!

O talão de aviso, que registrou, em setembro, quando houve luz e força abundantes em nossa capital, uma importância, vamos dizer, de 300 cruzeiros, o do mês de outubro, quando a Light praticamente parou, veio indicando um consumo de 360 a 400 cruzeiros. Difícil é explicar, realmente, a química que está sendo aplicada pelos senhores da empresa “desfornecedora” de energia elétrica à metrópole cearense. Será que o processo das “eleições por mapas” está tendo alguma influência nisso?

O povo não deve silenciar esse assalto da caduca, mas esperta LIGHT. Cada pessoa que se julgar prejudicada deve levantar o seu protesto, mesmo para constituir uma onda de insatisfação e ameaças. Pelo menos isso, ainda pode ser tentado...⁷³

Em um panorama geral, muitos são, novamente, os aspectos que a partir de uma única temática, a falta de energia, o jornalista apresenta. Na Fortaleza de Luiz Campos, a falta de luz estava intimamente ligada a questões políticas e econômicas. Neste mesmo trecho podemos entender que, para Luiz Campos, a falta constante de energia depois do processo eleitoral era também uma espécie de retaliação do prefeito Paulo Cabral para com os fortalezenses, que haviam eleito Acrísio Moreira da Rocha (PR), da coligação que fazia frente ao então prefeito da cidade que pertencia aos quadros da UDN e que neste pleito havia apoiado o candidato de seu partido, o historiador Raimundo Girão⁷⁴.

No artigo acima observa-se, então, claro, que para o jornalista o fornecimento ou não de energia ficava a cargo de interesses políticos, mas quem sempre arcava com o ônus era a população obrigada a pagar os tributos

⁷³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Espertezas da Light. In.: *Gazeta de Notícias*, 18 nov. 1954, p.3.

⁷⁴ Sobre a disputa pela prefeitura municipal em 1954, ver: LOPES, Valmir. **As lógicas da Representação Política**: O processo de mudança de lideranças políticas em Fortaleza. Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação de Sociologia. da Universidade Federal do Ceará, 2005, p. 58.

correspondentes aos gastos com a energia, que não era fornecida a contento. A insipiente indústria também era prejudicada por estas constantes quedas de energia e precisava possuir meios próprios de obter eletricidade, como geradores.

Não podemos esquecer que é na década de 1950 que o crescimento da indústria no nordeste é tomado como política pública, através da criação de entidades como o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), fundado em 1952, e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), fundada em 1959. Ambos os órgãos tinham como objetivo fomentar o desenvolvimento da região Nordeste que era assolada pelas constantes secas e pela escassez de recursos⁷⁵. Principalmente o BNB, que teve sua sede instalada em Fortaleza, pretendia contribuir com o crescimento da região através da indústria.

Também não podemos deixar de citar que o próprio empresariado cearense estava crescendo e tinha interesses em aproveitar estes incentivos, tanto que é neste mesmo período que também é fundada a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), em 1950, por iniciativa do industrial Waldir Diogo, que pertencia ao ramo da extração de óleos e construção civil⁷⁶. Sendo assim, preocupava-se o jornalista, que via nas constantes faltas de energia um entrave a todos estes investimentos para o crescimento da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará.

Em outras oportunidades, Luiz Campos não vai ser menos taxativo em mostrar que o preço da energia cobrado em Fortaleza era abusivo, uma vez que os consumidores não gozavam do serviço como era de se esperar. Diante disso, o jornalista também não se furtava às ironias quando o assunto era o fornecimento de energia elétrica:

Já estamos no décimo primeiro dia de 1955. No Ceará, ou digamos melhor, no Nordeste, o mês de janeiro é o início da estação chuvosa. Ocorre, porém, que, até agora, já nos meados do primeiro mês do ano, não choveu,

⁷⁵ Disponível em <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/O_Banco/Historico/gerados/hist_1950.asp>. Acesso em 16 de abril de 2012, 16h. Sobre a importância destes equipamentos para o desenvolvimento de uma indústria no Ceará, ver: PARENTE, Josênio C. **A Fé e a Razão na Política**: Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses. Fortaleza: Edições UFC, 2000, pp. 135-152.

⁷⁶ Disponível em <http://www.fiec.org.br/documentacao/hpre/wds_b.htm>. Acesso em 16 de abril de 2012.

pelo menos no Ceará. A hora que estamos redigindo estas considerações, faz um calor sufocante e alguém ao nosso lado, como que na mania muito cearense, comenta: isto é chuva muita que vem por aí... Durante o dia tem varrido a cidade uma ventania solta, desarrumando tudo e arrastando uma poeira desconfortante. Não obstante, faz calor. À noite, temos tido um luar maravilhoso, poético mesmo, que tem chamado atenção, ainda mais, pelo fato de faltar luz nas ruas da cidade.⁷⁷

Percebemos que, mesmo ao falar de um outro assunto, a seca⁷⁸ que também atingia a cidade naquele período, o jornalista não perde a oportunidade de chamar a atenção de seus leitores quando fala do luar que tem iluminado as noites quentes de Fortaleza, uma vez que a iluminação elétrica das ruas não tem acontecido. E suas ironias não cessam por aí:

Volta o problema da luz em Fortaleza ao cartaz. Parece palhaçada de papangú, encenada para meninos tolos. O que está ocorrendo com o SERVILUZ ninguém se iluda, e zangue-se quem quiser, é falta de orientação. Aquilo está sendo governado erroneamente e o resultado é o que estamos assistindo. O certo é que o povo vem sendo enganado desde o início com conversa fiada, invenções, histórias sem fundamento e nada dessas explicações, no final das contas, explica a verdade e o que de real e positivo se passa com a usina de Mucuripe. (...) Ali as coisas vão concentradas de um sério e condenável relaxamento, o maior responsável pelo fracasso da solução do problema de luz e força de Fortaleza. Fique a população de nossa capital convicta de que, a continuar assim, nessa falta de responsabilidade e de conhecimento, sem ter quem queira trabalhar de verdade, sem haver quem tenha entendimento perfeito da questão e dos fatos a ela ligados, dentro de pouco tempo seremos uma cidade completamente às escuras, a falta de energia elétrica. Verdadeiro descalabro – o fruto de uma administração desastrada, que o povo na sua cegueira não soube repelir e permitiu que se implantasse, ainda que tudo fosse ajudado pelo sopro da fraude e da demagogia. Conforto para a população nem se fala. Tudo vai desaparecer. Não haverá luz nem para os terrenos que estão sendo loteados num subúrbio da cidade e desbravados com tratores da prefeitura, de que tanto se tem falado, à boca miúda por aí... E ficarão perdidos os 180 mil cruzeiros de fios e cabos ultimamente adquiridos para aquela extensão... O que será da nossa pequena indústria? As oficinas mecânicas e as serrarias desaparecerão. Tais trabalhos passarão a custar fortunas. Ninguém tem recursos, nos dias atuais, para a aquisição de um gerador, mesmo pequeno. E quem irá comprar esses estabelecimentos fracassados? O descalabro que nos ameaça é tenebroso. E Fortaleza, a cidade desgovernada, que tem um serviço de luz completamente desorientado, se transformará, dentro de pouco tempo, na “Terra da Escuridão”, acabando com a tradição da Terra da Luz. É tratar, enquanto é tempo, de montar uma fábrica de candieiro (sic) e aumenta a quota de querosene. E por fim, haver a conformação de ser cidade de

⁷⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: E as chuvas não chegam. In.: *Gazeta de Notícias*, 11 jan. 1955, p.3.

⁷⁸ Gisafran Jucá também aborda as constantes secas ocorridas na década de 1950. Na seca de 1955, em especial, o historiador registra que 2.773 cearenses haviam emigrado. Ele aponta que neste período eram muitos os que ainda eram enviados para a região amazônica a fim de trabalhar nos seringais, fato que ficou conhecido, durante os anos de 1937-1945, como “Exército da borracha”. Assim, os sertanejos, na década de 1950, ainda sonhavam com uma vida melhor no norte do país e continuavam sendo enviados para aquela região através de incentivos do Governo. JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., pp. 86-95.

segunda, administrada por governo de última classe! Olha as trevas, “Coração do Povo”!⁷⁹

Neste artigo, escrito já depois da criação do Serviluz (Serviço de Luz e Força em Fortaleza) na gestão de Paulo Cabral, em maio de 1954, percebemos que o jornalista continuava pessimista e bem irônico em relação ao fornecimento de energia na cidade. Para ele, o serviço nunca ficaria a contento, mas todo o problema seria resultado da falta de orientação do órgão, isto é, da má administração pública do Executivo Municipal⁸⁰.

Como sempre, Luiz Campos se mostra preocupado com o futuro da cidade, em termos de progresso, desenvolvimento, pois uma das suas maiores incertezas é a indústria, e mesmo as pequenas, como oficinas mecânicas e serrarias, mas também com o futuro político da capital, que, para o jornalista, continua sendo administrada por políticos de competência duvidosa.

1.2.2. “Gatunagem – Problema do Momento”⁸¹

Já que viva em uma cidade onde a falta de luz era constante, não se admira que Luiz Campos também se preocupasse com outro problema que para ele deixava a desejar o progresso de Fortaleza: o crescimento da violência, ou da “gatunagem”, como costumava-se falar na época. Junto à gatunagem, ele percebia também problemas relativos ao policiamento em Fortaleza. Para o jornalista, a violência na Capital dava-se por vários motivos:

Verdadeira onda de assaltos, arrombamentos e furtos vem se registrando em nossa Capital, provocando um clima de apreensão e intranquilidade no seio da população fortalezense. Se, na verdade, chega-se a criticar a ação policial pela ineficiência das medidas repressivas tentadas ou postas em prática para defender a população dos crimes contra o alheio, não se pode negar a existência de uma série de fatores de outra ordem, que, aliando-se

⁷⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O “Coração” nas Trevas... In.: *Gazeta de Notícias*, 10 nov. 1955, p.3.

⁸⁰ A Câmara de Vereadores, apesar de ter tido vários registros em suas atas, neste período, de sessões finalizadas por conta da falta de luz, também não parecia tão interessada em discutir os problemas concernentes ao fornecimento de energia. Os poucos registros que encontramos na atas pedem apenas a regularização dos serviços em alguns pontos da cidade, a instalação de transformadores e lâmpadas em alguns bairros de Fortaleza, não gerando grandes discussões, por exemplo, como as que aconteceram relativas ao sistema de transporte público.

⁸¹ Título do artigo de Luiz Campos em 17 de novembro de 1954.

numa convergência única, constitui um problema dos mais sérios e delicados de caráter social e administrativo.⁸²

Para Luiz Campos, neste período o país estava vivendo uma grande crise de valores⁸³, que o levaria a problemas como estes que estavam ocorrendo em Fortaleza. Esta crise, para ele, se dava por fatores diversos: sociais, administrativos, jurídicos e de recursos materiais. Para o jornalista, estava havendo um “desajuste” das pessoas, que com as “taras” despertadas estavam indo para a marginalidade. Mas o pior, para Luiz Campos, é que o exemplo vinha de cima, das elites, que através da corrupção governavam o país. A crise material era mais voltada para a própria estrutura da polícia que, para ele, não recebia os recursos necessários da administração pública.

Assim, nesse primeiro artigo sobre o assunto, ele leva seu leitor a refletir mais sobre os problemas nacionais⁸⁴, principalmente a corrupção e a falta de estrutura da polícia como um todo, do que locais. Já em outra oportunidade, apenas 10 dias depois, ele mostra com maior clareza sua visão do problema em nossa cidade:

Já tecemos considerações a respeito do problema que vem se agravando em nosso meio, qual seja o da gatunagem. Mas o assunto merece, agora,

⁸² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Gatunagem – Problema do momento. In.: *Gazeta de Notícias*, 17 nov. 1954, p.8.

⁸³ A década de 1950 no Brasil ficou marcada por ter sido um período democrático em meio a duas ditaduras. Foi nessa década que aconteceram transformações significativas em nosso país, sendo uma delas, a chegada da televisão, que proporcionou uma revolução dos meios de comunicação em âmbito nacional. Além disso, é importante salientar que foi um período marcado por acontecimentos políticos relevantes, como o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em agosto de 1954, além da eleição de Juscelino Kubitschek, que pretendia dar ao país um salto desenvolvimentista, que culminou com a construção da cidade de Brasília, que se tornaria Capital Federal em 1960.

⁸⁴ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na metade da década de 1950, o Brasil contava com uma população estimada em 58.456.000 habitantes, sendo destes cerca de 270.000 fortalezenses. A nossa Capital era a sétima cidade mais populosa da Federação. No país a principal atividade econômica ainda era a agricultura, sendo cerca de 50% dos homens economicamente ativos trabalhadores deste ramo. O país contava com cerca de 3 milhões de pessoas inativas. O documento não esclarece as taxas de desemprego. Entretanto, salientamos que em toda a Federação havia apenas 1.745 logradouros pavimentados, 1.467 com abastecimento de água domiciliário, 528 com esgotamento sanitário e 3.553 com iluminação pública e domiciliária. No Ceará, estes números eram de 110 logradouros pavimentados, 15 com abastecimento de água em domicílio, 2 com esgotamento sanitário e 180 com iluminação pública e domiciliária. Na área da saúde, o Brasil possuía apenas 5.708 estabelecimentos médico-hospitalares, sendo destes 101 no Ceará e 64 em Fortaleza. O número de leitos na Federação era somente 187. 218. Já no que tange à instrução, o país contava com 18.882.488 analfabetos, na maioria mulheres, sendo 1.257.735 residentes no Ceará e 36.814 em Fortaleza. No total da população nacional, o documento oficial registra que havia 61% de brancos, 26% de pardos e somente 10% de pretos. Ver: **Anuário Estatístico do Brasil – 1955**. Disponível em: < <http://memoria.nemesis.org.br/index.php?p=0&b=0>>. Acesso em 02 de junho de 2012, 17h.

outros comentários de ordem mais objetiva. Como se sabe a Delegacia de investigações e Capturas é um órgão considerado importante para combater a onda de furtos que vai se avolumando calamitosamente em Fortaleza. Não conta com pessoal adequado suficiente, as suas instalações são precaríssimas, e, até material de expediente falta, muitas vezes obrigando o Delegado a tirar dinheiro do bolso para comprar papel, fita de máquina, carbono, etc., a fim de não parar, de todo, o serviço. Isto é verdade e nos foi dito pelo próprio chefe daquele Departamento...

Ora, não é através do órgão encarregado de prender os gatunos, quando os furtos e roubos são consumados e depois das queixas formuladas pelas partes, que poderemos enfrentar o problema da repressão à gatunagem em nossa terra. Somos sinceros e honestos em afirmar que os rapazes da DIC, são incansáveis e trabalham, ativamente, para recolher o maior número de “lufas” ao xadrez. Mas de que tem valido todo esse esforço? Realmente, de nada! A grande maioria dos casos de furto ficam sem solução e as vítimas não tem outro caminho, se não o da conformação. Por outro lado, os gatunos, presos, depois de dois ou três dias são postos em liberdade. Na verdade, não há outro modo de agir, nas condições atuais. Como irá o delegado sustentar essa gente, se falta verba até para as coisas mínimas e indispensáveis à repartição? O erro e o mal estão, indubitavelmente, na falta da planificação de um programa de ação conjunta. É, até certo ponto, inépcia administrativa em relação a uma questão de grande importância para a vida da cidade. A gatunagem deve ser combatida, com medidas preventivas, através do policiamento da cidade, a qual está vivendo em completo abandono, entregue às mãos desonestas dos “amigos do alheio”. Para que serve a guarda civil? Onde está a eficiência deste serviço que se conhece por “Corpo Civil de Vigilância” (existe ainda?), para o qual se paga uma mensalidade sem qualquer efeito? O comércio, a indústria, o povo, enfim, todos pagam impostos escorchantes para a manutenção desses órgãos (não se inclui aí o CCVF que é particular) destinados a garantir a ordem e a tranquilidade pública. No entanto, o que menos se vê é garantia e tranquilidade para a população. Nem mesmo para o próprio governo que ainda há poucos dias foi vítima do seu próprio descaso e negligência, através do assalto de gatunos à Secretaria de Educação...

Antes do problema da GATUNAGEM, o povo de Fortaleza sofre o problema do POLICIAMENTO.⁸⁵

Aqui, neste primeiro artigo em que o jornalista trabalha de forma mais específica o problema da gatunagem em Fortaleza, podemos perceber diversos aspectos que ele explora. Para Luiz Campos, o aumento da violência era devido a uma grande falta de investimentos públicos, começando com a falta de material das próprias delegacias de polícia.

Além disso, o articulista percebia que o descaso era tanto, por parte dos administradores públicos, que até os órgãos do governo estavam sendo vitimados pelo crescimento dos crimes na capital. Portanto, para ele, Fortaleza, sofria não só com a “gatunagem”, mas com o policiamento ineficiente, fruto de todos estes problemas que ele apresenta aos seus leitores.

⁸⁵ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os ladrões e o policiamento. In.: *Gazeta de Notícias*, 27 nov. 1954, p.3. Grifos do autor.

É possível percebermos que a indignação do jornalista não é apenas com a violência, mas sim com a falta de comprometimento dos homens públicos com o dinheiro pago pela população para o saneamento dos problemas da cidade. Assim, ele continua alertando seus leitores para o pagamento de impostos e o mau uso deles pelas autoridades.

Em outro artigo, Luiz Campos chega até mesmo a afirmar que existia uma certa “conveniência” que impediria que as notícias de muitos crimes acontecidos na cidade chegassem aos ouvidos das famílias de Fortaleza:

Está prendendo as atenções da população local e provocando justa revolta, o injustificável crime praticado por dois indivíduos de más taras, sem compostura e dominado pelos baixos instintos, contra uma indefesa menor de dez anos. A GAZETA DE NOTÍCIAS tem denunciado ao público e às autoridades diversos casos da mesma natureza, os quais se repetem quase diariamente na nossa capital. Tais fatos são advertências de que temos uma sociedade em decomposição, que se desagrega, diante da complacência da lei, agravada pela falta de punição dos culpados e da apatia das autoridades competentes para coibir o mal, os crimes e a corrupção. (...) E como se verifica que fatos e mais fatos da mesma natureza se repetem, ameaçando a segurança das famílias de Fortaleza, urge que cautelas rigorosas sejam adotadas, para exterminar este estado de cousas, inclusive com a eliminação das conveniências que permitem não chegue ao conhecimento público muitas verdades e muitos crimes.⁸⁶

Até mesmo a violência no trânsito chegou a ser tema dos artigos de Luiz Campos. Para ele, Fortaleza estava se tornando um lugar perigoso para se tráfegar e os que cometiam esses crimes não eram punidos:

Ainda na semana passada tivemos três casos fatais de atropelamento e os motivos apontados em todos eles foi excesso de velocidade que os veículos desenvolviam, em artérias de intenso movimento. Já se tem verberado, reiteradamente, fazendo o coro em voz emissora – rádio e jornais – o abuso de velocidade por parte dos motoristas, sejam profissionais, sejam amadores. As vítimas continuam sendo imoladas em número sempre crescente, sendo de criticar que, não obstante o agravamento desta questão, não se procure tomar qualquer providência da parte das autoridades para fazer parar essa onda assassina. Ao contrário do que se exige e do que recomenda a lei e o bom senso, não são os responsáveis por esses crimes punidos como merecem, e os processos instaurados terminam, sempre, por ser arquivados. E, desse modo, as autoridades responsáveis, em vez de medidas preventivas de coação, visando à proteção dos pedestres, contribuem com o afrouxamento de suas atitudes, para aumentar o grau de periculosidade do tráfego urbano.⁸⁷

⁸⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Crime dos Tarados. In.: *Gazeta de Notícias*, 13 maio 1955, p.3.

⁸⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os crimes de atropelamento. In.: *Gazeta de Notícias*, 1 set. 1955, p.3.

Os casos de atropelamento ainda voltam a ocupar as linhas dos artigos de Luiz Campos em outras oportunidades⁸⁸, mas o interessante é ressaltar, mais uma vez que, nesta Fortaleza representada pelo jornalista, havia um grande descaso do poder público para com todos os tipos de crime, sejam eles relacionados aos furtos, ou à gatunagem, aos crimes de trânsito e, até mesmo, ao uso de drogas ilícitas como a maconha:

A maconha em nosso estado, e principalmente em Fortaleza, é negociada quase que abertamente. Transportam-se volumes da erva maldita como se fossem cousa qualquer, - um remédio, um bálsamo salvador. Não há - podemos dizer - um trabalho à altura de fiscalização, vigilância e repressão ao comércio da maconha. Os cigarrilhos aviltantes e venenosos são fumados em praça pública. Não há que temer em se entregar à embriaguês de maconha em plena via pública de nossa cidade. Há pais que vivem verdadeiro drama de preocupações, ora com os filhos - rapazinhos - ora com as filhas - mocinhas ainda no colégio - temendo a maconha. Quantos casos conhecemos de indivíduos entregues, completamente, à degenerescência pelo vício do entorpecente aniquilador, os quais provocam espanto e apreensões no seio das famílias!⁸⁹

Ainda assim, como todos os problemas apresentados por Luiz Campos no âmbito da violência em Fortaleza, ele chega a tecer diversos elogios ao chefe de policiamento da capital, o senhor Murillo Borges, de quem falaremos nos próximos capítulos e sobre quem desfiaremos as relações entre ele e o jornalista.

De toda forma, o que vale depreender neste ponto do estudo é que o jornalista, na sua construção de uma cidade problemática, aponta a violência como um dos pontos de perigo que, mais uma vez, ameaçavam o progresso da capital e que não era vista pelas autoridades municipais com a devida atenção, bem como os demais problemas já citados.

Porém, havia ainda outros problemas que impediam este progresso tão desejado pelo jornalista para a cidade de Fortaleza, mas que ele falava com menor frequência em seus artigos, como veremos adiante.

⁸⁸ CAMPOS, Luiz. "Considerações": A morte de Vlademir. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 abr. 1956, p.3.

⁸⁹ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Combate a maconha. In.: *Gazeta de Notícias*, 2 jul. 1955, p.3.

1.3. O Jornalista da Cidade

1.3.1. “Como melhorar uma situação”⁹⁰

Os temas trabalhados por Luiz Campos apresentados até agora são os mais recorrentes, em relação à cidade de Fortaleza, em seus artigos. Entretanto, eram vários os problemas que o jornalista percebia na cidade.

Desta forma, ele também criticou em suas colunas a falta de atenção das autoridades com as praias de Fortaleza⁹¹, que, segundo ele, estavam sendo tomadas por homens “de caráter duvidoso”, que jogavam futebol nas areias e afastavam as famílias do já tradicional banho de mar⁹².

Além disso, alertou seus leitores sobre as péssimas condições em que, para ele, estava o Cais do Porto⁹³ e criticou, veementemente, a atuação dos órgãos de fiscalização sanitária em Fortaleza, questionando-se:

Onde se encontra, então, a atividade do serviço de saúde pública? Realmente, não se faz sentir, perante a população os seus serviços. Quem chegar em qualquer casa de pasto ou restaurante, nos dias atuais, com raras exceções, verifica, sem muito exame, que não há fiscalização da Saúde Pública em nossa Capital. Há hotéis e restaurantes, por exemplo, que as próprias toalhas que cobrem as mesas são verdadeiras imundícies, a tal ponto de já termos assistido pessoas recusarem refeições por não se sentir bem na sujeira. As condições de asseio, sem dúvida, desses estabelecimentos são as mais precárias, e, por isso mesmo, estão a exigir um reparo sem perda de tempo. Já que não há providências da parte das autoridades encarregadas de orientar esse serviço de vigilância, chegamos a formular um apelo aos srs. proprietários de hotéis, no sentido de que, pelo menos as toalhas sejam mudadas todo dia, a fim de que Fortaleza não venha a receber dos visitantes o julgamento que seu povo não merece – o de cidade suja.⁹⁴

⁹⁰ Título do artigo de Luiz Campos em 20 de abril de 1955.

⁹¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Praias abandonadas. In.: *Gazeta de Notícias*, 09 mar. 1956, p.3.

⁹² Este assunto também é abordado pelo sociólogo Paulo Linhares. Para ele, desde a década de 1920, as famílias começaram a frequentar as praias da cidade, atraídas pelo banho de mar, que havia deixado de ser apenas uma recomendação terapêutica. O autor aponta que em grandes cidades litorâneas, como Salvador, Recife, Rio de Janeiro e Fortaleza, houve uma espécie de “democratização” da praia, que não agradou as classes mais abastadas. Desta forma, podemos inferir que, talvez, o jornalista Luiz Campos não se conformasse em ver as pessoas, principalmente homens, de classes sociais menos privilegiadas frequentando as praias que eram de usufruto das pessoas ricas da cidade. Ver: LINHARES, Paulo. Op. Cit.

⁹³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Cais do Porto. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 fev. 1955, p.3.

⁹⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Inoperancia dos Serviços de Saúde. In.: *Gazeta de Notícias*, 14 jan. 1955, p.3.

Percebemos, então, por mais um trecho de seus escritos que, ao falar da cidade, Luiz Campos apontava seus problemas, indicava os “culpados” (sempre o poder público e, de forma mais incisiva, o executivo municipal), mas também chamava a população, seus leitores, para que tomassem atitudes, uma vez que os governantes não tinham coragem para fazer o que, segundo o jornalista, era importante para a cidade.

Sendo assim, é relevante também indagar sobre quem era este sujeito, quais eram suas aspirações (sociais, políticas, profissionais). Mais que isso, é preciso perguntar quais seriam seus interesses ao falar sobre o cotidiano da cidade, ao revelar os problemas que via, e ainda ao sugerir possíveis soluções para estes problemas, instigando o Governo Municipal a aplicar suas ideias como políticas públicas.

Ideias essas que, segundo ele, melhorariam a vida dos cidadãos de Fortaleza. Encontramos, dentre muitos dos seus artigos, uma vasta quantidade de “soluções” para os problemas que o jornalista apontava na cidade. Exemplo disso é o que ele faz no artigo de 29 de dezembro de 1954, ao explicar para a Prefeitura como deveriam ser feitas as vistorias dos ônibus no começo do ano:

Faltam poucos dias para outro ano. Já iremos chegar na época do emplacamento dos veículos. Não seria demais lembrar as autoridades de trânsito certas medidas oportunas, as quais poderão ser postas em prática naquela ocasião, principalmente no que diz respeito à vistoria nos ônibus que fazem o transporte da população, para os diversos bairros. Como se conhece, os nossos transportes coletivos oferecem um aspecto lastimável. Poucos, muito poucos, aliás, encontram-se em condições de trafegar, de acordo com as exigências legais, aliás, mínimas e indispensáveis para a execução de um serviço de tamanha responsabilidade. Não queremos mesmo chegar ao estado de conservação dos veículos. Isto já está muito batido e pouco tem valido as advertências e reclamações neste sentido. Mas o caso dos extintores de incêndio não se pode dispensar. Há uma determinação muito justa da Inspetoria de Trânsito, obrigando a cada ônibus trazer, pronto para entrar em ação, um extintor de fogo. Sucede, porém que isto não está sendo obedecido e não encontramos um veículo sequer (sic) que tenha um aparelho daquela ordem. Em certa época essa determinação chegou a ser cumprida, mas foi relaxada. Quando suceder fato idêntico aquele que vitimou diversas pessoas, como resultado de incêndio em um coletivo lotado de passageiros, incidente que causa profunda consternação no seio da população em geral, então, voltará a ser exigido das empresas proprietárias de ônibus o uso de extintores nos transportes. Na realidade, somos de uma negligência lastimável e só cuidamos de por em prática algo a favor da coletividade, quando isto já nada mais pode resultar. Não temos o espírito da previdência. Finalmente é preciso reconhecer que já nos viciamos em fechar a porta depois de

roubados. Mas, diga-se a verdade, não é a falta de conselhos e advertências!...⁹⁵

Neste artigo, não só o jornalista alerta as autoridades para como deveriam agir no momento das fiscalizações do transporte coletivo, alvo de uma grande preocupação de Luiz Campos, mas ele chama a atenção, ainda, para os problemas que já aconteceram antes por falta de cuidado das autoridades com este serviço, como o caso do incêndio, em que o ônibus não possuía extintor de incêndio.

Desta forma, os propósitos do jornalista ao escrever artigos direcionados, mais especificamente, ao poder público, de forma a ajudar a solucionar os problemas da cidade, é algo que remete a uma análise profunda, pois pode relacionar-se às aspirações políticas do articulista, que iremos trabalhar mais a frente.

Por isso, é preciso analisar outros exemplos desta postura do jornalista de tentar mostrar as soluções cabíveis para os problemas da cidade. Vejamos, então, como ele pensava que deveria ser o funcionamento das farmácias em nossa capital:

Não é sem razão que sempre formulamos críticas às autoridades, do Estado ou do Município, pois sem contestação, muitos são os motivos que se nos oferecem para isso. O caso das farmácias de plantão está na ordem do dia, merecendo as vistas da imprensa para reclamar das autoridades mais atenção para aquilo que interessa a coletividade. Há poucos dias foi denunciado o fato de não estarem os estabelecimentos farmacêuticos designados para o plantão da noite, obedecendo as determinações das autoridades, causando, assim, não só prejuízo, mas grave perigo para muitas vidas. Foi na sexta-feira da semana passada que, das três farmácias de plantão, apenas uma estava aberta, atendendo ao público. A respeito desse assunto de tanto interesse público, ouvimos de um proprietário da farmácia justa reclamação. É que, quando aqueles estabelecimentos ficam de plantão, nenhuma segurança lhes é conferida, ficando o estabelecimento sujeito a assaltos de gatunos, de indivíduos irresponsáveis ou de maus escrúpulos. (...) Pensamos que já é tempo da Associação dos Proprietários de Estabelecimentos Farmacêuticos entrar em contato com os responsáveis pelo policiamento da cidade, a fim de conseguir, pelo menos, guardas de vigilância para os perímetros onde estiverem estabelecidas as farmácias de plantão. Outro aspecto desta questão, prende-se a Prefeitura. Ante-ontem (sic), por exemplo, foram designadas para o plantão da noite as farmácias Fortaleza, São Jorge e Moderna. Ora, esta última – a MODERNA – há muito tempo já não funciona. A firma proprietária fez a liquidação de seus negócios e lá consta apenas o prédio de portas fechadas. De fato, então, estiveram atendendo a população no dia 23 para 24 duas farmácias apenas. Vê-se aí, então, a falta de entrosagem nos serviços da Prefeitura. Havendo uma secretaria especializada para tratar de tais assuntos, e

⁹⁵ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Vistoria nos transportes coletivos. In.: *Gazeta de Notícias*, 29 dez. 1954, p.3.

sabendo-se como é fácil a fiscalização e tomada de contacto com as farmácias, nada de difícil estabelecer-se um controle, mesmo sem rigor, do funcionamento do sistema adotado, pelo menos para mostrar que há justeza na administração municipal.⁹⁶

Aqui, o importante é notarmos que, além da intenção de mostrar ao público o problema da falta de controle do funcionamento das farmácias que deveriam funcionar à noite, o jornalista se apresenta como indicador dos erros da administração pública. Ele aponta que as farmácias não abriam no horário que era determinado por falta de segurança, já que a Prefeitura determinava que abrissem, mas não destacava policiais para fazerem a proteção destes espaços.

Por outro lado, Luiz Campos se mostra ainda irritado com a falta de organização da Administração Municipal, que não se preocupa nem mesmo em identificar quais são as farmácias que estão em funcionamento para poder determinar aquelas que deverão funcionar durante a noite.

Assim, o jornalista se posta com autoridade para falar que o trabalho de fiscalização é fácil, demonstrando ao público que lia seus artigos que a secretaria municipal responsável por esse controle das farmácias era ineficiente.

Nesse sentido, muitas outras são as falhas dos serviços públicos, sejam eles municipais ou estaduais, apontadas por Luiz Campos. Um caso emblemático que ele nos mostra é a falta de aparelhagem do Corpo de Bombeiros da capital, situação que tinha ficado bastante clara durante o episódio do incêndio do Cine Majestic:

As cenas infernais que o povo de Fortaleza assistiu ante-ontem, durante o tenebroso incêndio que destruiu o edifício do Cine Majestic e o das Lojas Brasileiras, foram previstas, desde há muito tempo, pelo atual Comandante do Corpo de Bombeiros, Coronel Mozart Gondim, quando de uma palestra demorada que mantivemos. Naquela ocasião, visitamos a corporação dos soldados do fogo e tivemos a oportunidade de conhecer muito de perto a verdadeira situação de deficiência e desaparecimento do Corpo de Bombeiros. A respeito, tivemos oportunidade de escrever alguns trabalhos jornalísticos, chamando a atenção das nossas autoridades para a situação de desamparo em que vivia a nossa população, diante das calamidades dos incêndios. Ante-ontem (sic) quando desenvolvíamos intenso trabalho na cobertura da reportagem para a GAZETA DE NOTÍCIAS, em meio aquela agitação tremenda, na aflição angustiante emanada da expectativa da

⁹⁶ CAMPOS, Luiz. "Considerações": O Plantão das Farmácias. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 fev. 1955, p.3.

destruição total, sem as possibilidades à mão para desenvolver as necessárias e eficientes tarefas de salvamento, fomos encontrar o Coronel Gondim, comandando os seus homens, arriscando a própria vida, naquele trabalho formidável desenvolvido pelos bombeiros. (...) A cidade de Fortaleza é, então, um centro aberto ao fogo. A sua população, o comércio, a indústria, a qualquer momento, poderá se encontrar diante do desastre calamitoso. O dinheiro, arrecadado pelo governo, do comércio, da indústria e dos proprietários, através de imposto, é desviado para outras despesas e a corporação que presta um serviço público da maior necessidade e utilidade é posta de lado, sempre a exigir sacrifício de abnegados. Os administradores tem desprezado o Corpo de Bombeiros, esta é a verdade e só quando sucede uma calamidade como o incêndio do Majestic é que se pensa em solucionar a grave questão, confirmando a sentença de que somos um povo que só fecha a porta depois de saqueado. (...) É provável que agora essa gente se emende! Pelo menos a casa já foi roubada... Advertências, conselhos e apelos é que nunca faltaram.⁹⁷

Por este trecho, bem dramático, que Luiz Campos apresenta, percebemos mais uma vez que o jornalista não se mostrava atento apenas em apresentar as falhas do governo, mas também lembrar ao público que, de alguma forma, ele mesmo já tinha alertado, em outras oportunidades, para os problemas que estavam acontecendo e o administrador não havia tomado nenhuma providência.

Tudo isto denota que o jornalista já se apresentava aos seus leitores como um homem apto a resolver estes problemas, uma vez que estava atento a tudo o que acontecia na cidade e se propunha a resolver estas questões de diversas maneiras, a fim de ajudar que o tão sonhado progresso chegasse à Fortaleza.

Então, ele não poderia se furtar a dar as soluções cabíveis para os problemas que mais o incomodavam na cidade, como a questão do trânsito que, segundo ele, estava ficando caótico:

A cidade cresce, vai se tornando uma metrópole de intenso movimento, com uma população ponderável. Desse modo, a evolução de Fortaleza vai exigindo reformas em sua vida quotidiana. A esta altura, entendemos que não é possível se continuar com o mesmo padrão tradicional de vida, principalmente no que tange ao horário de funcionamento dos estabelecimentos de negócios, onde a população emprega suas atividades. Já temos uma situação que permite uma reforma nesse horário. Aí está o tremendo problema do transporte do povo. Mas não faltam elementos a mão, para, pelo menos, minorar as condições atuais, bastando para isso disposição e iniciativa. Vamos sugerir ao senhor Prefeito que entre em contato com as autoridades estaduais e do Ministério do Trabalho, convoque as entidades representativas do comércio e da indústria, solicite a

⁹⁷ CAMPOS, Luiz. "Considerações": O Incêndio. In.: *Gazeta de Notícias*, 06 abr. 1955, p.3.

colaboração dos empresários de ônibus e procure uma fórmula para dar à tão importante questão uma solução compatível. A guisa de alvitre, arriscamos indicar a seguinte iniciativa a ser posta em prática: estabelecer horários que não sejam coincidentes, para o início das diversas atividades, com obediência ao seguinte: comércio em grosso e de ferragens – funcionamento de 7 às 10 e de 12 às 17 horas, comércio de representações, (escritórios, agentes, peças, acessórios, rádios, geladeiras, automóveis, etc.), de 7,30 às 11 e de 13 às 17,30 horas; por fim, comércio varejista, farmácias, casas de modas, sapatarias, etc, de 8 às 12 e de 14 às 18 horas. Isto não irá solucionar o problema dos transportes em nossa Capital, é evidente. Porém acreditamos que melhoraria muito as atuais condições de congestionamento nas ruas, por ocasião de se apanhar ônibus, pela manhã, ao meio dia e à tardinha.⁹⁸

No referido artigo, o jornalista se dirige especificamente às autoridades municipais, dizendo como elas deveriam agir para organizar o sistema de trânsito da cidade. Luiz Campos determina os horários, manda que o Prefeito convoque os interessados e acertem as modificações, que, para ele, iam levar a cidade a um status de “metrópole”, pois da maneira caótica como estava funcionando o trânsito, não era adequado para tal cidade.

Mais relevante ainda é perceber que o jornalista se mostra despretensioso ao sugerir isso, dizendo que “não temos outras pretensões nisso, a não ser colaborar com as autoridades num caso que entendemos pertencer a todos”⁹⁹. Assim, Luiz Campos tenta mostrar ao público que não tem interesses pessoais ao sugerir essas mudanças estruturais na cidade.

Entretanto, através das reflexões de Roger Chartier e Pierre Bourdieu sobre leitura em debate publicado no livro “Práticas da Leitura”, os estudiosos apontam que, como historiadores, devemos pensar o texto de várias maneiras: como uma instrução, como uma indicação de formas de agir ou fazer.

Assim, todos os detalhes que permeiam os textos devem ser questionados: os usos de pontuação, as letras em maiúsculo, os títulos e subtítulos, que, para Pierre Bourdieu “são igualmente uma manifestação de uma intenção de

⁹⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Como melhorar uma situação. In.: *Gazeta de Notícias*, 20 abr. 1955, p.3.

⁹⁹ Idem.

manipular a recepção. Há, portanto, uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça”¹⁰⁰.

Desta forma, questionemos a intenção que tinha o jornalista ao se mostrar sem maiores pretensões. Não seria o contrário? Afinal, os interesses que permeavam a escrita de Luiz Campos já davam indícios de que ele não tardaria mesmo a chegar à Prefeitura Municipal de Fortaleza, na década seguinte.

Então, ao apresentar ao público estas ideias, já poderia ser um indício de intenções, sejam elas no âmbito político, ou mesmo jornalístico, ao sair à frente dos colegas ao propor tais atitudes para as autoridades, pois seguindo no esteio do que é pensado por Bourdieu

O fato de que uma coisa que era oculta, secreta, íntima, ou simplesmente indizível, mesmo que não recalcada, ignorada, impensada, impensável, o fato de que essa coisa torne-se dita e dita por alguém que tem autoridade, que é reconhecido por todo mundo, não somente por um indivíduo singular, privado, isso tem um efeito formidável.¹⁰¹

Logo, conclui-se que questionar também quem era o público que recebia essas informações, que tinha acesso a essas representações de cidade, é outro interesse de nosso estudo, já que, tomando por base as reflexões de Antônio Cândido, entendemos que “o público é o fator de ligação entre o autor e sua própria obra”¹⁰².

1.3.2. “Quero saber se tenho amigos”¹⁰³

Sendo assim, como Luiz Campos sempre se dirigia diretamente aos seus leitores, dando indicações de como deveriam agir e se portar diante do comportamento que era tomado pelos administradores públicos, é preciso também buscarmos indícios de qual era a inserção dos artigos de Luiz Campos dentro da sociedade de Fortaleza.

¹⁰⁰ BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural (debate). In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001, p. 235.

¹⁰¹ Idem, p. 244.

¹⁰² CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria Literária e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 38.

¹⁰³ Título do artigo de Luiz Campos em 23 de junho de 1955.

É certo que, àquela época, a *Gazeta de Notícias* era um dos jornais mais baratos vendidos na cidade, mas a concorrência com outros periódicos era bastante grande. Naquele período também circulavam em Fortaleza os jornais *O Nordeste*, ligado à Arquidiocese de Fortaleza, *Correio do Ceará*, *Unitário* e *O Povo*, merecendo muito destaque os três últimos, preocupados com a modernização de seus equipamentos e a qualidade dos seus suplementos, principalmente literários.

Na década de 1950 é destaque na obra de Geraldo Nobre, que a *Gazeta de Notícias* passava por um período de decadência, mudando várias vezes de proprietários e diretorias. Todavia, o mesmo autor salienta que, naquela década, ganhou destaque no jornalismo cearense o colunismo: “espécie de jornalismo leve, com a preocupação de levar ao leitor o máximo de informações”¹⁰⁴.

Não sabemos se os artigos de Luiz Campos podem ser enquadrados nesta perspectiva de “jornalismo leve”, como aponta Nobre, já que em certos momentos o jornalista se utilizava de uma linguagem bastante incisiva, mas, por outro lado, percebemos que, realmente, seus artigos se aproximam desta perspectiva de levar ao leitor muitas informações.

Para além disso, Nobre também apresenta outra característica mais atraente do jornalismo cearense naquele período, segundo ele “(os jornais) quase todos são independentes, e seguem uma linha democrática, influenciando consideravelmente na opinião pública”¹⁰⁵.

Não é possível analisarmos com mais afinco esta inserção dos artigos de Luiz Campos na opinião pública, mas, por este aspecto apontado por Geraldo Nobre, é possível compreendermos a posição muitas vezes incisiva de Luiz Campos, bem como de suas intencionalidades ao instigar seus leitores a tomar determinadas atitudes.

¹⁰⁴ NOBRE, Geraldo da Silva. Op. Cit., p. 153.

¹⁰⁵ Idem. Ibidem.

Entretanto, antes de tentarmos visualizar a inserção dos artigos de Luiz Campos em meio a um público, devemos esclarecer que nem todos os tipos de leitura e leitores são iguais:

a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais (7), uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. O procedimento supõe o reconhecimento de diversas séries de contrastes. De início, entre as competências de leitura. A clivagem, essencial porém grosseira, entre analfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito.¹⁰⁶

Assim, acreditamos que se os artigos de Luiz Campos não fossem lidos, não haveria sentido em escrevê-los¹⁰⁷. Desta forma, buscamos perceber de que maneira podemos mostrar esse vínculo entre autor e público.

Infelizmente, poucas são as formas de interação entre o jornalista e seus leitores que tivemos a oportunidade de verificar. Um primeiro indício que isto existia são as cartas de leitores publicadas pelo jornalista, mas durante os dois anos nos quais escrevem as colunas diariamente, apenas três cartas foram selecionadas por Luiz Campos para serem apresentadas ao seu público leitor.

Uma delas chama bastante atenção. É a carta de um leitor, pai, que indignado com os acidentes de trânsito que estavam acontecendo nas proximidades

¹⁰⁶ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In.: **Estudos Avançados** 11 (5), 1991, pp. 178-179.

¹⁰⁷ É preciso lembrar ainda que havia outras formas de circulação das ideias do jornalista, uma vez que lidos os seus artigos, os leitores reproduziam as ideias apontadas por ele em suas conversas com amigos e familiares, aumentando o acesso de pessoas àqueles assuntos tratados por Luiz Campos.

de escolas, escreve para Luiz Campos pedindo que o jornalista tome alguma atitude a esse respeito e divulgue estes fatos¹⁰⁸.

Prontamente, Luiz Campos publica a carta e, poucos dias depois, volta a apresentá-la ao público, afirmando que estava fazendo aquilo a pedido de seus leitores. Infelizmente, cinco dias se passam da segunda apresentação da carta e o jornalista publica um novo artigo contando a história de mais um acidente com vítima fatal nas proximidades de um colégio¹⁰⁹.

As outras duas cartas publicadas na coluna de Luiz Campos se referiam a problemas menos graves e, talvez, por isso, não tenham chamado tanta a atenção como a primeira. Em uma delas o leitor pede ao jornalista que se posicione frente à questão da construção de uma maternidade.

O importante no que toca esta carta é a forma como Luiz Campos a apresenta, tentando mostrar aos seus leitores que estava aberto a receber este retorno dos seus escritos e, mais, fala que recebia vários comentários, cartas e bilhetes sobre aquilo que escrevia:

Nesta seção temos desenvolvido um trabalho modesto, porém bem intencionado a favor de causas justas, focalizando os problemas do nosso povo, criticando o descaso das autoridades, às vezes, em outras ocasiões, no entanto, louvando os gestos nobres ou as determinações corretas. Isto tem valido, até certo ponto, para que se sinta haver interesse da parte de um grupo de leitores por estes escritos. Desse modo, então, não raro, estamos recebendo sugestões, cartas, comentários, todos de pessoas que sentem a repercussão destas considerações e procuram externar pontos de vista, quase sempre sensatos, que recebemos com satisfação.¹¹⁰

Entretanto, se isto que o jornalista estava falando fosse verdade, poucas foram as oportunidades em que ele selecionou as cartas e comentários para apresentá-las ao seu público e, aí, fica a nossa interrogação sobre como o jornalista fazia este tipo de seleção. Talvez, publicasse não só aquilo que o interessasse, mas também que desse espaço para responder quem enviava as cartas e convencer seus leitores sobre suas opiniões, uma vez que sempre se preocupava em dar um retorno pessoal às cartas que eram publicadas.

¹⁰⁸ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Sugestões de um pai. In.: *Gazeta de Notícias*, 15 abr. 1956, p.3.

¹⁰⁹ CAMPOS, Luiz. "Considerações": A morte de Vlademir. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 abr. 1956, p.3.

¹¹⁰ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Problemas sérios. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 ago. 1955, p.3.

Neste exemplo, o leitor se mostra insatisfeito com a atitude dos órgãos públicos de construir tal maternidade, pois ele acreditava que isto não resolveria o problema das mães pobres. Então, apela para o jornalista:

E, dada a gravidade do problema, peço a V. S., que em seus apreciados artigos, trate do assunto, chamando a atenção dos poderes públicos, pois não é justo que os problemas que atingem o povo, sejam resolvidos pelo próprio povo, como vem acontecendo, através de campanhas filantrópicas que se vem promovendo em Fortaleza, numa demonstração frisante de que os governantes não estão à altura dos cargos para os quais foram eleitos pelo povo.¹¹¹

O retorno ao que é solicitado pelo missivista é prontamente divulgado por Luiz Campos quando, logo abaixo da carta escreve:

O nosso acatado Chico Lima focaliza um assunto por demais interessante que denuncia uma grave situação que já se constituiu norma entre nós. As soluções são adotadas, sem, no entanto, buscar-se as questões correlatas, daí porque tudo fica no “feito por não feito”. Desde que se vai solucionar o problema da maternidade, seria o caso cuidar de melhor aparelhagem para o juizado de menores. Não é só nascer meninos. É preciso que eles cresçam sadios, física e moralmente.¹¹²

Pelo retorno que o jornalista dá a esta carta, pode-se inferir que ele concorda com a opinião do leitor, mostrando, mais uma vez, a falta de atenção das autoridades para com aquilo que elas deveriam proporcionar à população. Além disto, Luiz Campos ainda indica o que era melhor a ser feito com o dinheiro que estava sendo usado para a construção da maternidade, dando solução para o problema apresentado pelo leitor.

A partir disso, poderíamos pensar que o jornalista publicasse apenas cartas sobre as quais concordasse com o conteúdo e que pudesse referendar a opinião do leitor-missivista. Porém, não é desta forma que acontece. Na terceira carta publicada pelo jornalista ele se mostra contrário à opinião do leitor.

Nesta carta, o leitor questiona a compra do prédio da Cimaipinto pelo Banco do Nordeste do Brasil:

¹¹¹ Carta do leitor Chico Lima. CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Problemas sérios. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 ago. 1955, p.3.

¹¹² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Problemas sérios. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 ago. 1955, p.3.

Fortaleza, 15 de outubro de 1955 – Os jornais de hoje publicam os detalhes da operação do prédio da CIMAIPINTO pelo Banco do Nordeste. São cousas deste país. Gastam-se milhares de cruzeiros na instalação de um banco para pouco depois vir outra operação no mesmo sentido. Entretanto, o que mais estarece o simples observador (que nada pode desejar de tal banco) é o negócio de “avô para neto” que se pretende fazer. Enquanto o humilde agricultor para obter algum dinheiro, digamos Cr\$ 200.000,00 para a conclusão de um açude precisa hipotecar seus bens naquele banco, num valor de Cr\$ 600.000,00 a mil contos, como garantia, um super capitalista consegue uma venda que é uma autêntica hipoteca sem juros nem prazo. Pois, entrega um prédio por 13 mil contos com direito a reversão pelo mesmo valor quando o Banco instalar sua sede definitiva! Assim qualquer um será rico... Seu leitor, Tarcísio Almeida.¹¹³

Logo após a apresentação da carta, Luiz Campos se posiciona:

Não poderíamos deixar de acusar o recebimento da missiva do nosso prestimoso e bom leitor. Todos os que nos lêem merecem a nossa melhor consideração. A transcrição da carta, sem dúvida, se faz necessária para que possamos abordar o assunto em melhor posição. Acreditamos, realmente, nos bons propósitos e na ideia bem intencionada do missivista, que, como se verifica pelo estilo, é pessoa ilustrada e sabe expor bem os seus pontos de vista. Entendemos, no entanto, que houve da parte do sr. Tarcísio, um julgamento que não se apresenta bem à realidade, em relação à transação havida com o prédio para o BNB. É verdade que o crédito para o nosso agricultor, neste país, ainda obedece a uma norma com a qual não concordamos, pois se processa através da modalidade de um negócio quando deveria ser em forma de SERVIÇO. (...) No que se relaciona, porém, como pretende o nosso leitor fundamentar com a compra do prédio, é que não há muita justiça. Comentando sempre assuntos que possam interessar ao público e abordando os mais imediatos problemas da coletividade, precisamos confessar que fomos um dos primeiros a investigar e procurar conhecer, em detalhes, tudo a respeito do negócio. Uma séria necessidade, a fim de escrever sem precipitar. Apressamo-nos, por isso, a vir em favor do Banco do Nordeste.¹¹⁴

Depois disso, o jornalista passa a defender o negócio feito pelo Banco e criticado pelo leitor, explicando que concordava com a mudança do prédio atual do BNB para o que estava sendo adquirido. Entretanto, é bom percebermos, mais uma vez, a intencionalidade de Luiz Campos ao apresentar esta carta quando mostra aos seus leitores seu pioneirismo em ir “investigar” o negócio que estava sendo travado pelo Banco, outra marca de sua postura como jornalista.

Continuando neste esteio de investigar a inserção dos artigos de Luiz Campos na sociedade, outra forma de percebê-la é através de outras cartas

¹¹³ Carta do leitor Tarcísio Almeida. CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O BNB e o prédio da Cimaipinto. In.: *Gazeta de Notícias*, 21 out. 1955, p.3.

¹¹⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O BNB e o prédio da Cimaipinto. In.: *Gazeta de Notícias*, 21 out. 1955, p.3.

publicadas pelo próprio jornal e não expostas na coluna do jornalista. Uma delas é um agradecimento público do Banco de Crédito Comercial que, na ocasião, agradece ao jornalista um artigo em que parabeniza pela passagem do aniversário de 30 anos da instituição¹¹⁵.

Outra carta publicada na *Gazeta de Notícias* é de um leitor, chamado José Vittrino de Freitas que elogia um artigo do jornalista. Na oportunidade, o leitor se apresenta concordando com a posição de Luiz Campos, que em um de seus artigos havia alertado a população contra o deputado Carlos Jereissati, episódio que renderá maior atenção no próximo capítulo¹¹⁶.

Todavia, é possível percebermos ainda a inserção de seus artigos nos meios políticos e sociais através do próprio jornal, quando traz matérias, notas e até mesmo editoriais sobre a figura do jornalista, mostrando alguns casos em que seus artigos tem repercussão, por exemplo, nas casas legislativas, como a situação onde um deputado que tece elogios ao jornalista em sessão da Assembléia Legislativa pela publicação de um artigo no qual Luiz Campos pedia às autoridades a construção da Cidade Universitária.¹¹⁷ Sobre o mesmo artigo, a *Gazeta* chega a publicar uma outra matéria em que fala que o deputado Paes de Andrade também havia tecido elogios pela atitude do jornalista em trazer à tona a questão da construção da Cidade Universitária.¹¹⁸

Além destas manifestações elogiosas, o próprio jornal chegou também a apresentar situações em que Luiz Campos estava sendo alvo de críticas na Assembleia Legislativa, episódio acontecido depois de o jornalista ter publicado um artigo no qual fazia referência à má conduta de alguns políticos do interior do estado.

Neste caso, o Deputado Cincinato Furtado Leite vai à tribuna da Assembleia e tece críticas à atitude tomada pelo jornalista, além de acusar o deputado Paes de Andrade, que seria cliente do escritório de advocacia de Luiz

¹¹⁵ O Banco de Crédito Comercial agradece a Luiz Campos. Carta do Banco de Crédito Comercial. In.: *Gazeta de Notícias*, 04 mar. 1956, p. 1.

¹¹⁶ Aplausos ao jornalista Luiz Campos. Carta do leitor José Vitorino de Freitas. In.: *Gazeta de Notícias*, 13 out. 1955, pp 7-8.

¹¹⁷ Elogio de Dep. a Luiz Campos. *Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1955, p. 01.

¹¹⁸ Elogio de Paes de Andrade. *Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1955, p. 01.

Campos, de usar o jornalista para escrever o referido artigo acusando opositores do deputado¹¹⁹. Entretanto, é bastante clara, desde a manchete da matéria ao próprio conteúdo, a posição de defesa ao jornalista que a *Gazeta de Notícias* toma.

Todavia, não é preciso percebermos apenas o quanto os artigos de Luiz Campos tinham inserção na sociedade. Precisamos também refletir se havia interesse das pessoas em ler os escritos de Luiz Campos, por isso é necessário investigarmos o que a sociedade da época esperava ver ecoando nos jornais.

Assim, buscamos os periódicos para observarmos o conteúdo abordado pelos articulistas, bem como o que as pessoas expressavam nas cartas de leitores. Pouco era o espaço que os jornais disponibilizavam para articulistas como Luiz Campos, dando mais ênfase a artigos de jornalistas de outros estados que eram reproduzidos nos periódicos locais.

No entanto, tivemos a oportunidade de verificar que Luiz Campos não era uma voz isolada ao cobrar a solução de determinados problemas que ele via na cidade de Fortaleza. Exemplo disso, podemos encontrar na seção “Crônicas do Ceará”, do Correio do Ceará.

Nestes artigos, também são constantes as cobranças ao poder público para que sejam solucionados problemas da cidade, como o transporte coletivo, a limpeza pública, a mendicância e a violência, assuntos muito próximos aos que Luiz Campos tratava.

Em uma das colunas, que não eram assinadas, o jornal apresenta a questão dos engarrafamentos em Fortaleza, principalmente na Praça do Ferreira. Assim como Luiz Campos, o articulista que escrevia a coluna argumenta que os engarrafamentos e as facilidades não ajudavam ao crescimento e ao desenvolvimento de Fortaleza. Para ele, a cidade precisava fluir, mesmo que para isso as pessoas precisassem andar mais até conseguir tomar o transporte.¹²⁰

¹¹⁹ Assembleia Legislativa: Deputado Cincinato tirou conclusões falsas. *Gazeta de Notícias*, 06 set. 1951, pp. 1 - 4.

¹²⁰ Crônica do Ceará. In.: Correio do Ceará, 18 ago. 1955, p. 4.

Outro destaque da mesma coluna eram os artigos que traziam à tona a questão da sujeira. Alguns artigos destacam as vendas de animais na Praça Castro Carreira. O autor explica que teme que a cidade acabe virando uma pocilga, pois a sujeira que se acumula não se justifica em uma cidade de 300 mil habitantes e em franca expansão.¹²¹ Outro fato que aponta para o atraso de Fortaleza, na opinião do articulista, é a mendicância, pois, segundo ele, muitos dos pedintes eram ainda capazes de realizar trabalhos.¹²²

Da mesma forma que Luiz Campos, ainda, o articulista também trata da questão da “maré de azar” com relação às faltas constantes de energia. Segundo ele, os problemas de falta de luz eram causados somente por falhas do sistema, mas também por conta de abalroamentos. Entretanto, também ataca ao poder público quando fala aos leitores que foram gastas, por exemplo, mais de 20 horas para providenciar a troca de um poste, após uma batida de carros. Assim, também para quem escrevia essas linhas, Fortaleza estava distante de se tornar uma cidade desenvolvida.¹²³

Todavia, os assuntos, apesar de também serem constantes nestas colunas do Correio do Ceará, não aparecem com a mesma intensidade das de Luiz Campos, até porque a seção não aparece diariamente no jornal.

Isso já pode nos dar um indício que os assuntos que Luiz Campos trazia em suas linhas eram de interesse do público, uma vez que ele não era o único jornalista a chamar a atenção para tais problemas.

Mas podemos perceber, ainda de forma mais intensa, a empatia das pessoas com os artigos de Luiz Campos se buscarmos resquícios que nos levem a inferir quais os assuntos essas pessoas esperavam que fossem abordados pelos articulistas dos periódicos.

¹²¹ Crônica do Ceará. In.: Correio do Ceará, 25 ago. 1955, p. 4.

¹²² Crônica do Ceará. In.: Correio do Ceará, 31 ago. 1955, p. 4.

¹²³ Crônica do Ceará. In.: Correio do Ceará, 08 set. 1955, p. 4.

Assim, nos interessamos também em buscar as seções de cartas dos leitores dos jornais da época. A *Gazeta de Notícias*, periódico no qual escrevia Luiz Campos, não possuía uma seção de cartas dos leitores. O jornal em que achamos a maior incidência de correspondências publicadas neste período foi também o *Correio do Ceará*.

Este jornal apresenta a seção intitulada “Tem a Palavra o Leitor”, na qual são publicadas correspondências daqueles que escrevem ao jornal, a fim de verem suas reivindicações expostas para os demais leitores. Lembramos, entretanto, que estas cartas eram selecionadas pela editoria responsável, retratando também uma posição do próprio veículo que, neste espaço, fala através dos próprios consumidores.

Porém, é através destas cartas publicadas que podemos ter uma ideia de como pensava o leitor de jornal da Fortaleza dos anos 1950, quais eram os anseios, as frustrações, os desejos e angústias daqueles que escreviam para a seção de correspondências do *Correio do Ceará*.

Um dos assuntos mais recorrentes nas cartas de leitores eram aqueles relacionados às questões do transporte público. Os leitores que escreviam para o *Correio do Ceará* se queixavam, por exemplo, dos constantes aumentos das passagens de ônibus¹²⁴, o desrespeito dos motoristas às paradas dos coletivos¹²⁵, o excessivo número de paradas¹²⁶, bem como a desorganização do sistema de transporte como um todo.¹²⁷

Além disso, incomodava aos leitores do *Correio do Ceará* a sujeira nas ruas, como as da Aldeota, a exemplo da Antônio Augusto, onde um leitor acusava haver um montouro de lixo, do qual não cuidava a prefeitura¹²⁸. A sujeira no bairro da Aldeota também é apresentada pelo leitor José Augusto da Silva, que fala da

¹²⁴ Tem a palavra o leitor. In.: *Correio do Ceará*, 12 jan. 1955, p. 4; 01 abr. 1955, p. 4; 02 abr. 1955, p. 4.

¹²⁵ Tem a palavra o leitor. In.: *Correio do Ceará*, 26 fev. 1955, p. 4.

¹²⁶ Tem a palavra o leitor. In.: *Correio do Ceará*, 23 mar. 1955, p. 4.

¹²⁷ Tem a palavra o leitor. In.: *Correio do Ceará*, 22 abr. 1955, p. 4.

¹²⁸ Tem a palavra o leitor. In.: *Correio do Ceará*, 05 jan. 1955, p. 4.

imundície acumulada em uma das ruas do referido bairro.¹²⁹ Outro leitor fala ainda que a cidade está se tornando um viveiro de bichos de pé, já que muitos são os animais que andam soltos pelas ruas¹³⁰, caso também abordado por Luiz Campos.

Assim, também como o jornalista, os leitores se mostravam preocupados, ainda, com a falta de segurança em Fortaleza. Um leitor aborda, por exemplo, o caso de dois crimes que culminaram em morte numa mesma noite e, segundo ele, os responsáveis não haviam sido pegos pela falta de policiais¹³¹, fato também explorado por Luiz Campos, quando falava que os problemas da violência estavam diretamente ligados à falta de estrutura da polícia.

Desta maneira, podemos perceber que os assuntos que surtiam interesse nos leitores de jornal da época estavam bastante ligados aos que Luiz Campos os apresentava, podendo o jornalista se investir em uma posição que o colocava em destaque no periodismo local, já que falava diretamente aos consumidores de jornal da época, que esperavam ter dentro dos veículos pessoas que explorassem assuntos que eles queriam ver repercutir.

Estes são, assim, alguns dos indícios que tivemos a oportunidade de colher durante nossa pesquisa sobre a inserção dos artigos de Luiz Campos na sociedade. Importante perceber que os assuntos sobre os quais o jornalista tem um retorno de seu público leitor são os mais diversos e, dentre eles, além das questões políticas, os problemas que ele apontava na cidade de Fortaleza, também são ressaltados.

Entretanto, o maior caso em que houve repercussão dos escritos de Luiz Campos será tratado apenas no próximo capítulo, pois diz respeito a um desentendimento do jornalista com o deputado Carlos Jereissati. Daí, já podemos inferir que as aspirações políticas que indicamos nas análises que tivemos oportunidade de fazer, ao longo de todo este capítulo, sobre os artigos de Luiz Campos, ganharam força.

¹²⁹ Tem a palavra o leitor. In.: Correio do Ceará, 06 jan. 1955, p. 3.

¹³⁰ Tem a palavra o leitor. In.: Correio do Ceará, 20 jan. 1955, p. 3.

¹³¹ Tem a palavra o leitor. In.: Correio do Ceará, 15 fev. 1955, p. 3.

É preciso salientar, por fim, que o jornalista deixou de escrever suas colunas diárias na *Gazeta de Notícias* em outubro de 1956, quando se afastou do jornal para assumir uma diretoria na Caixa Econômica Federal, situação que, por si só, já mostra que Luiz Campos estava ganhando prestígio dentre os seus pares do Partido Social Democrático e que, de todo modo, seus escritos estavam ecoando, se não tanto por entre a sociedade como um todo, mas pelo público político.

Assim, no próximo capítulo iremos trabalhar a fundo estas relações políticas estabelecidas pelo jornalista, desde o seu ingresso nos quadros do PSD até conseguir se sagrar vencedor do pleito de 1962, quando concorreu ao cargo de vice-prefeito de Fortaleza. Neste aspecto, tentaremos esmiuçar as relações que ele travava com seus correligionários, bem como com seus desafetos, além de percebermos como a sua atuação na Caixa Econômica também rendeu possibilidades para que ele enfrentasse uma eleição e angariasse, depois que deixou a prefeitura, a confiança de políticos de maior “calibre” para indicá-lo a outros cargos políticos que assumiu.

CAPÍTULO II: DO JORNALISMO PARA AS DISPUTAS POLÍTICAS

Neste capítulo analisaremos o envolvimento do jornalista Luiz Campos com a política cearense. Na década de 1950, quando entrou para o jornalismo, através da *Gazeta de Notícias*, Luiz Campos já pertencia a um partido político, já possuía relações de amizade e desafeto dentro deste ambiente e, claro, já tinha algumas aspirações.

O capítulo foi dividido em três tópicos. O primeiro abordará a formação dos partidos políticos no Ceará, após o período do Estado Novo, bem como o início das disputas que foram se constituindo entre estes partidos. No segundo tópico analisaremos o envolvimento do jornalista com o cenário político alencarino. Aqui, refletiremos sobre os conflitos partidários que tinham como personagens principais os líderes do PSD e do PTB. Na última parte, faremos a análise do processo de indicação e nomeação de Luiz Campos como dirigente e, depois, presidente da Caixa Econômica Federal, no Ceará.

Para construir o capítulo trabalhamos com as seguintes fontes históricas: os artigos de Luiz Campos, desta vez, os que versam sobre os conflitos que serão abordados e as posições tomadas pelo jornalista; os discursos proferidos por Armando Falcão, na Câmara Federal dos Deputados, bem como as atas desta mesma instituição, além de matérias de jornais, cartas e notas publicadas quando de uma discussão de Luiz Campos com Carlos Jereissati. A partir deste capítulo também passaremos a utilizar imagens dos jornais da época, que ajudarão ao leitor a perceber o clima criado pelos periódicos e como as notícias chegavam até a sociedade.

2.1. O PSD Cearense e Luiz Campos

2.1.1. A formação dos partidos em âmbito nacional

Em 1945 terminava o obscuro período da ditadura de Getúlio Vargas. O Estado Novo, como ficou conhecido o período de fechamento da política brasileira que vai de 1937 a 1945, chegava ao fim. Com o Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, Getúlio Vargas apresentava o novo Código Eleitoral. Ficava, assim, estabelecida a possibilidade de criação de partidos¹³² obrigatoriamente nacionais, rompendo com o regionalismo que reinava até então.

Desta forma os grupos foram se juntando, de acordo com os seus interesses, e os partidos¹³³ foram sendo registrados. Nacionalmente, em 07 de abril de 1945, funda-se a União Democrática Nacional, UDN, formada pelas forças contrárias à ditadura varguista.

O Partido Social Democrático, PSD, é fundado em 17 de julho de 1945, sob o comando dos interventores estaduais, nomeados por Getúlio Vargas. Em seu programa, o partido era favorável a uma legislação trabalhista e à intervenção do Estado na economia.

Também identificado com o que pregava Getúlio Vargas, foi fundado por ele e por seu Ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes, em 15 de maio de 1945, o Partido Trabalhista Brasileiro, PTB. Este partido tinha como base eleitoral o operariado urbano e possuía uma forte ligação com os sindicatos¹³⁴.

¹³² Os antigos partidos haviam sido dissolvidos em 1937, após o Decreto-Lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937, ficando proibida, até a promulgação de uma lei eleitoral, a organização de instituições partidárias.

¹³³ Para Serge Berstein, são quatro as condições que definem o conceito de partido político, são elas: a duração no tempo, isto é, a duração longa de um partido, que significa que ele está respondendo às tendências da opinião pública; a extensão no espaço, qual seja, a formação de uma estrutura nacional vinculada a estruturas locais, abrangendo boa parte da população; a aspiração ao exercício do poder, que pressupõe um projeto político conveniente à nação, e a vontade de buscar o apoio da população, recrutando militantes e atraindo o voto de eleitores. Para Berstein, estes elementos foram identificados nos diferentes países em que se desenvolveram partidos políticos. RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996, pp. 62-63.

¹³⁴ Sobre a formação dos partidos após a Era Vargas, ver "Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) – Partidos Políticos Nacionais". Disponível em

No âmbito nacional, formou-se um quadro de getulistas versus antigetulistas. Para o cientista político Bolívar Lamounier¹³⁵, o PSD constituía o lado conservador deste getulismo, uma vez que contava com representações da “alta burocracia”, como os interventores estaduais e administradores municipais, que haviam servido ao Estado Novo. Muitas destas lideranças eram vinculadas aos grandes proprietários de terra e comerciantes, que ainda tinham o poder de controlar grande parte do eleitorado pobre das áreas rurais.

Já ao PTB, para o mesmo cientista político, caberia a posição de articulador das ideias getulistas com os segmentos sindicais, levantando a bandeira das conquistas da Consolidação das Leis do Trabalho¹³⁶ (CLT). Tinha também a intenção de angariar apoio entre os industriais, enriquecidos durante o Estado Novo, que, segundo Lamounier “viam com bons olhos o figurino da industrialização autárquica, protegida e subsidiada pelo governo”¹³⁷.

A UDN aparecia, por fim, como a oposição liberal ao Estado Novo. Para o cientista político, o partido antigetulista diferenciava-se do PSD e do PTB principalmente pelo fato de ser formado por uma “classe média elitista” e que se recusava a um processo de redução de distâncias sociais. Era também caracterizada pela crítica à relação entre o Estado e a iniciativa empresarial.

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/PartidosPoliticos>>. Acesso em 18 de abril de 2012, 9h.

¹³⁵ LAMOUNIER, Bolívar. **Da Independência a Lula**: dois séculos de política brasileira. São Paulo: Augurium Editora, 2005.

¹³⁶ A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) surgiu através do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e foi sancionada por Getúlio Vargas. A CLT foi importante por estabelecer novos direitos dos trabalhadores e também por regulamentar as relações trabalhistas, o que era inexistente até então. Esta Lei constituiu-se a proteção ao trabalhador, tanto o urbano quanto o rural. Hoje, com algumas mudanças, continua sendo o principal instrumento para regulamentar as relações de trabalho no Brasil. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/DireitosSociaisTrabalhistas/CLT>>. Acesso em 18 de abril de 2012, 10h.

¹³⁷ LAMOUNIER, Bolívar. Op. Cit., p. 124.

2.1.2. A formação dos partidos no Ceará

Segundo Abelardo Montenegro¹³⁸, em 09 de junho de 1945 teria sido reinstalado em Fortaleza o Tribunal Regional Eleitoral. No Ceará foram fundados, como era obrigatório por Lei, também todos estes partidos e mais alguns de menor expressão. Em 03 de outubro de 1945, Menezes Pimentel, então interventor, solicitou ao Tribunal o registro da Comissão Executiva Estadual do Partido Social Democrático. O PSD cearense tinha a seguinte estrutura: Presidente – Francisco de Menezes Pimentel; Vice-Presidente – Antônio da Frota Gentil¹³⁹; 1º Secretário – Raul Barbosa¹⁴⁰; 2º Secretário – Jacinto Botelho¹⁴¹; 1º Tesoureiro – Inácio Costa¹⁴²; 2º Tesoureiro – Francisco Ponte¹⁴³.

A UDN apresentou seu pedido de registro no TRE cearense em 12 de novembro de 1945. Sua composição era: Presidente – Manuel do Nascimento Fernandes Távora¹⁴⁴; 1º Vice-Presidente – José Saboia de Albuquerque¹⁴⁵; 2º Vice-Presidente – Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães¹⁴⁶; 3º Vice-Presidente – Edgar Cavalcante de Arruda¹⁴⁷; Secretário Geral – Miguel Santiago Gurgel do Amaral¹⁴⁸; 1º Secretário – Paulo Sarasate Ferreira Lopes¹⁴⁹; 2º Secretário – Agapito dos Santos Sátiro¹⁵⁰; Tesoureiro – José Ramos Torres de Melo¹⁵¹.

¹³⁸ MONTENEGRO, Abelardo. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

¹³⁹ Foi Deputado Federal pelo PSD cearense na década de 1940. Nas eleições de 1950 foi candidato à Prefeitura de Fortaleza, perdendo para o radialista Paulo Cabral, da UDN.

¹⁴⁰ Bacharel em Direito, foi deputado federal, de 1946 – 1951, e Governador do Estado do Ceará, de 1951 – 1955. Também foi presidente do Banco do Nordeste do Brasil. Fez parte ainda da direção do Banco Interamericano de Desenvolvimento, falecendo em Washington, Capital dos Estados Unidos da América, em 1975.

¹⁴¹ Advogado, Jacinto Botelho de Sousa foi o primeiro diretor do Ginásio Municipal de Fortaleza.

¹⁴² Não coletamos maiores informações sobre este fundador do PSD no Ceará.

¹⁴³ Foi Deputado Estadual e Secretário de Polícia do Estado do Ceará na década de 1950.

¹⁴⁴ Médico, natural de Jaguaribe-CE. Foi um político extremamente atuante, tendo passado pelos cargos de Deputado Estadual, Deputado Federal, Interventor Estadual e Senador, de 1913 a 1963.

¹⁴⁵ Líder político na Região Norte do Ceará, especialmente na cidade de Sobral. Foi Juiz de Direito naquela comarca até 1935. Era sogro do Senador Plínio Pompeu.

¹⁴⁶ Engenheiro, natural de Ipu-CE. Foi Deputado Federal e Senador, nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

¹⁴⁷ Promotor de Justiça da Comarca de Maranguape, foi Deputado Federal e Senador. Também atuou como Presidente do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara, atual Rio de Janeiro.

¹⁴⁸ Oriundo de família da região de Aracati-CE, foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Em 1945 foi candidato a Deputado Estadual, ficando na suplência.

¹⁴⁹ Bacharel em Direito, tinha muito talento para as letras, tendo fundado, junto com seu sogro, Demócrito Rocha, a revista “Ceará Ilustrado”. Também foi um dos redatores do jornal “A Farpa”. Deputado Estadual, fez forte oposição ao Governo de Menezes Pimentel. Com o Estado Novo perdeu seu cargo de Deputado, voltando à cena política em 1945, também como Deputado. Em 1954, foi

Outros partidos também foram registrados no Ceará após a reabertura política de 1945. O Partido Democrata Cristão, PDC, foi fundado por Aderbal Nunes Freire¹⁵². Em novembro de 1945, fundava-se o Partido de Representação Popular, presidido por José de Pontes Medeiros¹⁵³. Já o Partido Popular Sindicalista, PPS, foi fundado por Olavo Oliveira¹⁵⁴, também em novembro de 1945.

O Partido Comunista Brasileiro foi reaberto no Ceará por José Bento de Sousa¹⁵⁵, também em 1945. No mesmo ano, Humberto Rodrigues de Andrade¹⁵⁶ funda o Partido Agrário Nacional, PAN. O Partido Libertador, fundado ainda em 1945, era encabeçado pelo jornalista Jáder de Carvalho¹⁵⁷.

O PTB no Ceará somente pediu registro ao Tribunal em 24 de novembro de 1946. Sua hierarquia assim se apresentava: Presidente – Vital Félix de Souza¹⁵⁸; 1º Vice-Presidente – Odorico de Moraes¹⁵⁹; 2º Vice-Presidente – Orlando Castelo Branco¹⁶⁰; 3º Vice-Presidente – Nilo Tabosa Freire¹⁶¹; Secretário Geral – Mário de Martins Coelho¹⁶²; 1º Secretário – Othon Silva Cabral (Othon Sobral)¹⁶³; 2º Secretário – Jefferson Quezado¹⁶⁴; 1º Tesoureiro – Edgar Leite Ferreira¹⁶⁵; 2º Tesoureiro – Raimundo Belmiro Evangelista¹⁶⁶.

eleito Governador do Ceará. Em 1965, elegeu-se Senador. Foi responsável pela revisão da Constituição de 1967, no período da ditadura militar. Faleceu em 1968.

¹⁵⁰ Também Bacharel em Direito. Foi candidato a Deputado Federal nas eleições de 1951, ficando na suplência.

¹⁵¹ Comerciante, foi bastante atuante na organização de associações do ramo no Ceará, como exemplo, o Sindicato dos Lojistas do Ceará e a Federação das Associações do Comércio e da Indústria do Estado do Ceará. Presidiu ainda a Junta Comercial do Ceará. Foi Deputado Estadual na década de 1940. Também teve reconhecida sua atuação à frente do Asilo de Mendicidade do Ceará.

¹⁵² Advogado, professor da Faculdade de Direito do Ceará. Chegou a presidir a Ordem dos Advogados do Brasil, seção Ceará.

¹⁵³ Bacharel em Direito.

¹⁵⁴ Advogado, jornalista e professor, exerceu os mandatos de Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador, da década de 1920 até a década de 1950.

¹⁵⁵ Não coletamos maiores informações a respeito deste fundador do PCB.

¹⁵⁶ Agrônomo. Fundador da Escola de Agronomia do Estado do Ceará.

¹⁵⁷ Natural de Quixadá-CE, foi jornalista, advogado, professor e escritor. Em 1947 fundou o jornal “Diário do Povo”, de cunho socialista. Pertenceu também à Academia Cearense de Letras.

¹⁵⁸ Foi representante da Federação dos Círculos Operários. Nas eleições de 1947 foi candidato a Deputado Estadual, porém o partido não atingiu o coeficiente eleitoral.

¹⁵⁹ Médico, foi diretor do Asilo de Alienados e Deputado Estadual.

¹⁶⁰ Não coletamos maiores informações sobre este fundador do PTB no Ceará.

¹⁶¹ Foi Prefeito da cidade de Quixadá de 1917 a 1927.

¹⁶² Atuava como advogado trabalhista.

¹⁶³ Foi Secretário de Polícia na década de 1960.

¹⁶⁴ Também era Bacharel em Direito.

Outros partidos também continuavam aparecendo no cenário político cearense. Em 1947, é fundado por Geraldo Carlos Lemos¹⁶⁷ o Partido Socialista Brasileiro, PSB. Acrísio Moreira da Rocha, que havia sido Interventor Estadual, funda, também em 1947, o Partido Republicano, PR, no Ceará. O Partido Social Trabalhista, PST, é fundado em 1950, por Honório Correia Pinto¹⁶⁸. No mesmo ano, funda-se o Partido Trabalhista Nacional, por Pedro Augusto de Araújo Sampaio¹⁶⁹.

Com os partidos políticos montados, de acordo com seus interesses e expectativas para o novo período democrático, logo começam a surgir os conflitos e as alianças partidárias. Quando se aproxima o período de eleições, os grupos aproximam-se ou distanciam-se, de acordo com o que pretendem daquele pleito.

Por isso, que, ao trabalharmos com política, somos levados a pensar nas ideias dos estudiosos que se preocupam com uma nova percepção da história política, refletindo sobre este tema a partir da noção de “cultura política”, a qual entendem por

um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento da sua história.¹⁷⁰

Aqui, nesta citação de Serge Berstein, fica claro que não é apenas a partir da formação dos partidos políticos que ficarão claros os interesses de cada grupo de associados. Na verdade, é algo superior, que permeia os diversos meandros de várias destas instituições, que as interligam ou as distanciam, a partir de uma cultura na qual foram forjadas.

¹⁶⁵ Foi Secretário de Urbanismo da cidade de Fortaleza na década de 1950. Nas eleições de 1954 foi candidato a Deputado Estadual, ficando na suplência.

¹⁶⁶ Não coletamos maiores informações a respeito deste fundador do PTB.

¹⁶⁷ Advogado, assumiu a presidência da Caixa de Assistência dos Advogados do Ceará, em 1948.

¹⁶⁸ Médico, sua especialidade era a oftalmologia.

¹⁶⁹ Médico, foi fundador do Sanatório de Messejana. Também foi fundador do Ideal Clube.

¹⁷⁰ BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In.: AZEVEDO, Cecília (et al.). **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 31.

Assim, é com esta visão global de mundo, do lugar do homem neste mundo e dos problemas oriundos ao poder, que os grupos passam a partilhar interesses e aspirações.

As associações políticas entre partidos no Ceará ocorreram de diversas formas, sejam elas ligadas a interesses intelectuais, econômicos ou libertários. Entretanto, é interessante perceber que sempre há nestas disputas um componente personalista, de personagens que tem um maior poder de articulação dentro dos partidos, bem como do cenário político nacional e vão forjando situações que os ajudem a galgar os caminhos desejados.

Poucos dias após o registro do PSD cearense, em 26 de outubro de 1945, o Interventor Menezes Pimentel, fundador do partido e obediente aos ditames do Presidente Getúlio Vargas¹⁷¹, é substituído por Benedito Augusto de Carvalho dos Santos (Beni Carvalho)¹⁷².

A substituição, segundo Aroldo Mota, teria se dado por uma disputa política entre Menezes Pimentel e Olavo Oliveira. O último havia sido incumbido da formação do PSD no Ceará pelo presidente Getúlio Vargas, mas tinha perdido o controle para o grupo de Menezes Pimentel e acabou contentando-se com a fundação do PPS¹⁷³.

O interventor indicado apoiava a candidatura da UDN à presidência e mantinha forte relação com Olavo Oliveira, que em 1946, transformaria o PPS em Partido Social Progressista, PSP. Assim, com a força política de Olavo Oliveira junto com a UDN, o PSD perdeu espaço no pleito de 1945, quando foram eleitos senadores Plínio Pompeu, da UDN, e o próprio Olavo Oliveira.

¹⁷¹ Aqui é interessante salientar que Menezes Pimentel foi eleito pela Liga Eleitoral Católica – LEC, antes do Estado Novo, em oposição aos getulistas. Entretanto, quando da instalação do Estado Novo, Menezes Pimentel comprometeu-se a apoiar as atitudes do Presidente Getúlio Vargas, tendo sido, por isso, mantido como Interventor Estadual e, conseqüentemente, fundador do PSD após a lei eleitoral de 1945. MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará** (1930-1945). Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

¹⁷² General do Exército e Bacharel em Direito, foi Deputado Estadual e Interventor do Ceará.

¹⁷³ Mota, Aroldo. Op. Cit.

Mesmo com o apoio do General Eurico Gaspar Dutra, que havia sido eleito presidente, e indicado interventores ligados ao PSD para o Ceará, como o jovem Acrísio Moreira da Rocha (que ainda não havia fundado o PR) e Pedro Firmeza¹⁷⁴, o partido, no pleito de 1947, não conseguiria eleger seu candidato, Onofre Muniz¹⁷⁵, sendo o vencedor das eleições o udenista Faustino de Albuquerque¹⁷⁶.

O governo Faustino de Albuquerque não agrada às expectativas do Senador Olavo Oliveira que, no pleito de 1950 une-se ao desfeto PSD para concorrer aos cargos mais elevados do Estado.

Desta forma, é nesta eleição que começa a se firmar, ainda com mais força a oposição entre PSD e UDN no Ceará. A Coligação PSD-PSP-PR consegue eleger o Senador, General Onofre Muniz, o Governador, Raul Barbosa, o Vice-Governador, Stênio Gomes da Silva¹⁷⁷, além de nove deputados federais e 23 deputados estaduais.

A disputa entre estes grupos aumenta ainda mais o fôlego na disputa eleitoral de 1954, quando novas lideranças também ganham força no cenário político cearense, como os deputados Virgílio Távora¹⁷⁸, da UDN, Armando Falcão, do PSD e Carlos Jereissati, do PTB.

Diferente do que ocorria no restante do país, quando os getulistas, ligados ao PSD e ao PTB se uniam, aqui no Ceará os representantes do PTB coligavam-se com a UDN e o PSD continuava contando com o apoio do PSP. São eleitos neste pleito para Senador: Manuel do Nascimento Fernandes Távora e José Parsifal Barroso, representando as oposições coligadas (UDN, PTB e PR) e Governador: Paulo Sarasate Ferreira Lopes, também das oposições coligadas (tendo vencido

¹⁷⁴ Também foi Deputado Federal pelo Ceará.

¹⁷⁵ Era comandante da 10ª Região Militar.

¹⁷⁶ Era Juiz de Direito da Comarca de Barbalha. Também foi Presidente do Tribunal de Justiça do Ceará.

¹⁷⁷ Natural de Baturité-CE, chegou a assumir o Governo do Estado de julho de 1954 a março de 1955.

¹⁷⁸ Militar, foi eleito Deputado Federal em 1950. Tornou-se um dos grandes líderes da UDN no cenário nacional. Foi, por duas vezes, Governador do Estado do Ceará. Durante a ditadura militar, pertenceu aos quadros da Arena.

Armando Falcão por uma vantagem de menos de 10 mil votos e com suspeitas de fraudes na eleição).

Além disso, foram eleitos para Deputado Federal, com o maior número de votos, Virgílio Távora e Carlos Jereissati, respectivamente. Registre-se ainda a volta de Acrísio Moreira da Rocha, do PR, à Prefeitura de Fortaleza. Assim, percebe-se a força que a aliança UDN-PTB-PR tinha ganho em Fortaleza e no estado do Ceará, mexendo com as expectativas dos pessedistas, que saíram em desvantagem desta eleição.

É, então, a partir deste período que dois personagens ganham impulso na política cearense e protagonizam um embate, através de jornais, discursos, e vão polarizando seus apoiadores. Armando Falcão e Carlos Jereissati vão travar uma disputa por atenção que marca a década de 1950. É neste ponto que o jornalista Luiz Campos vai tomar partido e se envolver também neste conflito.

2.1.3. A filiação de Luiz Campos ao PSD

O envolvimento de Luiz Campos com a política não se deu apenas depois de sua passagem pelo jornalismo. Desde cedo, ainda acadêmico do curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Ceará, Luiz Campos já participava do movimento estudantil, sendo Secretário Geral do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua.

Segundo ele, este cargo no Centro Acadêmico o levou à Secretaria da União Estadual dos Estudantes e lhe rendeu a primeira viagem de avião, no final da década de 1940:

Eu era nessa época secretário geral do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, e era secretário geral da União Estadual dos Estudantes. E viajava para participar do congresso nacional dos estudantes no Rio de Janeiro. Foi a primeira viagem que eu fiz de avião. Eu tinha 22 anos¹⁷⁹.

¹⁷⁹ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

A participação de Luiz Campos neste congresso¹⁸⁰ parece ter sido bastante movimentada, como ele mesmo conta:

Nesse congresso eu cheguei a ser candidato à presidência da UNE, num acordo geral, mas terminei desistindo dois dias antes da eleição, porque eu teria que me mudar para o Rio de Janeiro. Aí, fizemos um acordo e foi candidato em meu nome José Bonifácio, de São Paulo, que depois chegou a ser senador, governador de São Paulo. Eu podendo indicar um cearense que estudava no Rio de Janeiro, indiquei o Dr. Porfírio Sampaio, que foi vice-presidente e ocupou a presidência da UNE não sei quantas vezes¹⁸¹.

Entretanto, a participação efetiva de Luiz Campos na política se dá a partir do ingresso nos quadros do PSD, impulsionado, primeiro, por um lado ideológico, já que ele se posicionava como anticomunista, assim como pregava este partido, mas também pelo envolvimento do sogro, Plínio Câmara¹⁸², que já era membro do partido e líder na zona da região de Quixeramobim. Depois do casamento, em 1953, o próprio Luiz Campos explica o envolvimento dele com a política pelo PSD, através do sogro:

Ele era chefe do PSD na zona, mas nem um filho, eram 12 filhos, tinha quatro homens, ninguém quis saber de política, outras casaram e os genros também não queriam saber de política. O único que era político e era do PSD era eu, aí ele ficou maluco comigo¹⁸³.

Luiz Campos explicou ainda que já era filiado ao PSD quando casou-se. Entretanto, é, efetivamente, após a sua entrada como jornalista na *Gazeta de Notícias* que ele vai passar a expor suas opiniões e defender seus pontos de vista políticos, na maior parte das vezes em apoio, principalmente ao Deputado Armando Falcão, nome de maior expressão do seu partido.

¹⁸⁰ Na verdade, foi o 9º congresso da União Nacional dos Estudantes que elegeu José Bonifácio Coutinho Nogueira como presidente desta entidade estudantil, realizado entre os dias 22 e 28 de julho de 1946, e não em 1947, como nos falou Luiz Campos em entrevista. Disponível em: < <http://www.mme.org.br>>. Acesso em 22 de setembro de 2010, 15h.

¹⁸¹ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

¹⁸² Segundo Luiz Campos, seu sogro era proprietário da Fazenda Teotônio, uma das maiores do interior do Estado e responsável por grande parte da produção de gado leiteiro, pertencente à firma Plínio Câmara Vieira Ltda., que deu origem ao município de Madalena. Hoje a fazenda é de propriedade do Grupo Edson Queiroz. No Anuário do Ceará de 1953-1954, anota-se que a Companhia Plínio Câmara & Vieira Ltda., situada no povoado do Teotônio, produzia algodão em pluma, aguardente, queijo, sabão, banha, mamona, oiticica, café, resíduo, frutas, tecidos, açúcar, arroz, fumo, sal e etc.

¹⁸³ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

2.2. Luiz Campos entre as disputas de Armando Falcão e Carlos Jereissati

2.2.1. Os perfis de Armando Falcão e Carlos Jereissati

O Deputado Federal Armando Ribeiro Falcão¹⁸⁴ nasceu em Fortaleza em 11 de outubro de 1919. Era filho de Edmundo Rêgo Falcão, funcionário do Banco do Brasil, e de sua esposa, a senhora Laura Ribeiro Falcão. Fez seus estudos primários no Instituto São Luiz, de propriedade do Governador Menezes Pimentel, em que cursava “humanidades” e onde já se revelava como um hábil articulador.

Em 1938, o jovem vai estudar na Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Ali, ingressa no Colégio Universitário e, depois, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Ainda no ano de 1938, seu nome já figurava entre os cearenses de relevo que viviam na Capital brasileira:

Armando Falcão tem dado sobejas provas do seu valor intelectual, salientando-se sempre entre seus colegas da Universidade. Daí, ser considerado como uma bela esperança das letras nacionais. (...) Este moço estudioso, que presentemente exerce sua atividade no Ministério do Trabalho, no Rio, está fadado a um brilhante futuro.¹⁸⁵

É na cidade do Rio de Janeiro que Armando Falcão começa a delinear sua carreira política. Recebe seu diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1945. À época, já havia ingressado no serviço público, servindo no Instituto Nacional de Previdência, Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado e Instituto Nacional do Sal. Após presidir interinamente este Instituto, é nomeado Presidente do Instituto dos Marítimos, iniciando aí, sua ascensão política.

Torna-se, então, líder político do PSD no Ceará, sendo eleito Deputado Federal, pela primeira vez, no pleito de 3 de outubro de 1950. Segundo Aroldo Mota “três deputados eleitos pelo PSD para a Câmara Federal foram acusados de

¹⁸⁴ As informações aqui citadas a respeito de Armando Falcão constam nos livros: ALBUQUERQUE, João Alves de. **Cearenses no Rio**. Fortaleza, Gráfica Urânia, 1938. NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

¹⁸⁵ ALBUQUERQUE, João Alves de. Op. Cit., p. 181.

investirem muito dinheiro no resultado de suas eleições: Armando Falcão, Antônio Horácio Pereira¹⁸⁶ e Adolfo Gentil^{187,188}.

A partir daí, sua carreira somente é alavancada. Foi Ministro da Justiça no Governo de Juscelino Kubitschek, ocupando também a pasta das Relações Exteriores. Depois de coordenar o Programa de Assistência às vítimas de inundações no Nordeste, foi nomeado Ministro Interino da Saúde. Foi peça chave durante os arranjos políticos para o golpe militar de 1964.

No Governo de Ernesto Geisel, volta a ser Ministro da Justiça e é responsável pela implantação da chamada Lei Falcão, que permitia o acesso gratuito dos partidos políticos ao rádio e à televisão. No entanto, a Lei previa várias restrições sobre o que o candidato podia falar, de modo que fossem evitados ataques ao regime militar. Dentre seus feitos, também encontra-se a criação do estado do Mato Grosso do Sul e a reunificação do Estado do Rio de Janeiro.

Armando Falcão colaborou ainda na imprensa do Ceará, Rio de Janeiro e Brasília. Publicou algumas obras, dentre elas “A Democracia Moderna”, “Tudo a Declarar” e “Geisel – do Tenente a Presidente”, biografia do Presidente Ernesto Geisel. Armando Falcão falece em 2010, aos 90 anos.

Já o seu oponente, Deputado Carlos Jereissati¹⁸⁹, entrou para os quadros da política por outros caminhos. Nascido em 2 de dezembro de 1916, era filho do comerciante libanês Aziz Kalil Jereissati e da senhora Maria José Boutala Jereissati, estudou nos colégios Cearense e Militar. Após o falecimento de seu pai, assumiu os negócios da família, mudando o nome da firma para Carlos Jereissati & Cia., ampliando as atividades empresariais, avançando pelos setores industriais, agrícolas e imobiliários.

Estendeu a atuação de sua empresa por outros estados brasileiros, principalmente São Paulo, atingindo, assim, projeção nacional nos negócios de

¹⁸⁶ Além de Deputado, foi Presidente do Conselho Nacional de Economia, na década de 1960.

¹⁸⁷ Advogado, contador, fazendeiro e banqueiro. Foi Deputado Federal nas décadas de 1950 e 1960.

¹⁸⁸ Mota, Aroldo. Op. Cit., p. 49.

¹⁸⁹ Sobre Carlos Jereissati, ver: NOBRE, F. Silva. Op. Cit., p. 192.

metalurgia, hotéis e *shoppings centers*. Foi diretor do Centro Comercial e do Centro dos Importadores de Fortaleza.

O comerciante ingressa na política no ano de 1949, como presidente nacional do Partido Trabalhista Brasileiro. Filiado, no Ceará, ao político Edgar de Arruda, da UDN, a quem Getúlio Vargas tentou colocar no cargo de Governador, nos anos de 1935 e 1950, tendo sido frustrado, Carlos Jereissati, segundo Josênio Parente, havia caído nas graças do Presidente Vargas:

Carlos Jereissati era um empreendedor econômico aliado com a política, um personagem que, de certa forma, enquadrou-se no modelo de liderança elaborada pelo nacional-desenvolvimentismo¹⁹⁰. Assim, ele caiu nas graças de Getúlio Vargas e João Goulart, presidente do PTB nacional, estimulando uma liderança mais moderna na região.¹⁹¹

Entretanto, a fortuna que Carlos Jereissati angariou com seus negócios foi fruto, segundo estudiosos da política cearense, da sua influência política¹⁹². Como explica Josênio Parente, na década de 1950 estava em curso o modelo de

¹⁹⁰ Segundo Pedro Paulo Zahluth Bastos, “é preferível afirmar que Vargas aderiu ao nacional-desenvolvimentismo do que alegar que defendia simplesmente o desenvolvimento capitalista no Brasil: uma vez que a economia mercantil agro-exportadora também era capitalista, o que o ideário nacional-desenvolvimentista defendia era um certo tipo de desenvolvimento capitalista, como acima referido. As finalidades, os dilemas e a mutação das formas do nacional-desenvolvimentismo podem ser avaliados com uma análise das políticas frente aos ramos então considerados básicos e prioritários para um desenvolvimento econômico moderno: a siderurgia pesada, a exploração de petróleo e, particularmente, o ramo de energia elétrica. Enquanto os dois primeiros não estavam constituídos antes de 1930, no terceiro já se concentravam as maiores filiais norte-americanas presentes no Brasil (Light e Amforp). Regular a atividade destas empresas, envolvia chocar-se com interesses fortemente consolidados, uma vez que o governo Vargas pretendia que a expansão da oferta de energia se fizesse com garantias de fornecimento e preços que não prejudicassem a operação dos setores usuários de eletricidade. Assim, a prática da intervenção era nacionalista não em só em seus objetivos desenvolvimentistas, mas também no sentido em que resultaria em choques entre interesses definidos como nacionais pela política de Estado e os interesses constituídos de filiais estrangeiras, seja as que já operassem (concessionárias de energia, bancos e mineradoras, por exemplo), seja as que tivessem apenas concessões para operar, ainda não implementadas (como companhias de petróleo). Ao longo do tempo, outros conflitos ocorreriam com interesses particulares, estrangeiros e locais, que resistissem às políticas nacional-desenvolvimentistas. Como em um jogo dialético, estas contradições reforçavam a aura nacionalista de Vargas: contraposta a interesses particulares e egoístas, a ação estatal era legitimada precisamente por almejar o interesse público-nacional, identificado ao desenvolvimentismo e, a partir do final do Estado Novo, também crescentemente ao distributivismo trabalhista”. BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **A Construção do Nacional Desenvolvimentismo de Getúlio Vargas e a Dinâmica de Interação entre Estado e Mercado nos Setores de Base**. Revista Economia, Selecta, Brasília (DF), v.7, n.4, pp. 239 - 275, dezembro 2006.

¹⁹¹ PARENTE, Josênio. Op. Cit., p. 121.

¹⁹² Idem.

substituição de importações¹⁹³, levando Carlos Jereissati a tornar-se o maior importador brasileiro de tecidos de linho, lã e casemira, em grande maioria, provenientes da Inglaterra.

Carlos Jereissati, pelo PTB, é eleito Deputado Federal do Ceará, em 1954 e em 1958. Na eleição de 1962, consegue eleger-se Senador. Porém, sua carreira, em ascensão, é bruscamente interrompida no ano de 1963, quando falece no Rio de Janeiro, vitimado por um infarto fulminante.

2.2.2. Armando Falcão e as acusações a Jereissati

As rixas entre os Deputados Armando Falcão e Carlos Jereissati tomam força a partir dos primeiros meses de 1954. Segundo afirma o historiador Altemar Muniz¹⁹⁴, esse conflito teria iniciado com a recusa do comerciante de financiar a campanha para a reeleição de Armando Falcão a Deputado Federal, em 1954.

Entretanto, no livro que compila todos os pronunciamentos de Armando Falcão com a finalidade de expor os crimes que ele julgava que Carlos Jereissati havia cometido, o Deputado apresenta um requerimento proposto à Mesa da Câmara Federal dos Deputados, em 25 de novembro de 1953, que, segundo ele, abriu caminho para as investigações sobre Carlos Jereissati. No requerimento, Armando Falcão diz:

Considerando que a CARTEIRA DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO (“CEXIM”)¹⁹⁵, que funciona no Banco do Brasil S/A, é uma entidade de direito público, a quem expressamente o Governo Federal delega poderes;

¹⁹³ Este modelo foi posto em prática a partir do Governo Vargas, quando “teve início um processo de substituição dos bens manufaturados que antes eram importados pela produção nacional. Isto ocorreu a partir do momento em que o setor industrial brasileiro passou a se aproveitar da capacidade industrial instalada já existente no país, em função das primeiras políticas governamentais de incentivo à produção interna, principalmente, das políticas cambiais e tarifárias”. Ver: SANTOS JUNIOR, José Aldoril. **Industrialização e Modelos de Substituição de Importações no Brasil e na Argentina: Uma Análise Comparada**. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível em < http://www.cse.ufsc.br/gecon/coord_mono/2004.2/Jos%E9%20Aldoril%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 18 de abril de 2012, 17h.

¹⁹⁴ MUNIZ, Altemar da Costa. **Trajetórias de vida, espaços de sociabilidade, e projeto político da burguesia “mudancista” cearense (1978-1986)**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.

¹⁹⁵ A CEXIM era a Carteira de Exportação do Banco do Brasil. Foi criada em maio de 1941, pelo presidente Getúlio Vargas, a fim de beneficiar os produtos manufaturados nacionais, introduzindo o regime de licença prévia para as exportações. A CEXIM destinava-se a estimular e amparar a

Considerando que, em consequência, a “CEXIM” está sujeita à fiscalização do Congresso Nacional;

Considerando que, há alguns meses passados, gravíssimas irregularidades foram descobertas na CARTEIRA DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO do Banco do Brasil S/A – Agência em Fortaleza, Estado do Ceará;

Considerando que tais irregularidades consistiram na falsificação de “licenças de importação” por meio das quais altos comerciantes de Fortaleza desonestamente conseguiram trazer do estrangeiro vultosas quantidades de mercadorias diversas;

Considerando que foi possível comprovar insofismável delito por via de inquéritos sob a chefia dos srs. Francisco P. Alencar Jaguaribe, inspetor do Banco do Brasil S/A, e Luiz Sucupira, inspetor da Alfândega de Fortaleza;

Considerando que, até agora, só se conhece parte dos resultados dos inquéritos, estando a opinião pública cearense vivamente interessada em inteirar-se, na plenitude de sua extensão, de toda a verdade dos fatos;

Considerando que é dever do mandatário da Nação ir ao encontro das legítimas pretensões do povo;

Considerando o disposto na Constituição da República, na Lei de Responsabilidade e no Regimento Interno da Câmara dos Deputados, REQUEIRO officie a Mesa da Câmara ao Ministro do Estado da Fazenda solicitando nos informes Sua Excelência dentro dos prazos legais:

1 -) Quais os nomes e domicílios de todas as pessoas e firmas comerciais cuja responsabilidade direta ou indireta se tenha apurado no caso da falsificação de “licenças de importação” ocorrida na CARTEIRA DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO do Banco do Brasil S/A, Agência em Fortaleza – Ceará, que motivou os inquéritos realizados sob chefia dos srs. Francisco P. Alencar Jaguaribe, inspetor do banco citado, e Luiz Sucupira, inspetor da Alfândega de Fortaleza;

2 -) Qual a específica participação que cada uma dessas pessoas e firmas comerciais teve no caso em apreço;

3 -) Quais providências adotadas pelas autoridades competentes em relação aos culpados face ao preceituado na legislação civil e criminal que rege a espécie.

O Ministro da Fazenda nos deverá enviar outrossim cópias completas de todas as peças dos inquéritos acima mencionados.

Câmara dos Deputados,
em 23 de novembro de 1953

Armando Falcão¹⁹⁶

O pedido de informações apresentado por Armando Falcão não cita os nomes dos responsáveis pelo fraudulento processo de licenças de importação. Entretanto, segundo as denúncias que fazia o Deputado, duas empresas do ramo de tecidos, a Bonaparte Maia¹⁹⁷ e a Jereissati, do Sr. Carlos Jereissati, é que seriam as responsáveis por haver fraudado tais licenças, utilizadas para a importação de tecidos para roupas masculinas. Deste modo, afirmava o Deputado Falcão que cerca

exportação de produtos nacionais e assegurar condições favoráveis à importação de produtos estrangeiros. Disponível em <<http://www.bb.com.br/portallbb>>. Acesso em 17 de setembro de 2010, 14h.

¹⁹⁶ FALCÃO, Armando. **História do Chefe do P.T.B. no Ceará**, Carlos Jereissati, “O Imperador do Linho Roubado”. Rio de Janeiro, 1954.

¹⁹⁷ Pertencia a Bonaparte Pinheiro Maia que foi, junto com seu irmão Salomão, fundador de “O Jornal”, órgão que circulou por algum tempo em Fortaleza. Também foi Deputado Federal pelo PTB cearense.

de 90% destes produtos haviam entrado no país à custa de licenças falsificadas. Com isso, estes empresários teriam ganho bastante dinheiro.¹⁹⁸

Como salientado acima, no ano de 1954 este embate vai tomar corpo. Logo em fevereiro, Armando Falcão faz áspera denúncia sobre Carlos Jereissati na Câmara Federal:

Carlos Jereissati, indivíduo que no Ceará se dizia influente e ? cometeu crimes de estelionato, falsidade e suborno expressamente ? no Código Penal. Que lhe vai acontecer? Eis a pergunta que o povo do Ceará neste momento formula. Muitos respondem com o ceticismo e a descrença. Outros ainda esperam que de repente haja uma reviravolta na consciência nacional adormecida, capaz de obrigar os poderes públicos a cumprirem o seu dever. Carlos Jereissati é Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, seção do Ceará. Não menciono o PTB cearense com o intuito de envolvê-lo no escândalo que veio macular as tradições de honra do comércio da minha terra. O PTB cearense, se tem na presidência um ladrão, possui por outro lado, homens dignos em suas fileiras, dentre os quais posso citar os senhores Parsifal Barroso, Francisco Monte e Othon Sobral. Ligo o PTB a Jereissati para esclarecer que o falsário ingressou na atividade política e alçou-se à direção de uma agremiação partidária com o exclusivo propósito de acobertar-se para o crime. É fenômeno corriqueiro nestes tempos corrompidos: os aventureiros, os negociastas, os estelionatários e os ladrões públicos pretendem assaltar a política, enquanto os cidadãos limpos dela querem fugir, a fim de evitarem o contágio.¹⁹⁹

Neste pronunciamento na Câmara Federal, Armando Falcão dá nome àqueles que pretende atingir com seu discurso. Em tom dramático, o Deputado afirma que Carlos Jereissati é ladrão, estelionatário, falsário, dentre outros adjetivos pejorativos. Indignado, tenta não atingir o partido opositor ao PSD cearense, afirmando que há nos quadros daquela instituição homens de caráter confiável. Porém, salienta que Carlos Jereissati havia entrado na política apenas com o intuito de ter “imunidade parlamentar” e, desta forma, não pagar pelos crimes, os quais Armando Falcão gritava que ele tinha cometido.

¹⁹⁸ Disponível em <http://www.mondoweb.com.br/_JOB/FUNDAMAR03/projetos_itens>. Acesso em 17 de setembro de 2010, 16h. Ver também: GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.66. O assunto é até mesmo salientado no livro “Agosto”, de Rubem Fonseca, quando, em um trecho se lê: “Armando Falcão denuncia contrabando de Jereissati no Ceará. O presidente do PTB cearense faz parte da quadrilha de ladrões que tomou conta do governo. O senhor sabe qual é o principal contrabando? Linho irlandês S-120. Esses nordestinos adoram se vestir de linho irlandês S-120”. FONSECA, Rubem. **Agosto**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 34.

¹⁹⁹ Diário do Congresso Nacional, 18 de fevereiro de 1954, seção 1, p. 741.

Segundo Altemar Muniz, o crime do Deputado Carlos Jereissati, para Armando Falcão era que

Carlos Jereissati, através do funcionário-chefe da CEXIM – Fortaleza, José Maria Vasconcelos, havia falsificado, entre os anos de 1950 e 1953, 86 licenças de importação de tecidos de linho e lã, no valor de Cr\$ 46.178.613,70. O funcionário duplicava as licenças legítimas, utilizando o número delas, mas adulterando o nome do beneficiário, a mercadoria e o valor respectivo.²⁰⁰

O historiador explica, ainda, que naquele período, grandes empresas “como Lundgren, Lhotar, Levy, Bayma Cotran, M. Cunha e Casa Barki viraram fregueses compulsórios de Jereissati”²⁰¹. Entretanto, afirmava Armando Falcão que nestas operações Carlos Jereissati aferia um lucro médio de 200%, sem faturar e sem dar recibo para eximir-se dos tributos.

As acusações que partiam de Armando Falcão contra Carlos Jereissati eram tantas que, ainda em fevereiro de 1954, o primeiro chega a enviar carta ao Presidente Getúlio Vargas para cobrar atitudes mais severas do Presidente da República quanto aos crimes que teria cometido Carlos Jereissati. Na carta, lida em sessão da Câmara Federal, Falcão salienta que Carlos Jereissati havia se aproximado de Getúlio Vargas apenas com o intuito de beneficiar seus negócios e explica as contravenções do petebista:

Saiba V. Ex^a que Jereissati corrompeu o funcionário chefe da CEXIM em Fortaleza, que tinha 28 anos de Banco do Brasil, e conseguiu falsificar 86 licenças de importação, mediante as quais logrou trazer do estrangeiro tecidos de linho e lã no valor de Cr\$ 46.000.000,00. (...) Os dados integram um documento oficial, ou seja, o ofício nº 202, de 19 de outubro de 1953, do Inspetor da Alfândega de Fortaleza, Dr. Luiz Sucupira, dirigido ao Diretor Geral da Fazenda Nacional e protocolado no serviço de comunicações do Ministério da Fazenda sob o nº 275.171 nov. 21-53.²⁰²

A carta concluiu-se com um apelo para que o Presidente se utilizasse daquele episódio para dar exemplo público de “repúdio aos desonestos”. Após o envio desta carta, Armando Falcão salienta, ainda, em março de 1954, que Carlos Jereissati, além de todos os crimes que ele já havia citado, também estava envolvido

²⁰⁰ MUNIZ, Altemar da Costa. Op. Cit., p. 50.

²⁰¹ Idem.

²⁰² Diário do Congresso Nacional, 25 de fevereiro de 1954, seção 1, pp. 915-916.

em um processo de investigação sobre contrabandos que iam do Brasil para a Bolívia.²⁰³

Mesmo sendo acusado de todos estes crimes pelo colega Deputado, Carlos Jereissati não se apresenta nenhuma vez na Câmara Federal para defender-se. É apenas em março de 1954, poucos dias após estas novas acusações feitas por Armando Falcão, que um outro Deputado Federal do PTB cearense, Parsifal Barroso, vai à tribuna da Casa defender o presidente de sua agremiação.

Em discurso, proferido em 22 de março de 1954, Parsifal Barroso se posiciona institucionalmente quanto ao caso de Jereissati:

Sr. Presidente, aqui me encontro, numa breve interrupção da licença que obtive para tratamento de minha saúde, por haver sentido a necessidade de prestar esclarecimentos a esta Câmara, sobre as acusações sucessivamente levantadas pelo nobre Deputado Armando Falcão ao Sr. Carlos Jereissati, atual presidente da Executiva do Partido Trabalhista Brasileiro do Ceará. Certo de que tais acusações foram dirigidas com o intuito de atingir o setor partidário a que pertenço e é presidido pelo acusado, devo o quanto antes estabelecer uma retificação de conceitos para evitar que a fermentação dos comentários desfigure ainda mais os fatos. Sou o primeiro a lamentar que, de repente, se quebre aquela superior e fraternal harmonia tão característica da bancada cearense.²⁰⁴

Neste momento, Armando Falcão solicita um aparte, o qual o é concedido pelo deputado que está na tribuna. Armando Falcão tenta, então, se explicar, dizendo que desde o começo de suas acusações nunca foi seu intento atingir o partido dos colegas. Entretanto, Parsifal continua com seu pronunciamento afirmando que Armando Falcão teria com estas acusações a intenção de atingir o PTB e que isto só estava acontecendo por conta de um desentendimento pessoal dele com Carlos Jereissati.

Novamente, Armando Falcão vai tentar se livrar de tal acusação, afirmando que até bem pouco tempo mantinha uma boa relação com o Deputado Carlos Jereissati, com quem até mesmo conversava nos corredores da Câmara. Complementa salientando que só começou a fazer as acusações depois de ter recebido documentos oficiais que comprovavam os crimes de Jereissati.

²⁰³ Diário do Congresso Nacional, 18 de março de 1954, seção 1, p. 1.165.

²⁰⁴ Diário do Congresso Nacional, 23 de março de 1954, seção 1, pp. 1.240, 1.241, 1.242.

Os dois deputados vão protagonizar, neste dia, uma grande discussão na Câmara Federal, onde cada um vai defender os seus interesses e, respectivamente, de seus partidos políticos. Parsifal Barroso vai defender ainda a tese de que um correligionário²⁰⁵ de Armando Falcão teria saído do PSD para o PTB causando desgosto ao Deputado e o levando a criar uma inimizade com Carlos Jereissati, ao que retruca Armando Falcão dizendo que, até aquele momento, não sabia nem que o correligionário havia mudado de partido.

Defendendo o presidente de seu partido, Parsifal Barroso também afirma que aquela celeuma teria sido intenção do PSD em retaliação ao PTB no Ceará, sendo Armando Falcão apenas um porta-voz do partido, ao que Armando Falcão responde que o problema com Carlos Jereissati e a campanha que estava empreendendo contra seus crimes era apenas pessoal, sem maiores interesses do partido ao qual pertencia, o PSD.

Da mesma maneira, outro embate se dará entre Armando Falcão e Parsifal Barroso. Em 6 de abril de 1954²⁰⁶, eles voltam a expor seus pontos de vistas, e onde, mais uma vez, Parsifal Barroso toma partido de Carlos Jereissati, afirmando que as investigações que estão sendo feitas sobre o presidente do PTB cearense estariam correndo normalmente em Fortaleza e que Armando Falcão estava sendo precipitado em acusar o Deputado Carlos Jereissati sem determinações judiciais definitivas.

Alguns dias depois, é a vez de Armando Falcão apresentar à Câmara Federal um parecer do Procurador da Fazenda Pública, Dr. Haroldo Acioli, sobre os crimes de falsificação e suborno praticados por Carlos Jereissati²⁰⁷. Neste parecer, o Procurador da Fazenda afirma que há um envolvimento de Carlos Jereissati com os problemas das falsificações da CEXIM e que a firma do Deputado Federal devia ser investigada, bem como outras firmas, a fim de se esclarecerem os fatos, já que o Procurador não acreditava que o funcionário do Banco que era réu confesso não

²⁰⁵ O correligionário era Antônio de Castro.

²⁰⁶ Diário do Congresso Nacional, 07 de abril de 1954, seção 1, pp. 1.524-1.525.

²⁰⁷ Diário do Congresso Nacional, 18 de maio de 1954, seção 1, p. 2.869.

teria agido sozinho por tempo, tendo contado assim com o auxílio de pessoas influentes.

Depois deste episódio, o historiador Altemar Muniz salienta que Armando Falcão havia conseguido a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), em 24 de maio de 1954, com o intuito de investigar os tais crimes que ele afirmava que Carlos Jereissati teria cometido²⁰⁸. Composta por cinco membros, a CPI, segundo o Diário da União, teria 45 dias para apurar os fatos.

2.2.3. Luiz Campos cobra punições para Jereissati

Após os episódios do começo do ano de 1954, entretanto, o assunto do escândalo na CEXIM parece ter “esfriado” no cenário político, tanto nacional quanto local. Depois da leitura deste parecer do Procurador da Fazenda, não teremos mais nenhum pronunciamento de Armando Falcão ou Parsifal Barroso sobre o caso na Câmara dos Deputados.

Salientamos, porém, que no segundo semestre deste ano estava na ordem do dia para os partidos políticos a montagem das alianças para a campanha eleitoral que se aproximava. Sendo assim, como já expusemos antes, as acusações podem ter sumido da pauta de Armando Falcão enquanto o seu partido tentava angariar apoio para as eleições de 3 de outubro, talvez com o próprio PTB de Jereissati. Esforço feito em vão, já que as “Oposições Coligadas”, aliança formada por UDN-PTB e PR havia se consolidado e, conseqüentemente, acabaram por vencer o pleito.

Todavia, poucos dias após ter ingressado na *Gazeta de Notícias*, no final de 1954, Luiz Campos traz à tona o assunto que parecia esquecido. Em seu artigo de 28 de dezembro de 1954, ele pergunta como andariam as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito responsável pelo caso:

Notícias que nos tem chegado do Sul através dos despachos das agências noticiosas, dizem que a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil está ultimando providências a fim de apresentar queixa-crime contra

²⁰⁸ Muniz, Altemar da Costa. Op. Cit., p. 50.

responsáveis pela falsificação de licenças de importação. Tais divulgações fazem com que nos coloquemos na posição de perguntar: em que pé se encontra o inquérito parlamentar instaurado para apurar a responsabilidade pelos crimes de falsificação de licenças de importação, verificados na CEXIM do Ceará?²⁰⁹

O jornalista, ao cobrar as informações a respeito dos problemas da CEXIM, não fazia acusações, como seu correligionário Armando Falcão. No entanto, possuía um papel de não deixar que a população esquecesse tais fatos. Seus artigos sempre reiteravam a necessidade de investigação deste suposto esquema de falsificação de licenças:

As autoridades competentes devem alertar, para esse estado de cousas desmoralizantes. É preciso que o dinheiro sugado da Nação e do povo através das infernais e cínicas maquinações temperadas na panela da escabrosa CEXIM, não tenha a força necessária, como soe acontecer para evitar a ação dos que tem o encargo de punir os defraudadores da lei²¹⁰.

Irritado, Luiz Campos publica dentro da sua coluna a íntegra de uma entrevista, veiculada no jornal “Última Hora”, de São Paulo, com o líder petebista do Ceará, Carlos Jereissati²¹¹.

Indignado com os elogios feitos pelo jornal ao político cearense que alcançava renome nacional, o jornalista volta a chamar a atenção de seus leitores para o caso da CEXIM. Até então, Luiz Campos não havia citado nomes nos seus artigos dos responsáveis pelo escândalo. Desta vez, não procede da mesma forma:

Fiquem sabendo os nossos amigos do Sul, os que leram aquela reportagem, a qual não representa a verdade, nem mais do que o acanhalamento do respeito que sempre foi votado ao nosso povo, que Jereissati foi eleito a custa da dinheirama desenfreada que se derramou por todos os recantos, dinheiro cuja procedência é do conhecimento geral, não se trata de um político nem de homem público, e, sim, de um nababo que tudo procura realizar, através do suborno, da corrupção e do capricho que lhes são facultados pelos milhões de suas arcas milionárias. De política nada entende. De público só tem a fama do nome envolvido naquela tranqüibérnia repudiada por todo o País²¹².

²⁰⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: E as Comissões Parlamentares de Inquérito? In.: *Gazeta de Notícias*, 28 dez. 1954, p.3.

²¹⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A rapinagem faz ninho no Ceará. In.: *Gazeta de Notícias*, 30 jan. 1955, p.3.

²¹¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Desconsiderações. In.: *Gazeta de Notícias*, 12 mar. 1955, p.3.

²¹² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Entrevista. In.: *Gazeta de Notícias*, 13 mar. 1955, p.3.

Neste trecho do artigo, podemos perceber que Luiz Campos também estava na campanha promovida por Armando Falcão para que se investigassem e punissem os crimes dos quais era acusado Carlos Jereissati. Assim como o correligionário que ocupava o cargo de Deputado Federal, Luiz Campos também acusava Carlos Jereissati de enriquecimento ilícito e, mais, afirmava que Jereissati nada sabia sobre política, resolvendo tudo na base da corrupção e do “capricho”.

Desta forma, depreendemos que, apesar de Armando Falcão salientar que a campanha contra Jereissati não era coisa pensada pelo PSD, mas sim por ele próprio, o partido também deveria estar envolvido nesta discussão e possuir interesses envoltos no processo de macular o nome de Jereissati. Talvez, o jornalista por possuir espaço disponível em sua coluna, tivesse assumido um papel, diante do partido, de não deixar este assunto morrer e continuar cobrando atitudes, tanto do poder público, para que se investigasse os fatos, como da população, que também deveria cobrar a atuação das autoridades no combate à corrupção.

Alguns meses se passam e o mesmo tema volta a aparecer nas colunas de Luiz Campos, desta vez com toda a força. A celeuma parece ter sido iniciada com um novo artigo do jornalista sobre outra fraude de Jereissati, agora relacionada ao imposto de renda. Acreditamos que o referido artigo seja o da data de 02 de outubro, um domingo, em que Luiz Campos colocou no final de sua coluna uma pequena nota, onde dizia:

Têm chegado ao nosso conhecimento certas informações oriundas de fontes merecedoras de absoluto crédito, os quais dizem respeito a um caso rumoroso que envolve uma rica firma local e fiscais de uma repartição arrecadadora de imposto federal, assunto, aliás, que poderia ser um autêntico sucesso, ou talvez, o melhor prato para o dia. Porém, como faltam alguns pequenos detalhes para completar o tempero, certamente, não seria demais aguardar um pouco.²¹³

Entretanto, o prenúncio do que viria pela frente foi tanto que amigos em comum dos dois personagens foram até o jornalista pedir que esquecesse esses fatos e parasse com as críticas ao líder do PTB no Ceará. Infelizmente, a “confusão” estava só começando.

²¹³ CAMPOS, Luiz. O dever cívico do voto. In.: *Gazeta de Notícias*, 02 out. 1955, p. 3.

2.2.4. Luiz Campos e a agressão de Jereissati

Depois da publicação deste artigo, o próprio Deputado Federal teria entrado em contato com a direção do jornal. À época, Olavo Araújo era o diretor da *Gazeta de Notícias*. O pedido feito era simples: a proibição da divulgação dos artigos de Luiz Campos.

O político teria, segundo conta o periódico, chegado a ameaçar o jornalista de ter de engolir seus artigos, o que causou a fúria de Luiz Campos, exposta em seu artigo, na terça-feira, dia 11 de outubro, que veio publicado na primeira página do jornal:

O Ceará ainda não se transformou numa senzala de escravos, cujo senhor, de chicote na mão, é o sr. Jereissati. Aqui há, ainda, homens independentes, que sabem ser amigos dos amigos, mas não recuam diante de intimidações. O sr. Jereissati precisa entender que é muito difícil impor o silêncio a quem sabe e pode falar. O seu dinheiro pode valer bastante, até para pagar capangas hábeis em tentar fazer jornalistas engolir artigos, porém não subornará aos que se colocam acima do peso do ouro e da corrupção. O que deve fazer o “deputado” cexinista é ir ocupar o seu lugar na Câmara Federal e defender-se dos ataques e das críticas que lhe estão sendo feitas. Um homem que tem a consciência livre atua assim. Do mesmo modo como há aqueles que tem a hombridade moral e intelectual de acusá-lo, assim deveria proceder o sr. Jereissati na sua defesa. Se não o faz, certamente, é porque não se sente bem situado ou autorizado para isso. A arma da violência nem sempre colhe resultados positivos, e, às vezes, os efeitos podem até ser contrários. Na oportunidade, quero ressaltar que o sr. Jereissati fica responsável perante as autoridades e ao povo pelo que suceder de tudo isso²¹⁴.

O caso estava feito. A briga havia sido comprada. A partir dali, em lados opostos, o jornalista e o político iriam trocar muitas farpas. Já pertencente aos quadros do PSD cearense e muito bem informado sobre os discursos de Armando Falcão na Câmara Federal, Luiz Campos tinha bastante espaço para dar voz aos reclames do Deputado Federal contra o político petebista, ainda mais depois destas ameaças sofridas.

Salientamos que, como percebemos nas duas entrevistas realizadas com Luiz Campos, o político não era do tipo que “leva desaforo para casa”. Sendo assim, não se calaria diante de provocações do influente político. Todavia também

²¹⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Caso Pessoal, não. Questão moral! In.: *Gazeta de Notícias*, 11 out. 1955, p.1.

acreditamos que Luiz Campos tinha consciência de que precisaria de apoio para continuar neste embate com o chefe do PTB cearense. Desta maneira, tudo nos leva a crer que o grande apoio que o jornalista tinha era justamente do Deputado Federal Armando Falcão, já muitas vezes elogiado nos artigos de Luiz Campos.

Poucos dias depois da publicação do artigo acima, as páginas da *Gazeta de Notícias* trazem à tona uma agressão sofrida pelo jornalista, ainda por conta de seus artigos sobre Carlos Jereissati. A chamada de capa do jornal é taxativa²¹⁵:



Imagem 1: Capa da *Gazeta de Notícias*, em 25 de outubro de 1955.

²¹⁵ *Gazeta de Notícias*, 25 out. 1955, p.1.

Segundo o artigo de Luiz Campos, publicado na mesma data, a agressão havia acontecido dois dias antes, em uma festa, na residência da família do Sr. Francisco Luna Machado²¹⁶, amigo em comum do político e do jornalista. No editorial, a *Gazeta* afirma que não se calará e continuará denunciando os erros de homens como Carlos Jereissati:

Dentro dos limites do nosso Estado, a terra que primeiro rompeu os grilhões do cativeiro hediondo, e, por isso mesmo, cognominada a “Terra da Luz”, surgiu, não faz muito tempo, uma pequena mancha que por obra e graça do indiferentismo de uns, apatia de outros e desídia de muitos, cresceu, alargou-se, tomando proporções alarmantes, ao ponto de já hoje constituir-se imensa sombra, pairando ameaçadora e tenebrosa sobre os nossos destinos. É essa sombra sinistra que quer empanar a luz redentora de nossa emancipação, tentando amolentar a nossa fibra e atrofiar os nossos sentimentos de civismo, tornando-nos uma massa abúlica, indigna da tradição que nos legaram todos aqueles que se sacrificaram em holocausto ao bem estar da coletividade, não é senão o mais “votado” dos deputados cearenses – Carlos Jereissati. Simples taberneiro de tecidos, o alquimista das licenças famosas que inundaram o continente de linho e abarrotaram as suas arcas de ouro, quer agora sufocar, com o peso do vil metal e o poderio de sua nefasta influência política, o grito de alarma de homens conscientes de seus deveres. Deslumbrado com o fausto de sua riqueza, empolgado com o poderio transitório e enganador da política, o improvisado “sultão” julga poder silenciar a voz de quem não nasceu com vocação para a escravidão. Engana-se muito, pois que a cada investida sua, investiremos com mais firmeza e maior decisão contra suas mazelas, dissecando-lhe, sem anestesia, a frio, até que o povo conheça, em toda a sua realidade, o cafajeste que se esconde por trás do Marajá cearense. Saberemos ser dignos de nossos maiores, defendendo com sobranceira e altivez os nossos mais lúdicos direitos, não permitindo que indivíduos desclassificados abastardem as nossas tradições nem conspurquem nossos ideais. Nem o ouro nem o poderio político de Jereissati impedirão que daqui brademos: Para trás, Poltrão!²¹⁷

Aqui, é o próprio jornal que lança uma “ameaça” ao político. Continuará a *Gazeta de Notícias* a empreender também uma campanha contra Carlos Jereissati. É preciso registrar, porém, que naquela época Luiz Campos já havia crescido no jornal e chegado a compor sua diretoria, de forma que possuía autonomia e tinha forças necessárias para fazer um achaque diário ao político petebista.

Em seu artigo, ainda neste mesmo dia, Luiz Campos conta como havia sido a agressão. Segundo ele, o político havia entrado na casa da família e deferido-lhe um golpe pelas costas, o qual ele revidou de imediato, causando uma situação que não havia terminado em cena de sangue por conta da intervenção das pessoas

²¹⁶ Não obtivemos maiores informações sobre este personagem.

²¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 25 out. 1955, p.1.

que se encontravam no recinto. A explicação para tal agressão é apenas uma, na opinião do jornalista – a impunidade:

Aí está o resultado da impunidade, possibilitando e incentivando a evolução de um estado psíquico deformado cheio de recalque e neuroses. Esse homem que se apossou de uma fortuna fabulosa e ilícita, que se tornou um dominado pela ideia de todo poderoso inatingível, abominável pelo seu caráter corrompido, já está se excedendo em afronta e em desrespeito à dignidade e à tradição de honra do povo de nossa terra. O meu caso, certamente, foi pequenino exemplo disso. E este – cearenses – é o homem que pretende ser o “dono” do Ceará. Acusado de desonestidade, - não pode sequer transacionar com o Banco do Brasil, pois o seu nome, ali, integra uma “lista negra”. Envolvido numa negociata escandalosa – teve a sua entrada impedida até no Gabinete da Presidência da República. Sem melhor instrução, - é incapaz de pronunciar um discurso ou de escrever um texto que mereça leitura, e tudo da “sua lavra” tem a autoria de seus secretários particulares. Portador de um diploma de deputado federal – foge das suas obrigações parlamentares por inépcia, comodismo ou covardia, quando se vê atacado por voz destemerosa de um seu par. Agora, embora prestigiado pelo dinheiro, - Jereissati já não pode sequer freqüentar um meio social digno, honesto e respeitável, justamente porque acaba de aliar às suas tantas qualidades torpes, mais esta de MOLEQUE!!!²¹⁸

Nesta crítica ao seu agressor, o jornalista expõe mais uma vez a figura do político, de maneira que seus leitores o identificassem como um verdadeiro “moleque”, que não tinha hombridade suficiente para assumir seus compromissos públicos, já que era Deputado Federal. Pior, de homem que não conseguia ouvir críticas dos colegas pelos crimes que cometeu, ausentando-se assim de suas obrigações parlamentares.

Aqui, Luiz Campos, claramente, mostra que essas críticas que Carlos Jereissati não queria ouvir eram as críticas feitas reiteradas vezes por Armando Falcão na Câmara dos Deputados que, como já salientamos, não foram respondidas por Carlos Jereissati.

Entretanto, o que buscamos apresentar ao leitor neste ponto da pesquisa é que é exatamente neste momento de polarização de opiniões, quando as pessoas vão se manifestar a favor ou contra as atitudes do jornalista e do político, que podemos perceber quais eram os setores da sociedade com os quais Luiz Campos mais se identificava.

²¹⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Além de tudo, moleque!. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 out. 1955, p.1.

2.2.5. A sociedade toma partido

No mesmo dia da agressão sofrida por Luiz Campos e nos dias seguintes, muitas são as manifestações de apoio e solidariedade recebidas pelo jornalista, por ocasião da agressão. Todas estas manifestações são publicadas pela *Gazeta de Notícias*. Isto nos faz ver que a imprensa é também um meio de articulação política.

Uma das primeiras manifestações é a da Associação Cearense de Imprensa, ACI²¹⁹, órgão representante da classe jornalística cearense, que já vinha procurando articular cursos e seminários a fim de fomentar o jornalismo no Ceará, bem como dotar esta profissão de uma maior qualidade.

O periódico em que Luiz Campos trabalhava se manifestou através de carta de repúdio a Carlos Jereissati, assinada por todos os seus funcionários. A Ordem dos Inapiários²²⁰ e a União das Classes Produtoras²²¹ também expõem nos jornais a solidariedade ao jornalista.

Quem também explora a situação do jornalista são alguns vereadores em sessão da Câmara Municipal de Fortaleza²²². Em matéria do Unitário, fala-se da sessão do Legislativo em que o assunto teria entrado na pauta de discussões. Segundo o periódico, o vereador José Diogo é que teria levado o caso para o plenário, solicitando um voto de desagravo a Luiz Campos, pelas ofensas contra Carlos Jereissati. O Unitário informa que o pedido do vereador gerou séria discussão com outro parlamentar, o senhor José Batista, que defendia o jornalista Luiz Campos. A discussão teria durado cerca de 70 minutos. Desta maneira, o jornal diz que os ânimos ficaram tão acirrados que, por pouco, os dois vereadores não protagonizaram uma “cena de pugilato”. O voto de desagravo não chegou a ser

²¹⁹ Fundada em 14 de julho de 1925, era o órgão que aglutinava os jornalistas cearenses.

²²⁰ A nota dos empregados e servidores do Instituto dos Industriários também se manifesta em repúdio a atitude do deputado.

²²¹ Na nota publicada na *Gazeta de Notícias*, a instituição exalta a figura de Luiz Campos que, à época, era também diretor do informativo dela, chamado *Folha do Comércio*.

²²² Na ata da 67ª Sessão do 2º período ordinário de 1955, registra-se o pedido feito pelo vereador José Diogo.

publicado, uma vez que as bancadas da UDN e do PSD teriam saído do plenário, em solidariedade a Luiz Campos.²²³



Imagem 2: Jornal O Unitário, 25 de outubro de 1955.

Percebemos, assim, que o fato toma corpo, chega não só aos outros veículos de imprensa, mas também nas discussões do Legislativo Municipal, gerando rixas entre vereadores do partido do jornalista e aqueles que compartilhavam dos mesmos interesses de Carlos Jereissati. É possível perceber também que o episódio torna o jornalista, já polêmico, mais presente no meio político, desta vez não mais apenas pelas críticas às más administrações municipais, mas pela sua própria tomada de posição ao propor uma certa investida contra o poderoso Deputado.

Além das já citadas, a Associação Brasileira de Imprensa, ABI²²⁴, órgão que congregava todas as associações de jornalistas, também vai se fazer presente nesta onda de solidariedade a Luiz Campos. Na ocasião, o presidente desta

²²³ Ameaça de luta corporal ontem na Câmara Municipal entre vereadores. *O Unitário*, 25 out. 1955, p. 6.

²²⁴ A nota da ABI é publicada na *Gazeta de Notícias* em 27 de outubro de 1955 e é assinada pelo então presidente da Associação, Herbert Moses.

associação publica um telegrama que foi enviado ao Ministro da Justiça, no qual explica a necessidade de atenção dos órgãos competentes com a condição dos jornalistas brasileiros. No telegrama, salienta-se a necessidade de haver liberdade de expressão, que seria vital para o funcionamento da imprensa:

Tomando conhecimento da agressão de que foi vítima o jornalista Luiz Campos, por parte do sr. Carlos Jereissati, a Associação Brasileira de Imprensa dirigiu ao sr. Prado Kelli, Ministro da Justiça, o seguinte telegrama. “A Associação Brasileira de Imprensa vem trazer ao conhecimento de V. Excia. novo atentado contra a livre expressão do pensamento, praticado agora na pessoa do Jornalista Luiz Campos, Diretor da Gazeta de Notícias de Fortaleza, conforme V. Excia. poderá verificar pelo telegrama de que junto envio cópia. E ao transmitir ao titular da pasta da Justiça este novo atentado, a ABI pede vênias a V. Excia. para encarecer a necessidade de ser assegurada aos jornalistas a mais ampla liberdade de opinião, consoante ao que dispõe a nossa carta magna e que constitui preceito de resultado vital para a missão da imprensa, sem a qual não seria possível sobreviver. A ABI está certa ao espírito democrático de V. Excia. tais atitudes jamais encontrarão guarida e que V. Excia. acolherá este protesto, determinando as providências necessárias para o estabelecimento do âmbito adequado à sua função. Aproveito o ensejo que se me oferece para renovar a V. Excia. os protestos de minha mais alta estima e elevada consideração. Herbert Moses, Presidente”²²⁵

Aqui, percebemos que o episódio ganhava destaque nacional. Chegando o fato à associação nacional dos jornalistas, esta logo tratou de comunicá-lo ao poder público, pedindo proteção para a atividade jornalística no país, sem, no entanto, expor neste telegrama o agressor, que era um político conhecido nacionalmente. No entanto, se demonstra que Luiz Campos era reconhecido pelos seus pares, uma vez que a classe jornalística estava lhe dando apoio.

Entretanto, o mais relevante é observarmos uma matéria do periódico que vai elencar as “principais” manifestações de apoio ao jornalista, demonstrando para a população que ele não estava sozinho e que, assim como aquele que o agredira, tinha alianças fortes:

A primeira manifestação de solidariedade recebida por Luiz Campos partiu do dr. Silvio Fontenele²²⁶, que a tudo presenciou e é testemunha da intenção leal do jornalista de evitar qualquer acidente e que o assistiu com a maior solicitude. Outra manifestação valiosa foi a levada através de uma visita de um Oficial do Exército, que compareceu à residência de Luiz Campos às primeiras horas da manhã de ontem, para levar-lhe a calorosa

²²⁵ Gazeta de Notícias, 27 out. 1955, p. 3.

²²⁶ Não coletamos maiores informações sobre este personagem.

solidariedade do cel. Severino Sombra²²⁷, que condenou com revolta a agressão. Manifestação de calorosa solidariedade partem também de pessoas as mais destacadas dos círculos políticos e administrativos, inclusive parlamentares, do comércio, da indústria, de entidades de classe, de todas as camadas sociais enfim. A UNIÃO DAS CLASSES PRODUTORAS, entidade das mais representativas do comércio e da indústria divulgou uma brilhante nota onde condena a agressão. A ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE IMPRENSA, reunida extraordinariamente, tomou conhecimento do fato e através de uma enérgica nota, divulgada em outro local da presente edição, condena com veemência a agressão. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais, pelo seu presidente, dr. Paulo Bonavides, prestou sua solidariedade ao jornalista Luiz Campos e verberou a atitude de Jereissati, atitude que oficializará hoje através de nota oficial. O CLUBE INAPIÁRIOS DO CEARÁ do qual o agredido é associado, tornou público, também o seu processo contra a agressão. NA CÂMARA MUNICIPAL, os vereadores José Diogo da Silveira e Dorian Sampaio verberaram com a maior veemência, condenando a agressão e prestando solidariedade ao jornalista, afirmando ter sido ferida, com a atitude daquele comerciante deputado, a própria imprensa, que na hora atual, mais do que nunca, precisa de liberdade na luta pela moralização do país e pelo regime democrático. Numerosas mensagens, telegramas, manifestações pessoais de toda sorte, enfim, tem recebido, desde domingo, o jornalista Luiz Campos de vultos os mais distinguidos de todos os nossos círculos, traduzindo, tudo isso, o movimento de veemente repulsa do povo, da sociedade, das classes, contra a insólita atitude do parlamentar sem defesa, que quer calar, com a força, a voz dos que lhe fustigam a sua indefensável atuação como comerciante, como político e como deputado, mostrando que o nosso povo condena os seus métodos, dos quais o covarde atentado de domingo constituiu o extremo limite, se é que isto existe para ele em matéria de iniquidade.²²⁸

Aqui, é importante perceber que o jornal procura, a todo custo, identificar o jornalista com vários setores “importantes” da cidade, os parlamentares, os comerciantes, os industriais, os jornalistas. Entretanto, é necessário atentar para o fato de que o apoio destas pessoas não devia ser gratuito, afinal, se posicionar contra um político influente e ficar ao lado de um jornalista, mandando inclusive cartas de repúdio ao deputado é, no mínimo, curioso. Certamente, estas pessoas também possuíam interesses ao se posicionarem do lado de Luiz Campos.

Ainda podemos refletir também em cima do fato de que o próprio jornal precisava salientar para o leitor que o seu jornalista estava sendo apoiado pelos “vultos os mais distinguidos de todos os círculos”, desta forma, o leitor depreendia que Luiz Campos era um homem bem articulado, que possuía alianças que o respaldavam, podendo ser mais um nome a se insurgir na grita contra Carlos Jereissati, comandada por Armando Falcão.

²²⁷ Oficial do Exército, era literato, jornalista e educador. Pertencia aos quadros do Partido Trabalhista Nacional. Foi Deputado Federal pelo Ceará.

²²⁸ Gazeta de Notícias, 25 de outubro, p. 7.

Ele, é claro, era outro que não podia deixar de se manifestar em solidariedade a Luiz Campos. O deputado que já havia solicitado a investigação das fraudes das licenças, de que era acusado Jereissati, em telegrama escreve ao jornalista:

“URGENTE

Congenere jornalista Luiz Campos

Redação da GAZETA DE NOTÍCIAS, Fortaleza-Ceará

Acusando recebimento sua comunicação apresso-me manifestar-lhe inteira solidariedade face covarde agressão pt Você está defendendo tradições honra nosso Ceará podendo ficar certo consciência esclarecida terra natal aplaude bravo jornalista pt Vou levar assunto tribuna Camara e sugiro cabografar presidente Associação Brasileira Imprensa pt.

Aguardo detalhes pt Armando Falcão.”²²⁹

Realmente, Armando Falcão chega a levar o assunto à tribuna da Câmara Federal²³⁰:

Mandando aqui a minha solidariedade ao jornalista Luiz Campos e à imprensa de Fortaleza, quero reiterar convite que já fiz desta tribuna ao deputado Carlos Jereissati, em lugar de S. Ex^a insurgir-se contra os fiscais do imposto de renda que foram a sua firma proceder a uma perícia, no termos da lei, e, em vez de agredir jornalistas, no exercício legítimo de sua profissão, venha para esta mesma tribuna defender-se das acusações que lhe fiz mais de cinco vezes. Venha provar com documentos na mão que são falsas as alegações que aqui levantei contra a pessoa de S. Ex^a. Só então será possível ao Sr. Jereissati, por ventura, demonstrar que a razão está do seu lado, o que, aliás, é impraticável. Agora, o que não tem cabimento é, valendo-se das imunidades parlamentares que o mandato lhe outorga e sobretudo esteado na segurança que lhe advém da circunstância de estar à frente do Governo do Estado um cidadão que ali chegou com a ajuda financeira que o Sr. Jereissati lhe deu, continuar S. Ex^a desmandando-se. Em vez disso, S. Ex^a deve vir à tribuna da Câmara defender-se das graves imputações que pesam sobre a sua honorabilidade pessoal.²³¹

No pronunciamento, Armando Falcão cobra, mais uma vez, a presença de Carlos Jereissati para travar um debate sobre as acusações que o deputado do PSD lhe fazia, aproveita ainda para informar que Jereissati, há poucos dias, também havia tido uma atitude de agressão com fiscais do imposto de renda que tinham ido à empresa dele para averiguações.

²²⁹ Telegrama de Armando Falcão. *Gazeta de Notícias*, 26 out. 1955, p.1.

²³⁰ *Gazeta de Notícias*, 26 out. 1955, p.1.

²³¹ Diário do Congresso Nacional, 25 de outubro de 1955, seção 1, p. 7.816.

Desta forma, o PSD vai se aproveitando das próprias atitudes tomadas por Carlos Jereissati para se promover e aumentar mais ainda suas investidas contra seu maior opositor no Ceará, o PTB²³². E, neste ponto, o jornalista Luiz Campos foi decisivo, pois através do jornalismo utilizou o espaço em que escrevia para levar aos leitores suas opiniões a respeito de Carlos Jereissati e do PTB, e ainda pôde aumentar estas críticas, que favoreciam o PSD, quando da agressão que sofreu.

Mas não eram apenas instituições e pessoas influentes que demonstravam apreço ao jornalista e condenavam as atitudes de Carlos Jereissati. Alguns leitores assíduos das colunas de Luiz Campos também manifestam seus pontos de vista sobre o assunto e se solidarizam com o jornalista. Há o registro de algumas destas cartas. Uma delas, do sr. José Vitorino Menezes, fala que se a “moda” pegar, muitas outras agressões deste tipo irão acontecer²³³.

Já o neto do historiador e político João Brígido, chamado Edgar Brígido Nunes Flexa, envia uma carta ao “amigo” Luiz Campos em que afirma que está do lado do jornalista e, mais, faz um apelo para que todos os jornalistas passem a andar armados, “com um bom 38”, a fim de evitar estes tipos de agressões e protegerem-se de “mocinhos” como o deputado Carlos Jereissati. Para este leitor de Luiz Campos, somente desta forma, com mais agressão, no caso, é que teria sido respondida à altura a agressão por ele sofrida²³⁴.

Os irmãos de Luiz Campos também publicam uma nota²³⁵, em repúdio à atitude de Carlos Jereissati. Entretanto, propõem uma trégua, uma vez que não viam sentido naquele tipo de comportamento que, para eles, era um retrocesso.

Outros veículos de comunicação também repercutem o episódio da agressão. O Correio do Ceará publica matéria informando sobre a reunião dos

²³² Aqui, para reforçar a ideia de que a campanha contra Jereissati era uma bandeira do PSD cearense, registramos que na ata da 63ª sessão do 2º período ordinário de 1955, da Câmara Municipal, em 19 de outubro de 1955, o vereador José Diogo, na Ordem do Dia, procedeu à leitura do referido artigo de Luiz Campos, que causou toda esta celeuma. Mais uma vez, notamos que o partido, como um todo, estava mobilizado neste propósito de manchar a imagem do líder petebista.

²³³ Gazeta de Notícias, 26 out. 1955, p. 3.

²³⁴ Gazeta de Notícias, 26 out. 1955, p. 7.

²³⁵ Gazeta de Notícias, 25 out. 1955, p. 2.

membros da ACI que teria decidido publicar a nota de desagravo ao Deputado, bem como fala que uma comissão de jornalistas teria ido pessoalmente prestar solidariedade a Luiz Campos em reunião no Clube Náutico²³⁶. Além disto, o jornal apresenta um resumo da sessão em que Armando Falcão se solidariza com o jornalista²³⁷, assim como o episódio já explorado sobre a discussão entre os vereadores na Câmara Municipal para decidirem sobre um voto desagravo contra Luiz Campos.

Até mesmo a família de Carlos Jereissati chega a procurar o jornalista. Luiz Campos afirma, em nota publicada pela *Gazeta*, ter recebido a solidariedade do irmão do político, o Sr. João Jereissati, que o teria procurado a fim de se desculpar, em nome da família²³⁸:

Já se encontravam concluídos os trabalhos desta edição, quase madrugada, quando recebi a visita do meu amigo particular, dr. Jereissati, atualmente Procurador Jurídico do Instituto dos Comerciantes e que foi delegado daquela autarquia em nosso Estado, o qual veio me cumprimentar e falar do incidente registrado entre mim e o seu irmão, Carlos Jereissati. Mantivemos longa palestra, cordial e dentro de um espírito de perfeita compreensão e sensatez. Diante das considerações profundamente humanas, fiéis e corteses, expostas por aquele meu amigo, a quem tenho na absoluta conta, depois de muito ponderar, assegurei o meu propósito de tornar o presente caso como encerrado, de minha parte, desde que assim fosse a conduta dos meus adversários. Torno público este pronunciamento para que o povo de minha terra saiba compreender até onde vão os meus sentimentos diante da consideração que posso dispensar a um amigo e a uma mãe que se encontra em profundo abatimento e angústia – a do dr. José Jereissati – e a fim de evitar que me julguem um homem violento e desabrido. Porém, posso assegurar, que continuarei sempre altivo, sem recuar intimidações e pronto a repelir qualquer investida que a traição e deslealdade de um insensato se volte, novamente, contra mim. A minha confiança está em que saibam todos me julgar com absoluta isenção de ânimos.²³⁹

Na nota que Luiz Campos publica, no dia de seu aniversário, se compromete a parar com as investidas contra Carlos Jereissati na *Gazeta de Notícias*. Entretanto, pondera que, para tanto, também seus “adversários” deveriam se comportar da mesma forma. Aí, fica claro que Luiz Campos era, sim, um ser político, cujos interesses, naquele momento, estariam falando mais alto. Talvez, até

²³⁶ Protesto da ACI contra agressão do jornalista pelo Dep. Jereissati. *O Unitário*, 25 out. 1955, p. 1.

²³⁷ Repercute na Câmara a agressão ao diretor da “Gazeta de Notícias”. *O Unitário*, 25 out. 1955, pp. 1 e 6.

²³⁸ Ao Público. *Gazeta de Notícias*, 25 out. 1955, p.7.

²³⁹ Idem.

mesmo o desejo de se tornar mais conhecido no seio da sociedade fortalezense, a fim de alavancar um futuro político.

Entretanto, não seria tão fácil para Carlos Jereissati escapar às linhas de Luiz Campos. Em artigo publicado no dia 27 de outubro de 1955, o jornalista agradece as manifestações de solidariedade e encerra o assunto da agressão afirmando que “é muito cedo ainda”...

Sem omitir a verdade, em recuar diante dos arreganhos sem temer a prepotência nem atacar certas conveniências de ordem pessoal, que prejudiquem os interesses da coletividade, é que tenho procurado orientar o meu trabalho e a minha função. Muito gostaria, pois, que me fizessem voltar à posição anterior, mais de acordo com as minhas condições e ao que, realmente, mereço... Nunca forcem voar um pássaro que ainda tem asas tensas! Ainda é cedo, muito cedo, ainda!...²⁴⁰

Mesmo com esta promessa de pausa nas acusações contra o Deputado Federal, Luiz Campos não deixaria passar outras oportunidades de recolher os fatos do escândalo da CEXIM em outros artigos futuros. No ano de 1956, por exemplo, quando se cogita em Fortaleza a demolição do Abrigo Central da Praça do Ferreira, o jornalista entra em cena para defender que o espaço devia continuar existindo naquele mesmo local e que só estava sendo cogitada esta demolição porque Carlos Jereissati estaria construindo um hotel atrás do Abrigo e queria “limpar a vista” dos turistas que lá se hospedariam. Para ele, tudo isto se devia a “milionários que querem comprar as atitudes do governo, a vergonha do povo, a dignidade dos legislados”²⁴¹.

Utilizamos este episódio e as discussões entre Armando Falcão e Carlos Jereissati para tentar esclarecer como eram tomadas as posições de Luiz Campos e como ele vai se envolvendo com as questões políticas, em Fortaleza e no Ceará. Desta forma, pretendemos mostrar que este jornalista, hábil com as palavras, tinha interesses políticos e estava galgando seu lugar ao sol, como veremos adiante.

²⁴⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: É muito cedo ainda! In.: *Gazeta de Notícias*, 27 out. 1955, p.3.

²⁴¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Abrigo – Assembléia do Povo. In.: *Gazeta de Notícias*, 1º jul. 1956, p.3.

2.3. A Presidência da Caixa Econômica Federal

2.3.1. Articulações do PSD para assumir presidência da CEF-CE

No final de 1956, entre os dias 20 de setembro e 4 de outubro, as colunas “Considerações” somem das páginas da *Gazeta de Notícias*. Quem acompanha as páginas do antigo jornal, pergunta-se o que teria acontecido com o jornalista naqueles dias. A resposta é fácil. No dia 4 de outubro, a *Gazeta* publica em primeira página que Luiz Campos, que estava em viagem ao Rio de Janeiro, então capital brasileira, regressava à Fortaleza.

Na matéria, que é acompanhada por uma fotografia de Luiz Campos rodeado por amigos, na chegada ao aeroporto Pinto Martins, explica-se que o jornalista havia ido à Capital Federal “em caráter particular”, aproveitando para conhecer as redações dos maiores jornais do país e trazer vasto material para a *Gazeta*²⁴².

O motivo desta viagem podemos perceber nos dias seguintes. Apesar de o periódico afirmar que Luiz Campos voltaria imediatamente às suas funções na *Gazeta de Notícias*, ele escreve apenas duas colunas, uma no dia 6 e outra no dia 7 de outubro.

Neste mesmo dia, uma matéria de primeira página do matutino afirma que Luiz Campos estava cotado para assumir a presidência da Caixa Econômica Federal²⁴³ no Ceará. E quem queria o jornalista na CEF? O PSD, partido do qual ele fazia parte, como explica a reportagem da *Gazeta*:

Segundo foi noticiado, esteve reunido, ontem, o diretório estadual do Partido Social Democrático, com objetivo de fazer a escolha do nome a ser indicado ao Presidente da República para ocupar o cargo de Diretor da Caixa Econômica Federal do Ceará, vaga existente em virtude do sentido e lamentado falecimento do Sr. Vicente Linhares. À reunião em apreço compareceram cerca de 36 dos 40 membros integrantes daquele Diretório. Por decisão unânime – o que é sobremodo significativo – o Diretório do

²⁴² Regressou o jornalista Luiz Queiroz Campos. *Gazeta de Notícias*, 4 out. 1956, p.1.

²⁴³ A Caixa Econômica Federal é um banco público brasileiro, fundado em 12 de janeiro de 1861, pelo Imperador Dom Pedro II. Disponível em <http://www.caixa.gov.br/acaixa/historia_missao.asp>. Acesso em 23 de setembro de 2010, 18h.

PSD deliberou indicar para a vaga existente na Caixa Econômica, o nome do dr. Luiz Campos, jornalista e advogado dos mais destacados da nossa capital²⁴⁴.

Entretanto, a escolha de Luiz Campos para o cargo, sobre a qual o jornal afirma que “merecerá a acolhida e apoio necessários”, pareceu não sensibilizar o Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

A própria *Gazeta de Notícias* anuncia, dias depois, que o nome escolhido para o preenchimento da vaga deixada seria o de Antônio José Gentil²⁴⁵. A nomeação aparece no Diário Oficial da União em 20 de novembro de 1956:

“O Presidente da República resolve nomear: de acordo com o art. 8º, § 1º do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 24.427, de 19 de junho de 1934, Antonio José Gentil, Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, para exercer a função de Presidente do mesmo Conselho, na vaga decorrente do falecimento de Vicente Alves Linhares”²⁴⁶

Mas, o jornalista, como uma espécie de “prêmio de consolação”, angaria uma Diretoria da Caixa Econômica. A partir dali não precisaria esperar muito tempo para ocupar o cargo para o qual o partido desejava indicar-lhe.

2.3.2. Luiz Campos chega à Presidência da CEF

A presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará é alcançada por Luiz Campos apenas em 1960, ao final da gestão de Antônio José Gentil. No entanto, o jornalista Luiz Campos, a esta data, já era membro do Conselho Administrativo do banco público.

A nomeação do jornalista para a Presidência do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará é publicada no Diário Oficial de 24 de agosto de 1960, juntamente à demissão de Antônio José Gentil:

²⁴⁴ Luiz Campos indicado por unanimidade para a vaga deixada por V. Linhares. *Gazeta de Notícias*, 7 out. 1956, p.1.

²⁴⁵ Antônio José Gentil era também membro do Partido Social Democrático.

²⁴⁶ Pág. 6, Seção 1. DOU de 20 de novembro de 1956.

DECRETOS DE 24 DE AGOSTO
DE 1960

O Presidente da República resolve

DEMITIR:

De acôrdo com o artigo 207, item X, da Lei nº 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com o artigo 193, itens IV e XI, da mesma lei

Tendo em vista o que consta do Processo nº 18.384-60, da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda

Antonio José Gentil, do cargo de Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Estado do Ceará e da função de Presidente do mesmo Conselho.

NOMEAR:

De acôrdo com o artigo 8º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 24.427 de 19 de junho de 1934

José Milton de Holanda Pimentel para exercer a função de Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, na vaga decorrente da demissão de Antonio José Gentil.

Luiz Queiroz Campos, membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, para exercer a função de Presidente do mesmo Conselho, na vaga decorrente da demissão de Antonio José Gentil.

Imagem 3: Fac-símile do Diário Oficial da União, de 24 de agosto de 1960.

Sobre a atuação na Caixa Econômica Federal do Ceará, o próprio jornalista nos relatou que os seus principais feitos foram “moralizar” o banco e dar lucros:

Juscelino Kubitscheck era o presidente da República, eu era o presidente da Caixa Econômica, tinha botado os ladrões da Caixa Econômica presos, prendi num inquérito muito sério. Moralizei a Caixa Econômica, fazia 15

anos que dava prejuízo, passou a dar lucro e transformou-se numa Caixa padrão para o Brasil²⁴⁷.

A passagem de Luiz Campos pela presidência da Caixa Econômica do Ceará dura dois anos. Em 1962, é exonerado do cargo para que assumisse Manuel Gentil Porto.

Entretanto, esta exoneração e a consequente indicação do novo nome, parecem, mais uma vez, ter uma influência do antigo desafeto do jornalista, o Deputado Carlos Jereissati.

Desde junho de 1962, as informações sobre a saída de Luiz Campos da Caixa Econômica, já eram divulgadas pelos jornais de Fortaleza:

Fonte extra-oficial informa que deverá ser nomeado para o cargo de Presidente da Caixa Econômica Federal do Ceará, em lugar do jornalista Luiz Campos, o comerciante Manuel Gentil Porto. Ouvido pela reportagem de *O Povo*, disse o sr. Luiz Campos, baseado em informação de pessoa vinda, ontem, de Brasília, que o ato não foi publicado no Diário Oficial e que o deputado Martins Rodrigues não concorda em ceder a presidência da CEFC ao PTB jereissatista. No entanto, considera quase certa a sua substituição pela pessoa que for indicada pelo Deputado Carlos Jereissati²⁴⁸.

A reportagem do jornal *O Povo* vai além, explicando, ainda, segundo Luiz Campos, que o nome que estava sendo cotado para assumir a presidência da Caixa Econômica no Ceará era primo de Antônio José Gentil, que teria sido demitido da presidência anterior do órgão, após uma denúncia feita pelo próprio jornalista de um desfalque de 20 milhões de cruzeiros na CEF.

O Presidente da CEF-Ce afirma ainda para o periódico que deixaria o banco com lucros superiores aos do ano anterior. Saindo da Caixa Econômica, o jornalista afirma que voltaria a atuar nos jornais, mas que também estudaria propostas de empregos em firmas particulares e no próprio I.A.P.I., onde já havia trabalhado.

²⁴⁷ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

²⁴⁸ Luis Campos considera quase certo seu afastamento da Caixa. *O Povo*, 19 jun. 1962, p.2.

No dia seguinte, 20 de junho de 1962, é a *Gazeta de Notícias* que aborda o assunto da demissão de Luiz Campos do banco público. Segundo a reportagem do periódico, o PSD estadual e federal estariam tentando reverter o caso, a fim de manter o jornalista no cargo.

A *Gazeta* retoma ainda a antiga rixa existente entre o jornalista e o deputado Carlos Jereissati, como forma de tentar explicar as possíveis motivações para que Luiz Campos fosse demitido da Caixa Econômica:

Vale salientar que, ao tempo que este jornal era dirigido pelo jornalista Olavo Euclides Araújo, o jornalista Luiz Campos sustentou tenaz campanha contra o deputado Carlos Jereissati. Revelava os escândalos da CEXIM e acusava aquele comerciante e político cearense. Chegou a ser agredido em ambiente social, numa festa, pelo presidente do PTB. Daí até hoje, profunda rixa se manteve, sendo conhecidas as denúncias de que o Presidente do PTB tramava a sua demissão desde a posse do seu amigo João Goulart na presidência da República²⁴⁹.

Assim, fica claro que as feridas abertas cinco anos antes ainda não haviam sido curadas, de forma que as disputas PSD-PTB continuavam e Luiz Campos continuava se posicionando antagonicamente aos pessebistas. O partido logo preocupa-se em também expor sua posição e brigar pelos cargos que possuía. Assim, ainda no dia 20 de junho, o presidente do PSD, Waldemar Alcântara, fala à *Gazeta de Notícias*:

O Presidente do PSD, dr. Waldemar de Alcântara, falando ontem a reportagem de <GAZETA DE NOTÍCIAS> , declarou que seu partido não concorda de maneira alguma com a demissão do jornalista Luis Campos da presidência da Caixa Econômica e que considera um golpe agravante para o seu prestígio de agremiação majoritária e altamente prestigiada nos quadros da vida pública brasileira. Acrescentou o presidente do PSD cearense que o PSD nacional se movimenta para anular o extemporâneo do seu Primeiro Ministro, por pressão do deputado cearense Carlos Jereissati, certo de que o jornalista Luis Campos desenvolve uma atuação administrativa das mais sérias e brilhante à frente da Caixa Econômica Federal do Ceará, não havendo qualquer motivo para a sua demissão. Isto sem falar no fato de que, terminando o seu mandato em setembro vindouro, não poderia ser demitido sumariamente do posto²⁵⁰.

O apoio ao jornalista, mais uma vez não parte apenas do seu partido. Outras camadas da sociedade também irão se manifestar contrárias à demissão de Luiz Campos da Caixa Econômica, como os estudantes e operários, que em comício

²⁴⁹ Luis Campos categórico. *Gazeta de Notícias*, 20 jun. 1962, p.4.

²⁵⁰ Waldemar: Demissão é afronta. *Gazeta de Notícias*, 20 jun. 1962, p.3.

realizado na Praça do Ferreira decidiram apoiar o “movimento pela manutenção do jornalista Luiz Campos na Presidência da Caixa Econômica”²⁵¹.

Também manifestaram-se em apoio a Luiz Campos a União dos Servidores Autárquicos Federais do Ceará²⁵², em nota oficial, e a Legião Brasileira de Assistência²⁵³, que teria se reunido com Luiz Campos para prestar apoio²⁵⁴.

Nos dias seguintes, as acusações a Carlos Jereissati tornam-se ainda mais incisivas, com a declaração de Luiz Campos de que o deputado teria lhe oferecido outros cargos para que ele deixasse a presidência da Caixa Econômica, como explica o jornalista para a *Gazeta de Notícias*:

A trama para me jogar fora da Caixa Econômica e tomar conta daquela importante repartição vem de longe. Tentou-se o golpe. Falhou no primeiro lance. Em seguida, foi a chantagem e o suborno. Também falhou. Agora, vem outro golpe, com as armas da felonía e da mentira. O sr. Jereissati, através de pessoas de responsabilidade, que não negarão o que estou dizendo, há vários meses vêm me fazendo propostas, a fim de que eu renuncie ao cargo, porque ele quer tomar conta da Caixa Econômica²⁵⁵.

Dias depois, entretanto, a *Gazeta de Notícias* divulga um telegrama do Senador Menezes Pimentel, que informava a Luiz Campos que o documento com sua demissão teria sido, realmente, assinado, mas que o deputado Martins Rodrigues²⁵⁶ havia conseguido sustar a publicação dele.

Para a *Gazeta de Notícias*, isso deixava claro que a estratégia de pessoas ligadas a Carlos Jereissati, como seus parentes, terem dado entrevistas informando que a demissão de Luiz Campos seria apenas boato da imprensa, era uma saída “falsa”²⁵⁷.

²⁵¹ Estudantes e operários fizeram seu protesto contra a demissão de Luiz. *Gazeta de Notícias*, 23 jun. 1962, p.3.

²⁵² Nota Oficial. *Gazeta de Notícias*, 23 jun. 1962, p.5.

²⁵³ Criada em 1942, organizada em consequência do engajamento do País na Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo era o de prover as necessidades das famílias, cujos chefes haviam sido mobilizados para a guerra.

²⁵⁴ LBA com Luiz. *Gazeta de Notícias*, 27 jun. 1962, p.1.

²⁵⁵ Luiz Campos rejeitou a barganha. *Gazeta de Notícias*, 24 jun. 1962, p.4.

²⁵⁶ Advogado e professor, natural de Quixadá-CE, filiado ao PSD cearense, foi Deputado Federal nas décadas de 1950 a 1970.

²⁵⁷ Saída Jereissatista é falsa: demissão foi mesmo assinada. *Gazeta de Notícias*, 26 jun. 1962, pp.1-2.

A polêmica desaparece das páginas dos jornais. Todavia, em agosto de 1962, a exoneração de Luiz Campos do cargo de Presidente da Caixa Econômica Federal é publicada no Diário Oficial da União²⁵⁸:

CONCEDER EXONERAÇÃO:
A Luiz de Queiroz Campos de Mem-
bro do Conselho Administrativo da
Caixa Econômica Federal do Estado
do Ceará.
 Brasília, em 14 de agosto de 1962;
 141º da Independência e 74º da Re-
 pública.
JOÃO GOULART
F. Brochado da Rocha
Miguel Calmon

Imagem 4: Fac-símile do Diário Oficial da União, de 14 de agosto de 1962, que exonera Luiz Campos da Presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará.

Quem assume o cargo deixado pelo jornalista, em verdade, não nos causa espanto, foi Manuel Porto Gentil, cunhado de Carlos Jereissati, que já era cogitado desde junho para a vaga:

O Presidente da República resolve
NOMEAR:
De acordo com o art. 8º, § 5º, do Re-
gulamento aprovado pelo Decreto
nº 24.427, de 19 de junho de 1934,
Manoel Gentil Porto, para exercer
a função de Presidente do Conselho
Administrativo da Caixa Econômica
Federal do Estado do Ceará, na vaga
decorrente da exoneração de Luiz de
Queiroz Campos.
 Brasília, em 14 de agosto de 1962;
 141º da Independência e 74º da Re-
 pública.
JOÃO GOULART
F. Brochado da Rocha
Miguel Calmon

Imagem 5: Fac-símile do Diário Oficial da União, de 14 de agosto de 1962, que nomeia Manuel Porto Gentil para a Presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará.

²⁵⁸ Pág.6, Seção 1, Diário Oficial da União, 14 de agosto de 1962.

Entretanto, não foi com este revés que Luiz Campos deixou a política e a vontade de “ir à luta e não recuar”²⁵⁹.

Não é com esta situação, que envolve mais uma vez o Deputado Federal Carlos Jereissati, que Luiz Campos vai desistir de atuar na política cearense. Certo de que, mais uma vez, uma polêmica envolvendo seu nome tinha ganhado projeção dentro da cidade, o jornalista também se aproveitava disso para “vender” sua imagem de homem sério e honesto, que havia elevado a Caixa Econômica no Ceará a outros patamares, para conquistar a simpatia da população e, quiçá, mais adiante, seus votos, como veremos adiante.

²⁵⁹ A expressão é utilizada por Luiz Campos em entrevista à Gazeta de Notícias sobre a demissão da Caixa Econômica.

CAPÍTULO III:

“A CIDADE E SEU NOVO PREFEITO”

Neste capítulo analisamos a atuação de Luiz Campos como vice-prefeito de Fortaleza, percebendo como ele se portou neste cargo administrativo da Capital e em que medida pôs em prática as ideias que propunha nos seus artigos para resolver os problemas da cidade. Luiz Campos concorreu às eleições do ano de 1962, para o cargo de vice-prefeito, apoiando o candidato a prefeito Murillo Borges. Os dois concorriam pela União do Ceará.

Salientamos que em certo período Luiz Campos chegou a assumir a prefeitura por conta de licença do prefeito Murillo Borges, o que nos dá uma quantidade maior de fontes que nos fornecem indícios da atuação do jornalista enquanto administrador da Capital, permitindo-nos analisar como ele se comporta em um cargo de chefia, quais são suas prioridades, bem como suas relações com os demais políticos, com os meios de comunicação e com a sociedade em geral.

Para construirmos o capítulo, decidimos dividi-lo em três tópicos. No primeiro deles analisaremos as eleições do ano de 1962, enfocando a campanha de Luiz Campos. No segundo, iremos refletir sobre a relação de Luiz Campos e Murillo Borges. Por fim, no último tópico, iremos explorar o comportamento do jornalista quando assume as funções de prefeito da capital cearense. É nossa proposta perceber até que ponto o jornalista colocou em prática suas ideias para a cidade, expressas em seus artigos anos antes dele assumir o cargo de prefeito de Fortaleza.

3.1. “Quem é Luiz Campos?”

3.1.1. As eleições de 1962 no Ceará

No âmbito político do estado do Ceará, as eleições do ano de 1962 começam bastante conturbadas. Logo no início da década de 1960, os conflitos internos nos partidos políticos vão se acirrando. As disputas por cargos e pelo controle do poder entre os diversos membros dos partidos levam às desavenças que

geram novos arranjos políticos, novas alianças e, conseqüentemente, dão outros rumos para a política local.

Os arranjos políticos para a formação de chapas para concorrer às eleições de 1962 têm início ainda no ano de 1961. Segundo Aroldo Mota, no mês de maio de 1961, o PSD já se articulava, procurando atrair o PSP, de Olavo Oliveira, na tentativa de isolar o seu maior opositor, PTB. O nome sugerido para concorrer ao governo do estado é o de José Martins Rodrigues. Da mesma forma, PTB e UDN também já se articulavam.

No mês de julho, a ideia já era trazer para compor chapa com o PSD, a UDN, tese defendida por Paes de Andrade e pelo articulador maior do PSD, Armando Falcão. Entretanto, poucos dias depois, em agosto, o presidente Jânio Quadros renuncia seu cargo e influencia diretamente nas eleições locais, uma vez que o deputado Martins Rodrigues é nomeado Ministro da Justiça, fortalecendo seu nome para a disputa de 1962.

No entanto, os fatos se modificam com a quebra da aliança entre Carlos Jereissati e Parsifal Barroso, então governador. Em julho de 1962, Barroso afirma que irá permanecer no governo. Porém, com a impossibilidade de manter o controle total do PTB, que tinha boa parte dos quadros ligados a Carlos Jereissati, Parsifal Barroso ingressa no Partido Trabalhista Nacional, PTN, levando consigo outros petebistas insatisfeitos.

Desta forma, outras alianças vão se configurando. As casas dos políticos, segundo Aroldo Mota, passam a ser os palcos da política estadual, articulando nomes, distribuindo cargos e fazendo alianças, de acordo com as intenções de cada um.

Para Abelardo Montenegro, há ainda que se ressaltar o alto custo das eleições de 1962. Segundo ele, nesse período o voto havia atingido um preço bastante elevado e só candidatos muito ricos poderiam alcançar votos suficientes para serem eleitos. O autor fala, inclusive, que o preço do voto nas eleições de 1962

estava variando entre dois e três mil cruzeiros, fazendo até mesmo velhos políticos desistirem de se candidatar.

É nesse contexto que, em julho de 1962, o PSD consegue finalmente atrair o apoio da UDN. É constituída, então, pelo PSD, uma comissão para tratar da sucessão. Fazem parte dela Waldemar de Alcântara, José Martins, Menezes Pimentel, Wilson Gonçalves e Vicente Augusto. A proposta era fechar um acordo com a UDN para lançar Virgílio Távora para Governador, ficando a vice e uma vaga do senado para o PSD. A UDN forma uma outra comissão para estudar a proposta.

Enquanto isso, Armando Falcão ocupa os veículos de comunicação dos Diários Associados no intuito de desmobilizar a candidatura de Adahil Barreto, taxando-o de comunista e esquerdista, o que ganha eco pelo estado e leva Adahil a desistir da eleição.

Assim, ainda no mês de julho, PSD, UDN e PTN entram em acordo que ficou conhecido pelo nome de “União pelo Ceará”, isolando os demais partidos. O acordo foi anunciado em nota veiculada nos meios de comunicação:

O Partido Social Democrático, a União Democrática Nacional e Partido Trabalhista Nacional, pelas suas secções regionais, deliberaram, nesta data, unir as suas forças políticas para a realização, no futuro Governo, de um plano de ação que propicie o desenvolvimento econômico do Estado e o bem-estar da coletividade cearense. Esse programa de trabalho, reclamado pela opinião pública como de irrecusável necessidade, terá como executor o Governo do Estado, com o apoio na Assembleia Legislativa dos representantes daquelas agremiações partidárias, e, no Congresso Nacional, dos deputados e senadores eleitos sob as respectivas legendas. Nos entendimentos realizados entre as direções partidárias com esse alto e patriótico propósito, ficou assentado que o candidato comum ao Governo do Estado sairá das hostes da União Democrática Nacional e os candidatos aos postos de Vice-governador e de senadores a serem eleitos no pleito de sete de outubro sairão das fileiras do Partido Social Democrático e do Partido Trabalhista Nacional. Fortaleza, 28 de julho de 1962.²⁶⁰

O PSD e o PTN se comprometiam ainda a entregarem à UDN uma lista com três nomes, dentre os quais, o partido deveria escolher o candidato ao Governo do Estado. Os nomes que compuseram a lista foram os do coronel Virgílio Távora, do Ministro Gentil Barreira e do Deputado Leão Sampaio. Cerca de 15 horas após

²⁶⁰ MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará: 1945 – 1985**. Fortaleza: Stylus, 1985, p. 112.

receberem os nomes, a UDN anunciou o nome de Virgílio Távora como candidato. Já a oposição, denominada “Frente Democrática”, colocou o nome de Adahil Barreto para disputar com Virgílio.

Para Aroldo Mota, os partidos que compunham a União pelo Ceará formavam uma força política de natureza conservadora. Segundo o autor, isto fica claro em nota publicada por estes partidos para esclarecer a população sobre as suas intenções:

O PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO, a UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL e o PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL vêm reafirmar solenemente ao povo cearense, através deste manifesto, o propósito que animou os respectivos Diretórios Regionais de unirem as suas forças políticas para, nas eleições de 7 de outubro vindouro, disputarem, com candidatos comuns, os postos de Governador e Vice-Governador do Estado e de Senadores da República.

O objetivo dessa união, elevado e patriótico, é, antes de tudo, a preservação das instituições democráticas, visadas pela crescente onda demagógica que pretende alcançar o poder para, de posse dele, sacrificar o regime de liberdade em que vivemos. Estamos convencidos de que, ou as forças do centro se congregam, como fizemos, para assegurar à nação a sobrevivência da Democracia, ou chegará, em breve, a hora de renunciar ao sistema político que assegura a plenitude das franquias individuais, o desenvolvimento econômico, o trabalho construtivo e a paz social.

Já seria suficiente essa nobre e elevada inspiração para justificar uma composição das forças partidárias de maior representação na vida política do Ceará. Mas além disso, levou-as a esse entendimento a preocupação de realizarem, na futura administração, com o apoio sólido das respectivas representações, na Assembleia Estadual e no Congresso, um plano de Governo que propicie o desenvolvimento do Estado em todos os setores de suas atividade e, com ele, o bem-estar da coletividade cearense. Sucedem-se, com efeito, as administrações, sem que seja possível atender a um plano de trabalho solidamente estruturado, tal como reclama imperiosamente a opinião pública, porque, nascidos de lutas políticas acirradas, tem faltado aos governos estaduais, para ampla realização do bem comum um largo e indispensável apoio nas Câmaras Legislativas.

O povo está realmente cansado de embates partidários estéreis, sem finalidades outras que não a satisfação dos interesses das próprias correntes políticas, os quais embora legítimos, não podem esgotar, necessariamente a finalidade das escolhas eleitorais. O que o povo quer – o povo, no sentido real e exato da expressão, e não as correntes demagógicas vazias de significado – o que o povo exige e reclama é a satisfação de seus anseios legítimos a conquista de suas reivindicações justas, o progresso econômico e a harmonia social, o trabalho fecundo e a prosperidade coletiva. Essa é a obra comum de governantes e governados, que somente se alcançará com êxito através de uma administração honesta e criteriosa, forte e respeitada, que se constitua em objetivos subalternos, sem preocupações secundárias, sem interesses espúrios ou mesquinhos, sem subordinação a pressões de grupos ou imposições individuais descabidas.

Em vão os que se opõem, agora, a essa causa de interesse do Ceará, despertados, de repente, para a suposta defesa das prerrogativas populares, tentam desvirtuar, através de manifestos e publicações

insinceras, o verdadeiro alcance do acordo em que se compuseram a UDN, o PSD e o PTN. Não se trata de combinações ou entendimentos secretos entre direções partidárias para a distribuição de cargos e posições entre si. Não se trata de subtrair ao povo o direito, que é fundamental na Democracia, de comparecer às urnas e escolher os mais capazes. Esses entendimentos tiveram e têm uma motivação superior, que os anima e engrandece: o fortalecimento da Democracia e o propósito de permitir, no Estado, a concretização de uma tarefa administrativa planejada segundo as conveniências de ordem geral. O acordo não se fez por imposição de cúpulas partidárias. Estas, no nosso caso, agiram em função da confiança recíproca em perfeita consonância com as aspirações de suas bases eleitorais, e nunca, movidas por objetivos inconfessáveis, como pretendem insinuar, agora, depois de repellido o ardil de suas manobras, aqueles que, contra eles, opõem, solertemente, uma simulada aversão.

Enganam-se os que supõem que o eleitorado cearense não esteja devidamente preparado para julgar o comportamento de seus líderes. O PSD, a UDN e o PTN não se arreceiam desse julgamento, que se manifestará concretamente no pleito de 7 de outubro. O povo apontará, nas urnas, livre e soberanamente, os que podem, realmente, falar em seu nome, os que encarnam, de fato, os seus anseios e aspirações, os que na verdade almejam a sua tranquilidade e o seu bem-estar, os que sem preocupações demagógicas, desejam efetivamente a prosperidade coletiva. Aguardamos, serenos e confiantes, o veredito popular. Não é nossa a linguagem da frustração, do ódio e do desespero.

Falamos, em nome do Ceará, a linguagem dos homens de boa vontade, que é a linguagem tranquila da serenidade, da confiança nos destinos do Estado e da esperança no seu futuro.²⁶¹

Assim, percebemos que o tom deste manifesto da União pelo Ceará era de desqualificar sua oposição, nitidamente liderada pelo PTB, de Carlos Jereissati, e pelo PSP, de Olavo Oliveira. A intenção, marcadamente, era de se lançar como única solução para que o Ceará não caísse nas mãos dos “demagogos”, daqueles que não queriam benefícios para a coletividade e sim, para si próprios.

Entretanto, a oposição não se intimida. Chamando a União pelo Ceará de “conspiração de cúpulas”, também lança manifesto, defendendo-se das acusações levantadas pelo PSD, UDN e PTN. Em tom bastante agressivo, falam:

Nascida de um imperativo popular, pelas suas identificações naturais com a causa dos humildes, a candidatura do Sr. Adahil Barreto se encontra ameaçada por uma vasta conspiração. Conspiração das cúpulas, conspiração dos palácios, conspiração dos grupos econômicos e até conspiração do silêncio. Já ontem, deixava um vespertino da cidade, hoje, infelizmente, alistado nas maquinações de cúpula, um jornalista que ali não podia expressar sua repulsa à traição e incorporar-se à luta do homem livre do Ceará, como a denominou o deputado Carlos Jereissati, em sua proclamação.

Pretendem as cúpulas, os palácios, os prepotentes, os arrogantes sufocar e amordaçar a manifestação legítima da vontade popular. Já dizem que a

²⁶¹ Idem, pp. 115 – 117.

candidatura da traição será vencida, na capital, por uma maioria de 80 mil votos, mas, no interior, a corrupção, a força, a fraude compensará largamente a esmagadora derrota da capital. É o insulto ao homem livre do interior.

Mas a reação brava, encetada pelo Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, encontrou ressonância, entre os humildes, e nas escolas, nas oficinas, nos campos, em toda parte prorrompe a insurreição contra a trama golpista.

Não há força humana, nem do ódio, nem da prepotência, nem da traição que possa conter a aspiração de um povo em marcha. Principalmente, quando esta aspiração se cristaliza na candidatura de um homem como Adahil Barreto, sem títulos de falsa nobreza, sem gordas heranças, e que sempre soube defender, mesmo à custa de insultos, de sacrifícios e de prejuízos, a verdadeira causa do povo.

Mas até 7 de outubro, dia da liquidação do complô contra o Ceará, instalaremos, nas páginas dos associados nossas trincheiras; varando a tenebrosa conspiração do silêncio, aqui se instalará o “TERRITÓRIO LIVRE”. Um pedaço de terra limpa, para utilizar a expressão de Melo Franco, a salvo dos poderosos, dos impatriotas e dos oligarcas.²⁶²

Neste ponto fica bastante evidente o acirramento da disputa. É aqui também que percebemos que na capital os votos estavam mais divididos e, conseqüentemente, deveria haver uma maior disputa pelos eleitores. Além disso, o manifesto da oposição à União pelo Ceará mostra que havia grande influência deste grupo nos meios de comunicação, já que os “associados” estavam silenciando sobre a disputa.

Com a ascensão de João Goulart ao poder, a União pelo Ceará é ainda mais fortalecida, não pelo apoio de Jango, mas sim por fazer-lhe oposição, ganhando, com isso, significativa ajuda financeira do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Este Instituto foi fundado em 1959, por Ivan Hasslocher, com o intuito de combater o comunismo no Brasil e influenciar a economia e as ações sociais do país. Desta forma, o IBAD era financiado por empresários, brasileiros e estrangeiros, descontentes com as políticas públicas que eram tomadas no governo de Juscelino Kubitschek.

Ao assumir o poder, Jango, com sua postura ainda mais popular que J.K., provoca uma maior atuação do IBAD, tornando suas investidas ainda mais ferrenhas nas eleições de 1962, para combater os simpatizantes das formas de governo de

²⁶² Idem, pp. 117 – 118.

Jango. O IBAD funda, então, a Ação Democrática Popular (ADEP), responsável por arrecadar fundos para financiar campanhas dos opositores de Jango.²⁶³

No nosso estado quem se beneficia com o dinheiro doado pelo IBAD é a União pelo Ceará, formada pelos conservadores, que também estavam ávidos por combater o comunismo no Brasil e acreditavam que ele era no Ceará representado pelos membros que compunham a Frente Democrática. Desta forma, as campanhas encabeçadas pela União pelo Ceará, fortalecidas pelos nomes de peso dos partidos, bem como pelo grande aporte financeiro, já que eram representadas pelas classes mais abastadas e ainda com o apoio do IBAD, saem na frente na disputa dos pleitos.

3.1.2. A campanha municipal

Os arranjos políticos ficam bastante claros quando falamos das eleições para Governador e Senadores no ano de 1962. Entretanto, a campanha municipal não é tão protagonista. Muitas são as matérias de jornais, bem como as obras, que tratam das articulações para a candidatura de Virgílio Távora ao Governo, a ligação da UDN e do PSD para conseguirem tal feito, dentre outros meandros da política de arranjos que marca aquele período. No entanto, pouco se aborda sobre os mesmos arranjos feitos na esfera municipal.

Os candidatos ao Executivo Municipal que são lançados pela União pelo Ceará são: para Prefeito, o General Murillo Borges, e para Vice-prefeito, o jornalista Luiz Campos.

A oportunidade de colaborar com uma Cidade melhor, como aquela que desejava Luiz Campos nos artigos que escrevia na década de 1950, bate à porta do jornalista no final do ano de 1962, logo após a saída da Caixa Econômica Federal.

²⁶³ Sobre o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, consultar: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_Brasileiro_de_Acao_Democratica>. Acesso em 10 fev. 2013, 15h.

Naquele ano os eleitores iriam às urnas para eleger, além do governador, vice-governador, senadores e deputados, o prefeito de Fortaleza e seu vice. Neste período, as pessoas votavam para os dois cargos. Eram cinco os candidatos a Prefeito da capital cearense e oito concorrentes à vice-prefeitura. Disputavam a chefia do Executivo Municipal os seguintes candidatos: Murilo Borges (PL), José de Moura Beleza (PSB), Esmerino Arruda (PST), Moreira da Rocha (PR) e José Cláudio de Oliveira (PRP).

Já para a Vice-prefeitura, concorriam Antônio Girão Barroso (PSB), Pedro dos Santos Teixeira (PST), Mario de Assis (PRP), Irapuan Lima (PRT), Agamenon Frota Leitão (PSP), Manuel Lima Soares (PTB), Luiz Campos (PSD) e César Pamplona (PDC).

O Correio do Ceará apresenta, em setembro de 1962, matéria abordando o registro das candidaturas. Expõe ainda que a candidatura do Movimento Trabalhista Renovador havia sido impugnada²⁶⁴.

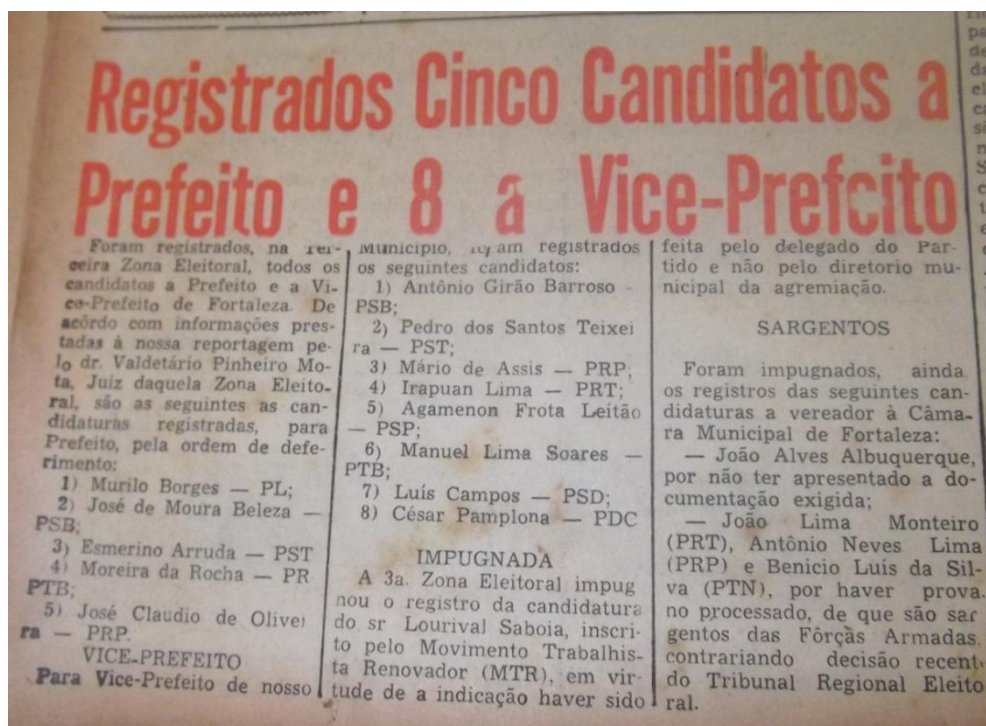


Imagem 6: Matéria do Jornal Correio do Ceará, em 18 de setembro de 1962.

²⁶⁴ Registrados Cinco Candidatos a Prefeito e 8 a Vice-Prefeito. *Correio do Ceará*, 18 set. 1962, p. 12.

Antes mesmo que as candidaturas fossem registradas, percebemos que a campanha dos candidatos já estava em curso, uma vez que as propagandas, bem como as reportagens sobre comícios, viagens e reuniões entre candidatos e partidos estavam estampadas nos jornais de Fortaleza.

Entretanto, acreditamos que, àquela época, ainda não estavam em curso os preceitos do atual alardeado *marketing* político. Atualmente, todas as campanhas políticas possuem na sua estrutura organizacional núcleos compostos por jornalistas, publicitários e “marketeiros” responsáveis por toda a comunicação da campanha, desde as propagandas até o que os candidatos devem dizer nas entrevistas e comícios.

O aparato midiático em torno dos candidatos que pleiteiam cargos públicos também não temos como medir. Hoje, são milhares de redes de televisão, rádios, jornais, portais de internet, blogs, redes sociais, revistas, enfim, um sem número de veículos de comunicação dos quais disponibilizam-se esses núcleos de comunicação para promover seus candidatos.

Nos idos de 1950, ainda não se tinha uma boa estrutura publicitária montada em Fortaleza, alguns nomes, como Eduardo Brígido, Irapuan Lima, Virgílio Machado e Paulo Matos Pinto, eram responsáveis pela publicidade em Fortaleza. Já as agências começam a aparecer apenas na década seguinte. Em 1961, é fundada a Propeg, de Heitor Costa Lima, Antonio Girão Barroso, Goebel Weine e Otacílio Colares. Daí, vieram a PIL, de Edmundo Vitoriano e Irapuan Lima, a Abelha, de Augusto Borges e Virgílio Machado, e chegaram também as multinacionais, como a *Mac Cann*, cujo executivo em Fortaleza era Tarcísio Tavares.²⁶⁵

Entretanto, a publicidade neste período ainda estava bastante voltada para o comércio varejista. Eram as vantagens de comprar determinados produtos que eram propagadas pelos garotos-propaganda. A relação entre agências de publicidade e campanhas eleitorais não se mostram muito significativas.

²⁶⁵ CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em Cordel**: o mote do consumo. São Paulo: Annablume, 2002.

Todavia, temos indícios de que havia, pelo menos na campanha de Virgílio Távora, uma influência de práticas publicitárias. É o caso da divulgação, durante a campanha eleitoral, do Plano de Metas Governamentais (PLAMEG), que privilegiaria a industrialização, a eletrificação e a infraestrutura do estado do Ceará. Segundo estudiosos do período, o PLAMEG era divulgado, na campanha de 1962, através de um planejamento guiado por modernas técnicas publicitárias, que visavam atingir um público-alvo formado por empresários, políticos, funcionários públicos e a sociedade em geral.²⁶⁶

Isso nos leva a acreditar que a campanha municipal também já tivesse algumas influências de técnicas publicitárias, até mesmo pelo fato de Luiz Campos ser um conhecedor destas práticas, uma vez que foi professor da disciplina de Publicidade durante os primeiros cursos de Jornalismo, promovidos pelo Sindicato dos Jornalistas do Ceará. Luiz Campos ministrou a disciplina de Publicidade na segunda turma do curso, no ano de 1965. Depois disso, foi professor da mesma cadeira no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, do qual é um dos fundadores.²⁶⁷

Além dos conhecimentos de práticas de publicidade, acreditamos também que Luiz Campos possuía outro componente de peso para fortalecer sua candidatura, no caso, o jornal *Gazeta de Notícias*, do qual o jornalista nunca havia se desligado, mantendo relações com seus diretores e até mesmo participando da diretoria da *Gazeta*, na década de 1960. Desta maneira, inferimos que o jornalista tinha a seu favor aquele veículo de comunicação, que foi utilizado para promover sua campanha, apresentando matérias sobre os comícios dos quais Luiz Campos participava, bem como trazendo, diariamente, os cartazes de sua candidatura.

É preciso, por isso, desenvolver uma análise sobre o cartaz²⁶⁸ de campanha de Luiz Campos. Nesta peça publicitária, com um texto simples, vários são os elementos que podemos pinçar para refletirmos sobre os propósitos da

²⁶⁶ BANDEIRA, Robson Torres e SILVA NETA, Maria Enésia da. **Virgílio X Tasso**: O mudancismo no Ceará.

²⁶⁷ SÁ, Adísia. **Ensino de Jornalismo do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1979.

²⁶⁸ Anúncio da campanha de Luiz Campos para vice-prefeito de Fortaleza. *Gazeta de Notícias*, 2 out. 1962, p.4.

campanha do jornalista. O primeiro deles é a fotografia que o cartaz apresenta. Esta fotografia mostra um homem elegantemente vestido com paletó, de óculos, trabalhando em uma mesa de escritório, onde aparenta analisar vários papéis. Essa fotografia aponta para uma pessoa responsável, polida, trabalhadora e dedicada e é justamente isto que o texto do cartaz visa reforçar. No texto lemos:

Quem é Luiz Campos – Pergunte aos 46 sindicatos de Fortaleza, consulte as classes operárias, ouça o que dizem os homens do comércio, analise o testemunho da imprensa livre, examine a opinião dos servidores públicos ... e você saberá porque Luiz Campos precisa ser levado à Prefeitura, ao lado de Murillo.²⁶⁹

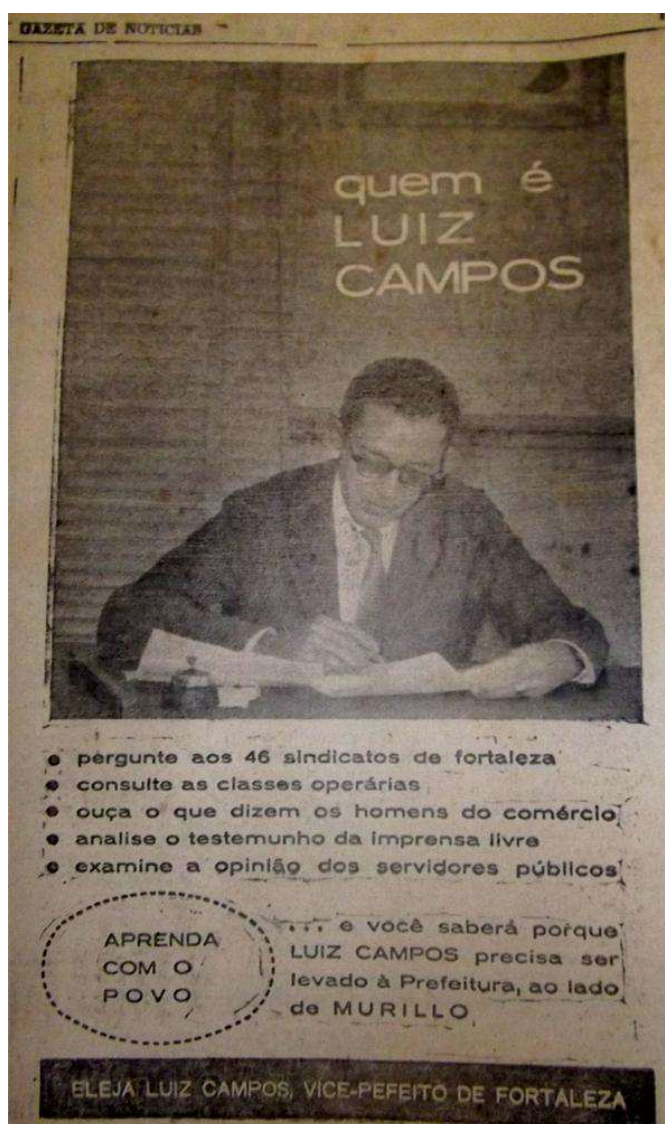


Imagem 7: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.

²⁶⁹ Anúncio da campanha de Luiz Campos para vice-prefeito de Fortaleza. *Gazeta de Notícias*, 2 out. 1962, p.4.

Assim, o texto vem para reforçar aquelas características que a fotografia já promove. O que está escrito no cartaz mostra que é necessário levar à Prefeitura um homem bem relacionado, que tem influência, que transita bem em sindicatos, que dialoga com as classes operárias, que conhece o empresariado, além de ser um representante da “imprensa livre”. Desta maneira, o cartaz coloca ainda uma espécie de carimbo: “aprenda com o povo”, o que também nos leva a inferir que Luiz Campos tinha uma gama de admiradores e que o povo o elegeria para Vice-prefeito.

Por fim, o cartaz finaliza com um apelo taxativo: “Eleja Luiz Campos Vice-prefeito de Fortaleza”. Tudo isso aponta para a influência de práticas publicitárias persuasivas, uma vez que o leitor do jornal, que via aquele anúncio, era levado a pensar em todas estas características que apontamos aqui.

Outro elemento publicitário que reforçava a campanha de Luiz Campos eram pequenos anúncios que circulavam na *Gazeta de Notícias* e no *Jornal O Povo*. Todos eles traziam também a ideia de que votando em Luiz Campos, os eleitores estariam ajudando a eleger a pessoa certa para ocupar a Vice-prefeitura da cidade.



Imagem 8: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.

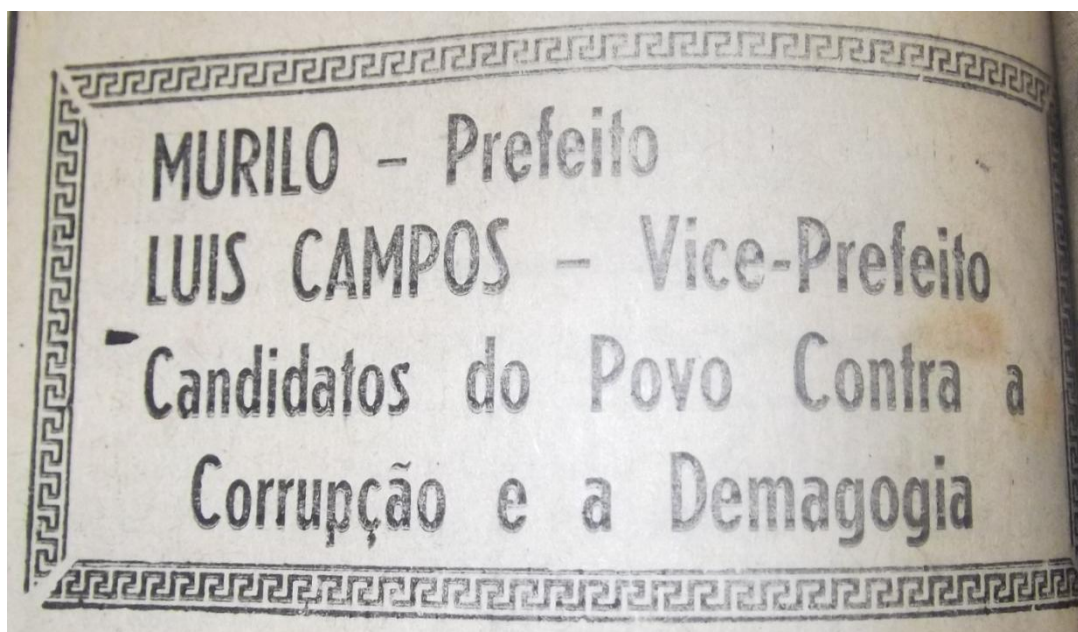


Imagem 9: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.



Imagem 10: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.



Imagem 11: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.



Imagem 12: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza. Aqui se lê: “Para Vice-Prefeito Luis Campos – Candidato da esperança, contra a demagogia e a corrupção”²⁷⁰.

Todos estes pequenos anúncios circularam nas páginas da *Gazeta de Notícias* e no *Jornal O Povo*, entre setembro e outubro de 1962. Assim como o cartaz, os anúncios tentavam mostrar aos eleitores as qualidades de Luiz Campos, ressaltando sempre a sua honradez e luta contra a corrupção e demagogia, em uma clara referência ao seu maior opositor, Carlos Jereissati, que naquelas eleições concorria ao Senado Federal.

Podemos notar, ainda, que se enfatizava a coragem e a capacidade de Luiz Campos, bem como o “nome limpo”, mas uma vez uma referência aos processos que corriam sobre os escândalos envolvendo Carlos Jereissati e que, em consequência, manchavam seu partido, o PTB, principal rival da União pelo Ceará nas eleições de 1962.

Por fim, temos a ligação entre o nome de Luiz Campos e a “esperança”. Mais uma vez, o nome do candidato é colocado como tábua de salvação para o povo de Fortaleza, que deveria elegê-lo para combater a corrupção e a demagogia.

²⁷⁰ Anúncio da campanha de Luiz Campos veiculado no *Jornal O Povo* nos meses de setembro e outubro de 1962.

Ao folhearmos as páginas dos jornais, observamos que a campanha de 1962 foi bastante movimentada. Já no mês de agosto, é possível percebermos que, com a proximidade do pleito, os candidatos estavam em campo para conquistar o eleitorado e garantir votos.

Em 30 de agosto, o Jornal O Povo apresenta matéria sobre reunião de Murilo Borges com populares. Segundo a reportagem do periódico, essas reuniões tinham o intuito de debater soluções para os principais problemas dos diferentes grupos da população suburbana de Fortaleza²⁷¹.

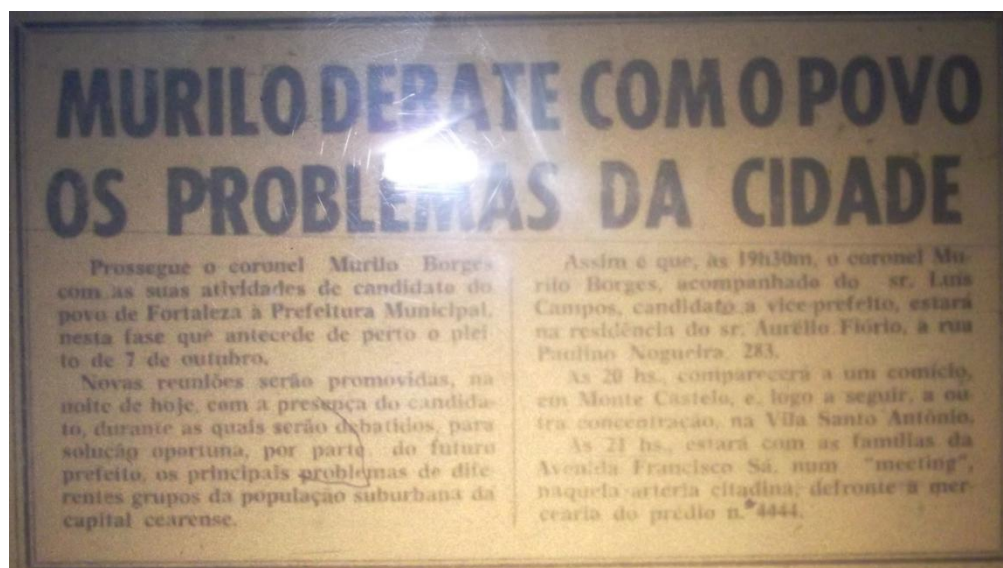


Imagem 13: Reportagem sobre reunião de Murilo Borges com populares.

Também é preciso atentar para a participação de Murilo Borges e de Luiz Campos em vários dos comícios promovidos pela União pelo Ceará, tendo como grande atração o candidato ao Governo do Estado, Virgílio Távora.

Logo no começo de setembro, o nome de Luiz Campos, bem como o de Murilo Borges, já figura entre os destaques que proferiram discursos nos comícios de Virgílio Távora, como mostra matéria do Jornal O Povo, que aborda comícios da União pelo Ceará em quatro pontos da cidade²⁷².

²⁷¹ Murilo Borges debate com o povo os problemas da cidade. *Jornal O Povo*, 30 ago. 1962, p. 4.

²⁷² Virgílio em quatro comícios em Fortaleza. *Jornal O Povo*, 03 set. 1962, p. 4.



Imagem 14: Reportagem sobre comícios de Virgílio Távora.

Da mesma forma, o *Correio do Ceará* apresenta matéria sobre comício de Virgílio Távora no bairro Carlito Pamplona, onde os candidatos da União pelo Ceará teriam sido ovacionados pelo público presente. Ressalta-se também nesta reportagem, dentre outros, o discurso de Luiz Campos²⁷³.



Imagem 15: Reportagem sobre comícios de Virgílio Távora.

²⁷³ Virgílio ovacionadíssimo ontem no comício de Carlito Pamplona: Povo presente. *Correio do Ceará*, 10 set. 1962, pp. 12 e 2.



Imagem 16: Conclusão da reportagem anterior.

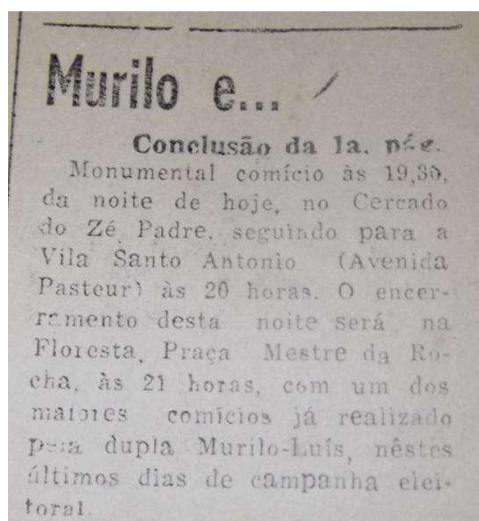
Já no dia 18, a reportagem do *Correio do Ceará* traz novas notícias sobre a participação de Luiz Campos em comícios e reuniões de campanha da União pelo Ceará. Entretanto, o que mais chama a atenção nesta matéria é que o jornal toma partido pelas candidaturas da União pelo Ceará e afirma que a mensagem destes candidatos “está sendo plenamente compreendida e apoiada por todos os homens de bem de nosso estado, que não se cansam de demonstrar, por todos os meios e modos, o seu mais irrestrito apoio às candidaturas apontadas pela União pelo Ceará”²⁷⁴.



Imagem 17: Reportagem sobre comício de Virgílio Távora com participação de Luiz Campos.

²⁷⁴ Vibrante comício na Praia de Iracema, Pró-Virgílio. *Correio do Ceará*, 18 set. 1962, p. 6.

Quem também se preocupava em divulgar a campanha de Luiz Campos e Murillo Borges era a *Gazeta de Notícias*. No matutino, que já havia sido dirigido por Luiz Campos, também encontramos várias matérias sobre comícios de Murillo e Luiz Campos, como a do dia 9 de setembro²⁷⁵:



Imagens 18 e 19: Reportagem sobre comício de Murilo Borges e Luiz Campos.

Nesta matéria, assim como percebemos na anterior, é preciso atentar para a imparcialidade do veículo de comunicação, quando fala que Murilo e Luiz Campos eram os candidatos “da vitória”, demonstrando, de forma clara, o apoio a essas candidaturas. Este apoio fica ainda mais evidente na matéria que é veiculada no mesmo periódico no dia seguinte²⁷⁶.

²⁷⁵ Murilo e Luiz Campos: novos comícios hoje. *Gazeta de Notícias*, 19 set. 1962, pp. 1 e 4.

²⁷⁶ Murilo Borges e Luiz Campos em três comícios hoje. *Gazeta de Notícias*, 20 set. 1962, p. 1.



Imagem 20: Reportagem sobre comícios de Murillo Borges e Luiz Campos.

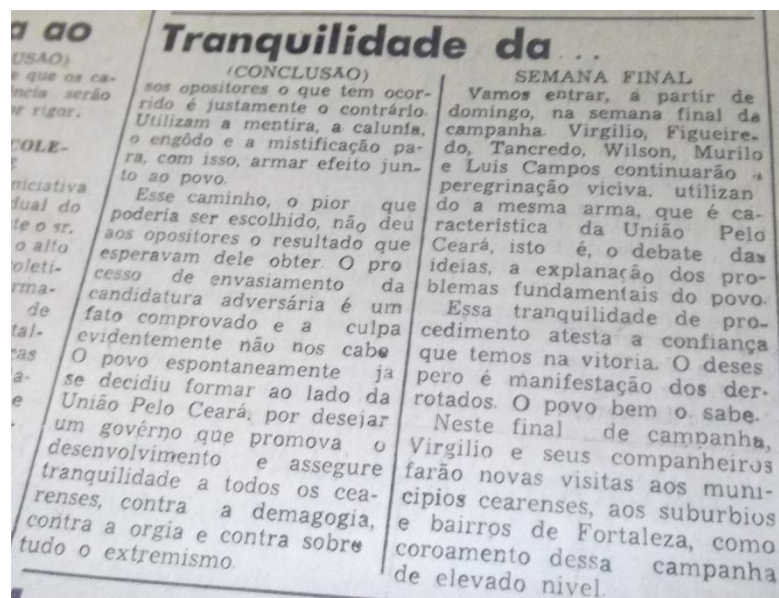
Nesta pequena matéria, que atribui aos nomes de Luiz Campos e Murillo Borges como os “homens já escolhidos pelo povo para o representar na edilidade”²⁷⁷, o jornal afirma ainda que Murillo e Luiz Campos já se consideravam vencedores do pleito. E vai além, quando reforça as ideias dos anúncios da campanha de Luiz Campos, dizendo que eles são “homens que realmente defenderão os direitos do cidadão, dando-lhe oportunidade de ter um lugar ao sol, com liberdade e trabalho para sua manutenção”²⁷⁸. Desta forma, o jornal reforça as ideias que os anúncios já apresentavam, como a questão da defesa dos direitos, assim como as oportunidades que viriam com os candidatos e a esperança.

Mas os meios de comunicação que apoiavam as candidaturas da União pelo Ceará não fazem apenas o reforço de imagem dos candidatos. Existe também a intenção, em algumas matérias, de desqualificar as candidaturas da oposição, no caso, tendo como alvo os candidatos da Frente Democrática, como ocorre em reportagem do *Correio do Ceará* em 28 de setembro²⁷⁹.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Tranquilidade da campanha de Virgílio: maior prova de sua confiança em vencer. *Correio do Ceará*, 28 set. 1962, pp. 8 e 2.



Imagens 21 e 22: Reportagem sobre a reta final da campanha da União pelo Ceará.

A reportagem do *Correio do Ceará* fala que a campanha da Frente Democrática segue na contramão das candidaturas da União pelo Ceará. O jornal afirma ainda que os opositores se utilizam em suas campanhas de mentiras e calúnias, no intuito de provocar efeito junto ao povo e salienta que isto teria levado ao esvaziamento das candidaturas da Frente Democrática.

Os comícios continuam a todo vapor. São registradas falas de Luiz Campos em comícios nos bairros de Antônio Bezerra²⁸⁰, Antônio Sales, Parque Americano e Carlito Pamplona, onde os candidatos “comprovaram suas vitórias diante das mais sinceras manifestações de apoio do povo fortalezense às suas candidaturas à Prefeitura Municipal de Fortaleza”²⁸¹.

Na véspera da eleição, os periódicos salientam ainda que com a eleição de todos os candidatos apoiados pela União do Ceará, o Estado iria ter um futuro marcado pelo crescimento. Em matéria do *Correio do Ceará*, quando reforça as candidaturas da União pelo Ceará, o jornal afirma que “para prefeito de Fortaleza temos um homem de porte moral de Murilo Borges, que muito poderá fazer por nossa cidade, ajudado por Luiz Campos, o bravo e destemido jornalista”²⁸².

O apoio de alguns periódicos às campanhas eleitorais não fica apenas restrito a matérias e artigos de apoio a determinadas candidaturas. Alguns deles apresentam, inclusive, a cédula de votação e informam como os eleitores deveriam votar, com os candidatos apoiados pelo jornal já assinalados.

É o caso de publicação do *Jornal O Povo*, ainda no mês de setembro, que mostra aos leitores a cédula de votação, com os nomes de Murillo Borges e Luiz Campos assinalados²⁸³. O jornal salienta em suas linhas: “Murillo Borges e Luiz Campos são os candidatos que recomendamos aos nossos leitores”²⁸⁴.

Assim, percebemos que são vários os modos das candidaturas, naquele período, chegarem até o público, que, certamente, era influenciado, principalmente por aqueles veículos de comunicação que lia ou que tinha acesso. Além disso, na campanha de 1962 já era possível também acompanhar os candidatos e ter contato com suas propostas através da televisão, que havia chegado há pouco tempo no Ceará, mas onde os candidatos tinham horários para falar ao público que possuía o aparelho ou o admirava nas ruas da cidade, como já acontecia com o rádio.

²⁸⁰ Antônio Bezerra baluarte de Virgílio: comício hoje. *Correio do Ceará*, 29 set. 1962, p. 8.

²⁸¹ Comícios de Murilo Borges e Luiz Campos. *Gazeta de Notícias*, 2 out. 1962, p.8.

²⁸² Virgílio Távora e seus companheiros de jornada farão o Ceará crescer. *Correio do Ceará*, 6 out. 1962, p. 8.

²⁸³ Como votar com a cédula única. *Jornal O Povo*, 13 set. 1962, p. 8.

²⁸⁴ Idem.

COMO VOTAR COM A CÉDULA ÚNICA

Ja foram registrados todos os candidatos a Prefeito e a Vice-Prefeito no pleito de 7 de outubro. São cinco os postulantes à Prefeitura Municipal e oito a vice. Eram nove, mas o sr. Luis Crescêncio Pereira desistiu, não registrando a sua candidatura. Abaixo, publicamos o modelo da cédula única com os candidatos no ordem em que foram registrados: Murilo Borges e Luis Campos, os candidatos que recomendamos aos nossos leitores, figuram em primeiro lugar na chapa.

Para Prefeito		Para vereador	
☒	MURILLO BORGES	NOME DO CANDIDATO	
☐	JOSE DE MOURA BELEZA	OU	
☐	PERICLES MOREIRA DA ROCHA	NUMERO DO CANDIDATO	
☐	ESMERINO ARRUDA	INICIAIS DO PARTIDO OU DA COLIGAÇÃO	
☐	JOSE CLAUDIO DE OLIVEIRA		
Para vice-prefeito			
☐	ANTONIO GIRAO BARROSO		
☐	PEDRO DOS SANTOS TEIXEIRA		
☐	JOSE LOURIVAL ALMEIDA SABOTA		
☐	IRAPUAN LIMA		
☐	AGAMENON FROTA LEITAO		
☐	MANOEL LIMA SOARES		
☒	LUIS QUEIROZ CAMPOS		
☐	CESAR NILDO GONDIM PAMPLONA		

Imagem 23: Indicação de votação do Jornal O Povo.

A eleição ocorreu no dia 7 de outubro de 1962. Entretanto, o resultado demoraria bastante tempo para ser divulgado. A expectativa que se gerava em torno da disputa era grande. A ansiedade tomava conta dos eleitores a cada momento que era divulgado o placar com os resultados. Dia após dia, as coisas poderiam mudar e, com a lentidão da contagem dos votos, não podia se ter certeza de quem iria vencer o pleito.

Três candidatos eram os mais cotados para o cargo de prefeito da Cidade: Murilo Borges, Péricles Moreira da Rocha e Moura Beleza. Segundo reportagem da *Gazeta de Notícias*, do dia 9 de outubro de 1962, a disputa entre os

três candidatos estava tão acirrada que a diferença de votos do primeiro colocado para o segundo era de apenas 9 e deste para o terceiro, apenas 69²⁸⁵.

Para a eleição de vice-prefeito o quadro estava mais definido. O jornalista Luiz Campos desde o começo das apurações disparava na liderança da preferência dos eleitores:

Para vice as coisas surgem mais delineadas: Luiz Campos, com 592 votos, está confirmando seu franco favoritismo. Os outros mais bem votados são Antônio Girão Barroso, com 346, Irapuan Lima, com 317, Agamenon Frota Leitão e Pedro Teixeira, 125, são os mais votados²⁸⁶.

Entretanto, poucos dias depois, as candidaturas de Murilo Borges e Luiz Campos, juntas, já despontavam, como apresenta matéria do *Correio do Ceará*, que diz que Murilo estava 1.042 votos à frente do segundo colocado e Luiz Campos contava com 2.201 sufrágios a mais que Girão Barroso, que ocupava a segunda posição.²⁸⁷

Murilo Borges e Luiz Campos Isolam-se na Liderança Para Prefeito e Vice de Fortaleza

Os dados referentes à apuração de 22 urnas, totalizando 18.121 sufrágios, os quais, aproximadamente 17% dos votos colocam os candidatos Murilo Borges e Luiz Campos à frente da votação para prefeito e vice de Fortaleza, respectivamente, isolados na liderança e distanciado da concorrência (Contabiliza-se 34.992).

VOTO POR VOTO

O coronel Murilo Borges (foto), que comanda a lista dos candidatos mais votados à Prefeitura de Fortaleza, chega cedo ao recinto das apurações, acompanhando voto por voto, vivendo cada segundo da sua vitória parcial, na expectativa da manutenção da liderança do eleitorado até agora revelada. Curioso: os "três mais", Murilo, Borges e o do PR, vencem com argumentos irrefutáveis a qualquer um que os desafie.

A MARCHA DA APURAÇÃO OFERTA DE Gustavo Silva S.A.

DADOS FORNECIDOS PELO TRE ATÉ AS 12 HORAS DE HOJE (RESULTADOS OFICIAIS DO TRE (SE URBANO) ATÉ O MEIO DIA)

Governador	Capital	Interior	Total
Virgílio Taveira	8.157	20.186	27.333
Adalberto Barreto	4.833	19.189	17.310

Vice-Governador	Capital	Interior	Total
Figueredo Correa	5.512	23.889	29.399
Franco Cabral	5.063	8.759	13.822

Senador	Capital	Interior	Total
Carlos Jerônimo	1.435	17.334	18.769
Olavo Oliveira	1.342	18.312	19.654
Wilson Gonçalves	1.633	23.789	25.422
Tacirédo Alcântara	1.075	14.497	15.572

Prefeito	Capital	Interior	Total
Murilo Borges	5.384	4.328	9.712
Moura Belém	4.328	204	4.532
Emerson Arruda	3.955	606	4.561
Pericles Moreira	3.955	606	4.561
José Claudio	606	0	606

Vice-Prefeito	Capital	Interior	Total
Antônio Girão	5.329	812	6.141
Professor Teixeira	812	333	1.145
Luiz de Azeite	333	133	466
Joãoval Sobrinho	133	0	133
Irapuan Lima	317	0	317
Agamenon Leitão	125	0	125
Manoel Lima Soares	125	0	125
Luiz Campos	4.682	0	4.682
Cesar Pamplona	0	0	0

Imagem 24: Reportagem sobre a apuração dos votos na eleição de 1962.

²⁸⁵ Luis Campos disparado na vice. *Gazeta de Notícias*, 9 out. 1962, p.1.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Murilo Borges e Luiz Campos isolam-se na liderança para Prefeito e Vice de Fortaleza. *Correio do Ceará*, 12 out. 1962, pp. 1 e 2.

Na continuação da mesma matéria, o jornal salienta a boa votação de Murilo Borges nos subúrbios de Fortaleza, ao contrário do que previam alguns críticos, segundo afirma o *Correio do Ceará*, que apostavam em uma maior votação de Moura Beza na periferia.²⁸⁸

O resultado final do pleito, porém, só é apresentado ao eleitorado em 28 de outubro de 1962. Segundo o último placar da eleição, o prefeito eleito de Fortaleza era Murilo Borges Moreira, com uma pequena vantagem para o segundo candidato. Já o vice eleito, era Luiz Campos, com uma boa vantagem à frente de seus adversários²⁸⁹:

PREFEITO	
Murillo Borges	33.558
Pêricles Moreira da Rocha ..	32.248
José Moura Beza	23.968
José Cláudio	3.908
Esmerlino Arruda	2.919
VICE-PREFEITO	
Luiz Campos	28.921
Irapuan Lima	18.957
Antônio Girão Barroso	15.712
Professor Teixeira	6.127
Agamenon Leitão	10.033
Manuel Lima Soares (Néo) ..	2.191
Cesar Pamplona	3.761
Mário de Assis	3.582
Leônival Sabeia	1.023
NOTA — Boletim oficial fornecido às 15 horas de ontem. Foram computadas tôdas as 404 urnas de Fortaleza, cuja apuração foi encerrada.	

Imagem 25: Placar final da eleição de Luiz Campos para vice-prefeito de Fortaleza.

A União pelo Ceará, respaldada por três grandes partidos e nomes de peso, como Parsifal Barroso e Armando Falcão, sai vitoriosa desta eleição, fazendo o Governador do Estado, Virgílio Távora, e o Prefeito, Murilo Borges. Grande festa é preparada para comemorar a eleição. Governador e Prefeito eleitos agradecem a votação em grande queima de fogos na Praça do Ferreira, logo após a divulgação dos resultados.²⁹⁰

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Placar final das eleições para prefeito de Fortaleza. *Gazeta de Notícias*, 28 out. 1962, p.1.

²⁹⁰ Virgílio e Murilo irão à Praça hoje para a “concentração da vitória”. *Correio do Ceará*, 27 out. 1962, p. 6.



Imagem 26: Reportagem sobre vitória de Virgílio Távora e Murilo Borges.

Prefeito e vice são diplomados no dia 11 de janeiro de 1963, em solenidade na Faculdade de Direito, que contou com a presença do Governador do Estado, Wilson Gonçalves. Foram diplomados além do prefeito e vice, os vereadores, eleitos no último pleito²⁹¹.

A *Gazeta de Notícias* traz, em primeira página, as fotografias do evento. Em destaque, a do jornalista Luiz Campos, ex-diretor daquele veículo:



Imagem 27: Fotografia de Luiz Campos na diplomação como vice-prefeito de Fortaleza.

²⁹¹ Prefeito, vice-prefeito e vereadores de Fortaleza diplomados ontem: Solenidade na Faculdade de Direito. *Gazeta de Notícias*, 12 jan. 1963, p.1.

O dia da posse dos candidatos eleitos vai se aproximando e a imprensa local gera expectativas sobre a futura administração da cidade. Em março de 1963, o *Correio do Ceará*, em matéria intitulada “O Novo Prefeito e o Vice”, na primeira página do jornal, informa que os dois estiveram fazendo cursos na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, a fim de promoverem uma administração de qualidade na capital cearense.²⁹² O mesmo jornal salienta que várias autoridades estarão presentes na solenidade de posse, como os ex-prefeitos Acrísio Moreira da Rocha e Paulo Cabral de Araújo (os mesmos que, anos antes, sofreram duras críticas do jornalista Luiz Campos).



Imagem 28: Prefeito e Vice dias antes da posse.

Murilo Borges e Luiz Campos tomam posse em 25 de março²⁹³, quase seis meses depois das eleições. Para Luiz Campos, chegar a este cargo foi uma prova de seu prestígio perante a população de Fortaleza:

Tinha nove candidatos a vice-prefeito. Eu ganhei com a maioria, tive mais de 12 mil votos de vantagem. E o meu prefeito ganhou com a maioria de 1.100 votos. Tanto que todo mundo diz que quem elegeu o prefeito Murilo Borges fui eu, por causa do prestígio que eu ganhei com o jornalismo,

²⁹² O Novo Prefeito e o Vice. *Correio do Ceará*, 23 mar. 1963, p. 1.

²⁹³ Posse de Murilo e Luiz Campos amanhã às 11,00. *Gazeta de Notícias*, 24 mar. 1963, p.1.

minha liderança, e a Caixa Econômica, que foi exemplar e tal. Eu era muito estimado, muito querido²⁹⁴.

A Ata da Câmara Municipal registra a posse de Murilo Borges e Luiz Campos, com a presença de autoridades civis e militares, federais, estaduais, municipais e eclesiásticas. Após declararem compromisso em desempenhar as funções dos cargos, defenderem as instituições e cumprimento das leis do país, Murilo e Luiz Campos assinam os termos e são empossados pelo Presidente da Câmara, José Barros de Alencar, em nome da Lei e do povo, representado pelo Legislativo Municipal.²⁹⁵

Assim, chegava o momento de Luiz Campos assumir seu cargo e ajudar a melhorar a cidade em que vivia e sobre a qual tinha tantas ideias, demonstradas ao público não só nos comícios, mas também nas linhas do jornal, anos antes. Segundo a própria fala do jornalista, ao refletir sobre as eleições de 1962, ele havia tido uma parcela de votos oriundos daqueles que admiravam seus escritos na *Gazeta de Notícias* e que naquele momento estavam lhe dando a possibilidade de fazer algo mais por Fortaleza.

3.2. Luiz Campos e Murilo Borges

A experiência de trabalhar junto a Murilo Borges era nova. Entretanto, o agora Prefeito de Fortaleza era velho conhecido de Luiz Campos. Em seus artigos, muitos foram os elogios publicados por Luiz Campos a Murilo Borges, que, na década de 1950, esteve à frente da Secretaria de Polícia do Estado.

O primeiro artigo de Luiz Campos que aborda o trabalho de Murilo Borges na Secretaria de Segurança é de abril de 1955. Pouco tempo antes, em fevereiro, o jornalista havia tecido, em vários artigos²⁹⁶, duras críticas ao chefe da pasta, antecessor de Murilo, José Aurélio Câmara. Entretanto, para o jornalista, Murilo

²⁹⁴ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

²⁹⁵ Ata da sessão solene de instalação do primeiro período legislativo da Câmara Municipal de Fortaleza e tomada de posse e compromisso dos srs. Prefeito e vice-prefeito do Município. 25 de março de 1963.

²⁹⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Dissecção de um artigo (I, II, III e IV). In.: *Gazeta de Notícias*, 10, 11, 12 e 13 out. 1955, p.3.

vinha fazendo um trabalho correto à frente da Polícia. Neste primeiro artigo que aborda os métodos de Murilo, ele afirma que o coronel estava certo ao expulsar da corporação um indivíduo que havia agido mal.

Todavia, como sempre tinha o intuito de abrir os olhos daqueles para quem falava, Luiz Campos também faz um apelo a Murilo Borges, com tom de alerta:

É mister que o coronel Murilo Borges prossiga com esta intenção bem propositada de moralizar a Pasta que está dirigindo, o que tem sido impossível para outros antecessores seus. Para isso cabe uma sugestão ao Sr. Secretário: fuja, como for possível, das interferências dos padrinhos políticos. O intrometimento de tais elementos é que não tem permitido uma atuação de energia e de seleção no seio da Polícia. Sua excelência, certamente, já deve ter notado que nunca gente tão ordinária se fez cercada de tantos protetores. Isto tem sido o grande mal que esperamos, desta vez, não venha a operar os mesmos efeitos das vezes anteriores. O coronel Murilo não deve recuar, mesmo que isto importe em dificuldades para a sua ação na Pasta, a fim de que possa continuar a merecer nossa melhor consideração e acatamento.²⁹⁷

Nestas poucas linhas percebemos o tom crítico com que Luiz Campos faz suas primeiras análises sobre Murilo Borges. Primeiramente, ele tece elogios ao coronel que está moralizando a polícia, logo depois, ele alerta para que Murilo não se deixe levar pelas interferências de padrinhos políticos, que, segundo o jornalista, interferiam no andamento das instituições, de modo a atrapalhar o andamento da coisa pública. Por fim, Luiz Campos faz votos para que Murilo siga no caminho certo e possa ser digno de receber novos elogios.

O jornalista parece acreditar no perfil de Murilo Borges. Assim, em novo artigo, de julho de 1955, Luiz Campos elogia, novamente, as atitudes do chefe de polícia para apurar um caso de agressão de um policial a membros da *Gazeta de Notícias*.²⁹⁸

A confiança do jornalista em Murilo Borges é explicitada em outro artigo, de outubro de 1955, quando ele chega a afirmar que a atuação de Murilo Borges à

²⁹⁷ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Saneamento da polícia. In.: *Gazeta de Notícias*, 16 abr. 1955, p.3.

²⁹⁸ CAMPOS, Luiz. "Considerações": O caso mudou de feição. In.: *Gazeta de Notícias*, 29 jul. 1955, p.3.

frente da polícia seria guardada na história político-administrativa do Ceará²⁹⁹. Em longo artigo, Luiz Campos aborda os progressos da polícia, após a chegada de Murilo Borges ao cargo máximo da instituição:

Conforta-nos, sinceramente, registrar o progresso que tem havido no setor policial em Fortaleza. Sem dúvida, não podemos dizer ainda que Fortaleza é uma cidade que conta com um serviço de polícia eficiente. Não é este o nosso propósito. Entretanto, não será favor afirmar-se que o coronel Murilo Borges conseguiu realizar verdadeiro milagre, mesmo com medidas sem bastante profundidade, do que já está resultando, com efeito, uma melhoria sensível na atuação daquele órgão técnico e especializado, a favor do povo. E o está fazendo sem estardalhaços, sem utilizar a força e o arbítrio, nem acomodar situações, mas com simplicidade, inteligência e energia, demonstrando senso prático e de administração. (...) Teve, evidentemente, o Cel. Murilo Borges, diga-se de passagem, a felicidade de escolher auxiliares a altura, que muito têm apresentado para o êxito de sua administração. Nenhum fato por nós denunciado, até hoje, deixou de merecer a melhor atenção da parte da Polícia e a verdade é que as sindicâncias têm sido realizadas com os resultados e conclusões trazidas, após, ao conhecimento do jornal, por ofício. Não podemos nos recordar de que tais providências tenham sido postas em prática em outras administrações com o mesmo rigor e a mesma honestidade, como vem acontecendo. A continuar assim com esse mesmo empenho e essa mesma vontade de realizar, - e realizar certo -, estamos convictos de que se conseguirá, não muito longe, recompor os quadros da Polícia, expurgando de lá os elementos desordeiros e detestáveis, para torná-la à posição de respeito que outrora chegou a desfrutar. Bem sabemos o quanto tem custado de lutas, sacrifícios e dificuldades ao Cel. Murilo Borges, fazer o que hoje se pode constatar como sinal de bom progresso na Polícia. A falta de verbas, a penetração de influências inoportunas de políticos não bem capacitados de suas responsabilidades, e ainda, o material humano não bem selecionado que tem a mão para lapidar. Contudo, o Sr. Chefe de Polícia, a quem já temos criticado, como também louvado, só pode merecer de nossa parte o incentivo sincero e honesto, para que prossiga do mesmo modo, o que lhe valerá sempre como uma credencial inestimável, a qual a nossa história político-administrativa guardará com destaque.³⁰⁰

Neste artigo, percebemos, mais uma vez, a preocupação do jornalista com o saneamento da Polícia, com a boa conduta dos gestores, com as práticas administrativas. É certo que, na mesma coluna, ele tenha apresentado a diminuição do número de ocorrências na Cidade, entretanto, é seu interesse maior apresentar ao leitor um homem digno de confiança, que através de práticas eficientes estava mostrando ao fortalezense que era possível administrar bem um órgão público, mesmo com pessoal inadequado e interferências políticas.

²⁹⁹ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Os progressos da polícia. In.: *Gazeta de Notícias*, 18 out. 1955, p.3.

³⁰⁰ Idem.

Da mesma forma, em outro momento, Murilo Borges também havia sido elogiado por Luiz Campos, quando o coronel assumiu, particularmente, uma dívida da Polícia para compra de equipamentos. Nesta ocasião, o jornalista repercutiu em sua coluna:

Fez compras e não poderiam de deixar de ser grandes as despesas. Isto provoca um excesso nas contas, que foram além dos limites estipulados pelas disponibilidades das verbas concebidas. Mas, como os gastos eram indispensáveis e necessaríssimos, importando em decisivas melhorias para a aparelhagem da secretaria de Polícia, o Cel. Murilo Borges, acompanhando aquela sua linha peculiar de homem criterioso que sabe zelar e solucionar os problemas do Poder Público com a mesma disposição com que procura resolver as suas questões particulares, assumiu a responsabilidade particular pelo excesso do débito, no caso, a quantia de Cr\$ 220.000,00, uma despesa do Governo.(...) Como criticamos, também sabemos louvar, sem o intuito de ser agradável, mas com a preocupação de fazer justiça.³⁰¹

As atitudes de Murilo Borges chegam mais uma vez às colunas de Luiz Campos quando o jornalista resolve alertar o coronel para seguir no rumo certo de sua administração à frente da Secretaria de Polícia. Para Luiz Campos, Murilo continuava a ser o melhor chefe daquele departamento, mesmo sem resolver todos os problemas do órgão.

Mais uma vez, o apelo do jornalista é para que o Secretário não se deixe influenciar por políticos, principalmente os do interior, e siga no esteio de sanar a Polícia do Ceará:

Vejamos, por exemplo, a grande dificuldade que se apresenta ao Chefe de Polícia, nos casos que a imprensa noticia, a respeito de arbitrariedades e despautérios de delegados não ciosos de suas responsabilidades, do interior do estado, que muitas vezes, insuflados pelos chefes políticos, cometem verdadeiros desatinos, intranquilizando o meio e criando sérias dificuldades para o Governo. (..) Continue, pois, coronel, realizando, mesmo aos poucos, sempre nessa trilha, procurando realizar alguma coisa de útil. Desarme os criminosos, prenda os embriagados, de qualquer condição, tome atitudes de autoridade, imponha respeito, exija a manutenção da ordem e da segurança no sertão, punindo os responsáveis pelos arbítrios e, assim, terá sempre o nosso apoio e colaboração desinteressadamente, pois esta é a manifestação sincera de quem procura não se desviar da linha reta do caminho a que se traçou.³⁰²

³⁰¹ CAMPOS, Luiz. "Considerações": Uma atitude do Cel. Murilo Borges. In.: *Gazeta de Notícias*, 10 ago. 1955, p.3.

³⁰² CAMPOS, Luiz. "Considerações": O senhor chefe de polícia. In.: *Gazeta de Notícias*, 28 jan. 1956, p.3.

Novamente, o jornalista se mostra desinteressado, como um amigo sincero que aponta os caminhos e aconselha práticas para que o coronel melhor realize o seu trabalho, sempre se pautando pela ética e pelo caráter eficaz de suas atitudes.

Outra atuação de Murilo Borges exaltada nas colunas de Luiz Campos foi a luta do coronel contra o comércio de calçada³⁰³, que, como vimos, tanto afligia o jornalista.

Mas nem todas as atitudes do coronel foram motivos de loas de Luiz Campos. A falta de atitude de Murilo para combater desmandos de delegados no interior do Estado foi diversas vezes criticada pelo jornalista. Segundo Luiz Campos, no ano de 1956,

O sertão está deflagrado na barbárie, sob o domínio de verdadeiras bestas humanas, de delegados prepotentes, caracterizados, títeres, cuja causa é perseguir, assaltar, tomar dinheiro, deleitar-se no sadismo imposto a homens indefesos, humildes e sem amparo. (...) O regime de delegados chinfrins, ignorantes e desonestos, que vem sendo implantado em nosso estado, está transformando o ambiente do sertão num clima insuportável. (...) Um delegado, no sertão, parece ter o “rei na barriga”, é dono de tudo, ordena, constrói e desfaz, é o personagem mais importante. E geralmente vive bêbado... Não se viu o delegado de Tauá, quando recebeu ordens para iniciar a campanha contra o jogo? Nem o coronel Murilo manda no seu feudo!³⁰⁴

Podemos inferir, desta maneira, que, como salientava o jornalista, nem sempre se fazia o elogio, mas também se tinha espaço nas suas colunas para a crítica. Percebemos, claramente, neste trecho, que a grande queixa de Luiz Campos é com a falta de pulso do chefe de Polícia para colocar ordem no sertão, através da disciplinarização dos delegados.

Sendo assim, é importante termos conhecimento das relações que já se estabeleciam entre Murilo Borges e Luiz Campos, antes dos dois chegarem, juntos, à Prefeitura de Fortaleza.

³⁰³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Cel. Murilo e o comércio de calçada. In.: *Gazeta de Notícias*, 18 maio 1956, p.3.

³⁰⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Selvageria de delegados no sertão. In.: *Gazeta de Notícias*, 12 ago. 1956, p.3.

A partir deste momento, é necessário atentarmos para a relação dos dois políticos no seio do Executivo Municipal, enfatizando seus comportamentos para gerir a cidade sobre a qual o jornalista tanto refletiu.

3.3. Luiz Campos dinamiza a PMF

3.3.1. Murilo Borges na Prefeitura

As primeiras atitudes de Murilo Borges no Executivo Municipal são similares às aquelas citadas nos escritos de Luiz Campos. O Prefeito parece empenhado em realizar um trabalho sério e vai tomando as medidas que acreditava que a cidade estava necessitando.

Poucos dias após assumir o cargo de Prefeito, Murilo Borges enfrenta problemas deixados pela gestão passada, o principal deles era o atraso do funcionalismo público municipal. Os servidores da prefeitura estavam com seus vencimentos atrasados há meses, o que estava levando, inclusive, as donas de casa a oferecerem refeições aos varredores de rua, após apelo feito por Murilo Borges, pois, segundo o *Correio do Ceará*, estes trabalhadores estavam passando fome³⁰⁵.

No entanto, o chefe do executivo nomeia como Secretário de Finanças, para ajudar-lhe a sanar os cofres da prefeitura, o vice-prefeito, Luiz Campos, por já ter um trabalho consolidado na área financeira, quando da sua passagem pela Caixa Econômica Federal.

Uma das primeiras medidas de Luiz Campos, então, foi fazer que os contribuintes pagassem os impostos municipais, para que os pagamentos dos servidores pudessem ser colocados em dia. O secretário promete ainda que, se todos cumprissem os compromissos, o funcionalismo ficaria em dia no mês de maio. A mesma matéria traz a informação de que Luiz Campos já estava realizando os

³⁰⁵ Atendido o apelo de Murilo Borges: Refeição e roupa para varredores. *Correio do Ceará*, 29 mar. 1963, p. 12.

pagamentos de algumas categorias, como a Previdência, a Assistência Social e a Educação³⁰⁶.

Os pagamentos continuam sendo realizados e a atuação de Luiz Campos é elogiada, pois a secretaria estava fazendo os pagamentos nos locais de trabalho dos servidores, fazendo com que estes não precisassem se dirigir a guichês, como acontecia no Estado.³⁰⁷

O esforço de Luiz Campos para sanar os cofres continua sendo divulgado nos veículos de comunicação. Uma nota da Secretaria de Finanças aparece no *Correio do Ceará* informando que o órgão estaria recebendo pagamentos atrasados, sem cobrança de multas e apresenta o novo calendário de pagamentos de impostos.³⁰⁸

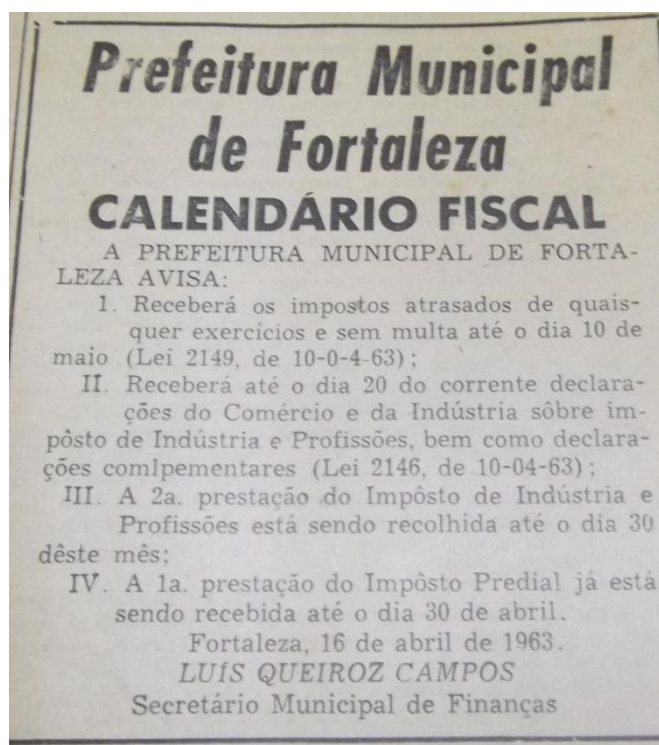


Imagem 29: Nota da Secretaria de Finanças com calendário fiscal de 1963.

³⁰⁶ Finanças da Prefeitura em dia se não faltar apoio dos contribuintes. *Correio do Ceará*, 02 abr. 1963, p. 6.

³⁰⁷ Prefeitura paga servidores na própria repartição. *Correio do Ceará*, 10 abr. 1963, p. 12.

³⁰⁸ Nota oficial da Secretaria de Finanças do Município. *Correio do Ceará*, 16 abr. 1963, p. 12.

A atitude de Luiz Campos ganha, mais uma vez, elogios. O *Correio do Ceará* salienta que o Secretário havia facilitado as condições de pagamento de impostos, possibilitando que todos os contribuintes ficassem em dia com o erário municipal.³⁰⁹

Para realizar os pagamentos do funcionalismo e colocar em dia os vencimentos dos servidores, os apelos para que os contribuintes pagassem seus impostos continuam. A imprensa se mostra ao lado do Secretário, a fim de ajudá-lo a colocar os pagamentos em dia no mês de maio, assim, reiteram, diariamente, as condições que a Prefeitura está dando para facilitar o cumprimento dos compromissos dos contribuintes.³¹⁰

Os primeiros dias de Governo são, então, marcados pela correria para colocar o funcionalismo em dia e Luiz Campos ganha bastante espaço na imprensa, como Secretário de Finanças, uma vez que era o articulador de toda esta campanha pelo saneamento dos cofres municipais.

O resumo desta primeira fase na Prefeitura é apresentado pelo Prefeito e seu secretariado na Câmara Municipal em 02 de maio de 1963, quando os representantes do Executivo prestam conta de suas ações iniciais em cada pasta e respondem questionamentos dos vereadores.³¹¹

Entretanto, poucos dias depois, Murilo Borges faz uma viagem ao Rio de Janeiro³¹² para tratamento de saúde. Luiz Campos conta que o caso foi mais grave do que foi mostrado nos veículos de comunicação. Segundo ele, o Prefeito, ao chegar ao cargo e vendo a situação em que o município se encontrava, teria entrado em uma forte depressão e desejaria entregar a prefeitura para o vice: “Então, eu não aceitei. Rasguei perante à família. Achei que ele devia se tratar psicologicamente no

³⁰⁹ Município facilita o compromisso de contribuintes. *Correio do Ceará*, 17 abr. 1963, p. 12.

³¹⁰ Prefeitura recebe sem multa 2ª prestação do Imposto de Indústria e Profissão. *Correio do Ceará*, 20 abr. 1963, p. 6.

³¹¹ Ata da 22ª sessão ordinária do primeiro período legislativo da Câmara Municipal, 02 de maio de 1963.

³¹² Viajou para o Rio o Prefeito Murilo: Tratamento de Saúde. *Gazeta de Notícias*, 15 maio 1963, p.4.

Rio de Janeiro. E mandei. Ele foi para o Rio. Lá tinha um cunhado que era médico. Eu tive que enfrentar as dificuldades”³¹³.

3.3.2. Luiz Campos na Chefia do Executivo Municipal

Segundo a reportagem da *Gazeta de Notícias*, o Prefeito ficaria longe da Cidade por 60 dias e a passagem do cargo para o vice teria sido em uma solenidade simples. Luiz Campos que, além de vice-prefeito, ocupava ainda a pasta da Secretaria de Finanças, assumia, então, a Prefeitura de Fortaleza. A Câmara Municipal registra também em ata o pedido de licença do Prefeito Murilo Borges.³¹⁴

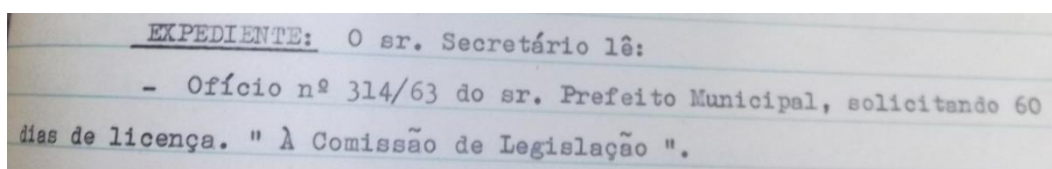


Imagem 30: Registro na Ata da Câmara Municipal do pedido de licença de Murilo Borges.

Oficialmente Luiz Campos assumia o cargo que tanto havia criticado e que sempre enfatizava sobre o que os que o ocuparam deveriam realmente ter feito para que a cidade fosse beneficiada.

Somente dois dias depois de assumir o cargo, a *Gazeta de Notícias* apresenta uma série de elogios ao “novo” prefeito, que estava dinamizando o Governo Municipal³¹⁵.

³¹³ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

³¹⁴ Ata da 31ª sessão ordinária do primeiro período legislativo da Câmara Municipal. 15 de maio de 1963.

³¹⁵ Luis Campos dinamiza PMF. *Gazeta de Notícias*, 17 maio 1963, p.1.



Imagem 31: Matéria da Gazeta de Notícias sobre a atuação de Luiz Campos na Prefeitura Municipal.

Luiz Campos volta, assim, à cena principal do Executivo Municipal. Sua figura passa, mais uma vez, a ocupar as páginas dos jornais para falar sobre as atitudes que estava tomando enquanto da licença de Murilo Borges.

Dentre as ações de Luiz Campos à frente do executivo municipal, os jornais da época destacam, por exemplo, a compra de carrocerias para a coleta de lixo:

A limpeza pública está sendo dotada de todos os meios para executar eficientemente a sua missão. Ontem, o Prefeito Luiz Campos encomendou a uma empresa do sul do país cinco carrocerias basculantes para a coleta de lixo tipo <Prefeitura>. O custo de cinco carrocerias é da ordem de Cr\$ 7.210.000,00³¹⁶.

Entretanto, não foram apenas medidas de ordem prática que Luiz Campos tomou nos seus primeiros dias como Prefeito de Fortaleza. O jornalista também formou uma comissão para fazer um levantamento das obras da gestão

³¹⁶ L. Campos encomendou cinco carrocerias ao sul para coleta de lixo. *Gazeta de Notícias*, 18 maio 1963, p.8.

anterior, no intuito de verificar os gastos e o andamento das mesmas para tomar ciência se elas tinham sido realmente finalizadas.³¹⁷

Além da preocupação com o erário público, o Prefeito em exercício também estava preocupado com a limpeza da Cidade, com o combate aos cães vadios que perambulavam pelas ruas³¹⁸, com o transporte coletivo, propondo que os ônibus circulassem durante toda a noite³¹⁹ e entregando abrigos públicos para passageiros na Praça São Sebastião³²⁰, com as condições das ruas, dando celeridade às obras da operação tapa-buracos iniciada por Murilo Borges³²¹ e também estava se prontificando a ajudar o esporte amador de Fortaleza³²².



Imagem 32: Matéria sobre auxílio que Luiz Campos daria ao esporte amador.

Segundo reportagem da *Gazeta de Notícias*, a intenção do então Prefeito era conseguir verbas, junto ao Governo Federal, para a melhoria das instalações do estádio Presidente Vargas. Para isso, ele contaria com o apoio de Murilo Borges, que continuava no Rio de Janeiro, e do deputado federal Paulo Sarasate³²³.

³¹⁷ Revisão das Obras da Prefeitura até março custaram até 25 milhões. *Correio do Ceará*, 17 maio 1963, p. 6.

³¹⁸ Prefeito adota medidas contra os cães vadios: carta ao matutino Prenove. *Correio do Ceará*, 21 maio 1963, pp. 6 e 2.

³¹⁹ Ônibus durante toda a noite: mensagem hoje. *Correio do Ceará*, 06 jun. 1963, p. 12.

³²⁰ Particulares entregam abrigo a PMF. *Gazeta de Notícias*, 28 maio 1963, p.1.

³²¹ Operação tapa-buraco é feita a jato pela Prefeitura: várias frentes. *Correio do Ceará*, 31 maio 1963, p. 12.

³²² Luiz Campos entregará hoje verba para esporte amador. *Correio do Ceará*, 31 maio 1963, p. 7.

³²³ Esporte amador terá em L. Campos grande defensor. *Gazeta de Notícias*, 23 maio 1963, p.5.

Pela atuação na Prefeitura Municipal, Luiz Campos também recebia homenagens. Uma delas partiu de Parsifal Barroso³²⁴, apoiador da campanha da União pelo Ceará, que levou os correligionários do PTN³²⁵ para “uma visita de apoio e aplausos” a Luiz Campos³²⁶.



Imagem 33: Nota de jornal aborda visita de Parsifal Barroso a Luiz Campos.

Percebemos, desta forma, que algumas das providências que Luiz Campos vinha tomando à frente da Prefeitura eram, exatamente, as que ele propunha nos seus artigos de uma década atrás, como a limpeza das ruas, a

³²⁴ Natural de Fortaleza, nasceu em 1913 e faleceu em 1986. Foi Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Ministro da Agricultura e Governador do Ceará, de 1959 a 1963.

³²⁵ Partido Trabalhista Nacional. Fundado em 22 de outubro de 1946, era uma dissidência do Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB.

³²⁶ Parsifal leva PTN a aplaudir Luiz Campos. *Gazeta de Notícias*, 22 maio 1963, p.1.

preocupação com a proliferação de doenças através de sujeira e animais, assim como com o transporte público³²⁷.

No entanto, Fortaleza não era mais a mesma de uma década atrás. O crescimento da cidade era célere. Segundo José Borzacchiello, entre 1950 e 1960, a capital cearense havia tido um crescimento absoluto de 90,6%³²⁸. Este inchaço de Fortaleza teria ocorrido em decorrência da grande seca de 1958, que gerou, inclusive, a fundação da SUDENE no ano seguinte, mas que, mesmo assim, não conseguiu suprir as carências da população.³²⁹

Desta forma, a cidade que Luiz Campos recebia para governar possuía novos problemas, diferentes daqueles que ele costumava tratar em seus artigos na *Gazeta de Notícias*. A cidade se expandia desordenadamente e muitas eram as agruras que o povo sofria. Maria Célia Lustosa da Costa explica que na década de 1960, a capital contava com uma rede pública gratuita de água que atingia apenas 20% dos prédios, o serviço de esgotamento era concentrado na zona central da cidade e a rede de energia elétrica, apesar de chegar para 70% dos consumidores, continuava sendo o grande empecilho para o desenvolvimento da indústria. Além disso,

O crescimento populacional provocou um adensamento no núcleo central, obrigando seus habitantes a irem gradativamente se afastando para áreas periféricas. Houve uma seleção de atividades, permanecendo no centro, as tipicamente comerciais. As classes mais abastadas dirigiam-se para a Aldeota, na Zona Leste, que já contava com características residenciais de alto nível. As classes menos abastadas se direcionavam para bairros periféricos nas Zonas Oeste e Sul, onde já estavam instaladas algumas indústrias ao longo da via férrea. Eram áreas ainda não urbanizadas, sem infraestrutura.³³⁰

Desta maneira, podemos perceber que alguns problemas deveriam persistir, como as deficiências no transporte coletivo para atender as populações

³²⁷ Interessante notar que a tentativa de Luiz Campos de colocar o transporte público para circular durante a madrugada procurava atender solicitação da classe de trabalhadores noturnos, como músicos, garçons e outros. Para que os ônibus circulassem durante as 24 horas do dia, Luiz Campos propôs que as meias passagens fossem suspensas durante a madrugada. Grupos de estudantes não estavam contentes com a medida.

³²⁸ DANTAS, Eustógio; COSTA, Maria Célia Lustosa & DA SILVA, José Borzacchiello. **De Cidade à Metrópole**: (Trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Idem, p. 157.

que se fixavam nos bairros periféricos, bem como a questão do fornecimento de energia, além da violência, que só tenderia a aumentar com o aglomerado de pessoas vivendo na miséria.

Entretanto, nos dois meses que ocupou a Prefeitura, Luiz Campos, apesar de tomar atitudes polêmicas, como propor que o comércio passasse a funcionar diuturnamente, inclusive nos finais de semana e feriados, para aumentar a oferta de emprego na cidade que crescia³³¹ (ideia que gerou severas críticas³³²), ficou, na verdade, marcado por outros fatos.

No período em que Luiz Campos passou como Prefeito, alguns casos chamaram mais atenção dos veículos de imprensa, bem como dos vereadores da capital, visto que tocavam em problemas que atingiam não só a população comum, mas também o empresariado fortalezense. A maior polêmica da gestão do jornalista à frente do Executivo Municipal foi, sem dúvida, o caso do aumento das tarifas telefônicas.

O problema que gerou o aumento das tarifas telefônicas se deu por conta de uma questão cambial que gerou uma dívida da Prefeitura com a empresa Ericsson do Brasil³³³, responsável pelo serviço de instalação de linhas telefônicas em Fortaleza.

Segundo Pedro Alberto, o sistema de telefonia havia chegado ao Ceará em 1891, através da Empresa Telephonica do Ceará, de Confúcio Pamplona. A cidade tinha 60 aparelhos telefônicos e os usuários pagavam 10 mil réis mensais pelo serviço. A Prefeitura assumiu as questões referentes à telefonia após um decreto de 1934.³³⁴

³³¹ Vice-Prefeito quer eliminar horário oficial do comércio. *Correio do Ceará*, 22 jun. 1963, p. 6.

³³² Declarações de protesto do Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Fortaleza, Alfredo Maia, dão conta de que o Sindicato protestaria contra esta atitude do Prefeito, já que seriam muitas as dificuldades para implantar esta ideia de Luiz Campos. “Modificação no horário comercial é uma insensatez e uma tapeação”. *Gazeta de Notícias*, 25 jun. 1963, p. 7.

³³³ A Empresa Ericsson do Brasil foi contratada na gestão do Prefeito Raimundo Alencar Araripe, na década de 1930, para implantar o sistema de telefonia automática. SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. **Pequena História da Telefonia no Ceará**. Fortaleza: A.S. Propaganda/TELECEARÁ, 1982.

³³⁴ Idem.

O mesmo autor afirma que em 1963, quando o General Cordeiro Neto deixou a Prefeitura, a cidade contava com 14.500 aparelhos telefônicos. Pedro Alberto assinala ainda que Cordeiro Neto havia feito um convênio para que Fortaleza pudesse fazer ligações telefônicas com outros estados e países. Murilo Borges recebia a capital, assim, com boas expectativas, inclusive porque, no ano anterior, 1962, tinha sido criado o Código Brasileiro de Telecomunicações.³³⁵

Entretanto, por conta da instabilidade financeira do país, os reajustes das tarifas eram constantes, por isso para sanar a crise da telefônica, gerada a partir desta dívida, outro aumento poderia ser necessário.

As discussões giravam em torno de como realizar o pagamento da dívida com a empresa internacional. Logo nos primeiros momentos, Luiz Campos procurou ouvir a sociedade civil, através das lideranças das diversas entidades que congregavam comerciantes, empresários e profissionais liberais.³³⁶

O ponto de partida para se tentar resolver a questão era majorando as tarifas e também pedindo empréstimo ao Governo Federal. Entretanto, as Classes Produtoras, representantes de diversos setores, não concordavam com o aumento das tarifas e propunham outras saídas para o Prefeito, como questionar a legalidade das razões que a empresa apresentava para justificar a dívida. Os empresários e comerciantes também propunham que se buscasse o apoio do Governo Federal para sanear esta dívida e contratasse outra empresa para prestar os serviços telefônicos em Fortaleza.³³⁷

³³⁵ Idem.

³³⁶ Encampação da Telefônica: 200 milhões. *Correio do Ceará*, 22 maio 1963, p. 12.

³³⁷ Classes Produtoras fazem sugestões ao Prefeito sobre os problemas da E. Telefônica. *Correio do Ceará*, 30 maio 1963, pp. 6 e 5.

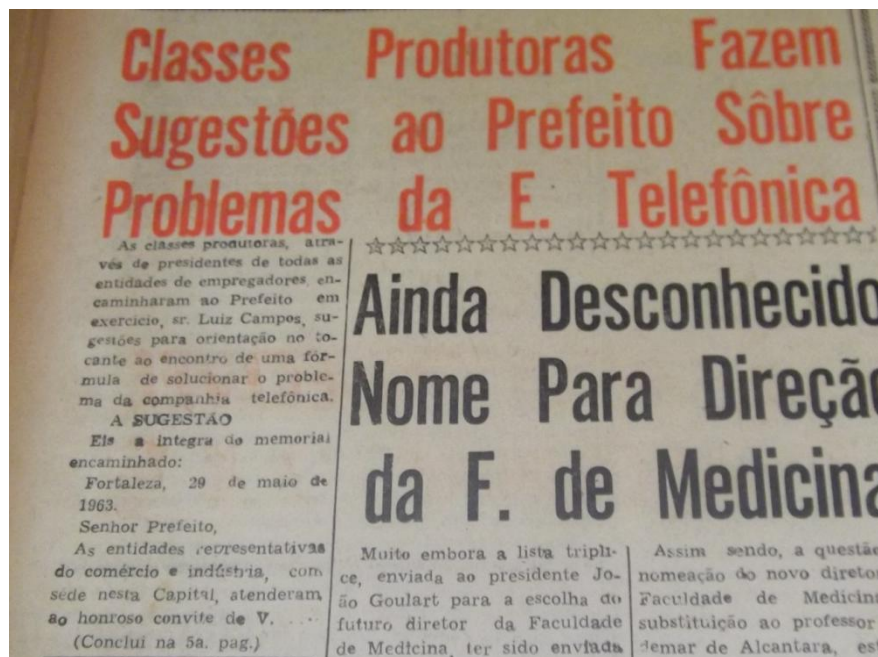


Imagem 34: Matéria do Correio do Ceará que apresenta as soluções do empresariado para o problema da telefônica.

Todavia, Luiz Campos parece não convencido com os argumentos da classe empresarial e se prepara para enviar à Câmara Municipal mensagem para autorizar o aumento das tarifas³³⁸, ao que os setores produtores reagem, dizendo que era impraticável o reajuste. Para os setores empresariais era preciso continuar lutando por subvenções federais para pagar a dívida que girava em torno de 200 milhões de cruzeiros.

Concordam as classes produtoras com uma majoração das tarifas, mas de maneira restrita, capaz somente de manter o equilíbrio da receita e despesa, de maneira a não onerar consideravelmente estas tarifas. (...) Segundo a opinião dos seus líderes, as classes produtoras consideram impraticável a medida de simples majoração das tarifas, como fórmula para pagamento da dívida.³³⁹

Desta maneira, Luiz Campos começava a travar uma disputa de ideias com estes setores e vem a público responder os empresários, afirmando, em entrevista que “o problema da telefônica já foi exaustivamente debatido em todos os setores, inclusive com o povo, pela televisão. Se alguém tem uma fórmula melhor do que a apresentada, que nos traga”³⁴⁰. A declaração do jornalista foi feita após

³³⁸ Vice-prefeito prepara a mensagem sobre aumento das tarifas telefônicas. *Correio do Ceará*, 19 jun. 1963, p. 6.

³³⁹ Classes Produtoras consideram impraticável a majoração simples das tarifas telefônicas. *Correio do Ceará*, 19 jun. 1963, p. 12.

³⁴⁰ Se alguém tem melhor forma para o problema da telefônica presente. *Gazeta de Notícias*, 28 jun. 1963, p. 8.

divulgação na *Gazeta de Notícias* de entrevista com José Afonso Sancho, das Classes Produtoras, que chamava a mensagem do Prefeito de “mostrengo” e afirmava que os 15 mil usuários “se encontravam em polvorosa com o trombetear desta mensagem inconsequente e inoportuna”³⁴¹.

No meio de toda esta querela, Luiz Campos ainda teve que enfrentar problemas com os servidores da telefônica, que exigiam aumentos salariais. Em reportagem da *Gazeta*, o Prefeito em exercício explica que está tratando o assunto com boa vontade e que pediu prazo ao sindicato da categoria para avaliar a questão, uma vez que a preocupação maior era em sanar a dívida.³⁴²



Imagem 35: Matéria sobre pedido de aumento dos trabalhadores da telefônica.

A polêmica prossegue, mesmo depois da volta de Murillo Borges da licença, quando os vereadores também se propõem a discutir o caso³⁴³, levantando a possibilidade já apresentada pelos empresários de que o contrato da Prefeitura com a telefônica podia ser ilegal³⁴⁴. Vereadores chegam até a fazer requerimento,

³⁴¹ Um mostrengo que a Câmara não pode nem deve aprovar. *Gazeta de Notícias*, 26 jun. 1963, p. 8.

³⁴² Aumento da Telefônica: Prefeito Luiz Campos pediu prazo e servidores atendem. *Gazeta de Notícias*, 6 jun. 1963, p. 1.

³⁴³ Ata da 57ª sessão do primeiro período legislativo da Câmara Municipal de Fortaleza. 26 de junho de 1963.

³⁴⁴ Vereadores vão denunciar ilegalidade no contrato da Prefeitura com a Telefônica. *Correio do Ceará*, 25 jun. 1963, p. 6.

pedindo que o Prefeito Murilo Borges vá à televisão para explicar o caso da telefônica³⁴⁵.

Dias após, os vereadores entram em recesso e as discussões sobre o caso também não aparecem mais nos jornais, porém acreditamos que tenha se resolvido com a sanção da Lei Municipal 2.198, de 20 de julho de 1963.

Pelas importâncias determinadas ali, via-se em certos casos, aumentos que chegavam a casa dos 450%. Por exemplo, as assinaturas de telefones residenciais subiram de Cr\$ 400,00 para Cr\$ 1.200,00 mensais, com as chamadas excedentes custando Cr\$ 3,00 cada. Houve um aumento de 300%. As outras tarifas não ficaram atrás: telefones comerciais pagavam Cr\$ 2.600,00 (dois mil e seiscentos cruzeiros) mensais, chamadas excedentes, Cr\$ 5,00; telefones de jornais, emissoras de rádio e televisão, sindicatos de trabalhadores de Fortaleza, Federação de Trabalhadores do Ceará, Associação Cearense de Imprensa, Radioamadores filiados a LABRE, Campanha de Educandários Gratuitos e seus estabelecimentos de ensino, Cr\$ 800,00 mensais, cada chamada excedente, Cr\$ 3,00; telefones de instituições de caridade, Cr\$ 400,00 mensais.³⁴⁶

Entretanto, o autor destaca que este aumento foi bastante pesado, uma vez que o salário mínimo em Fortaleza, naquele período, era de apenas Cr\$ 14.700,00. Além disso, ele aponta também que o aumento salarial dos trabalhadores do setor só teria acontecido em 1964, havendo um novo aumento das tarifas para proporcionar a elevação dos salários dos servidores. Ainda assim, Pedro Alberto destaca que na gestão de Murilo Borges foram vários os avanços do setor de telefonia, dentre eles podemos citar o aumento do número de linhas telefônicas, a inauguração dos primeiros telefones públicos, bem como a comunicação com as cidades do interior do estado através do telefone. No final da gestão de Murilo Borges foi criada ainda a Companhia de Telecomunicações do Ceará – CITELC, sociedade de economia mista, destinada à exploração industrial de serviços de telecomunicações no Ceará.³⁴⁷

Para nós, este fato mostra que exercer o ofício de Chefe da Edilidade tinha percalços que nem sempre podiam ser resolvidos conforme pretendia o Executivo. As interferências nas políticas públicas eram muitas e vinham de diversos

³⁴⁵ Ata da 59ª sessão do primeiro período legislativo da Câmara Municipal de Fortaleza. 28 de junho de 1963.

³⁴⁶ SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. Op. Cit., pp. 103 e 104.

³⁴⁷ Idem.

setores, como do empresariado, da imprensa e dos demais políticos, que compunham o legislativo. Desta forma, Luiz Campos ia também tomando consciência de como era estar “do outro lado” dos fatos.

Polêmica semelhante o jornalista sofre em seus dias de Prefeito com o chamado “caso da cinza”, que era a tentativa de revitalizar o centro da Cidade, acabando com o vício, os bordéis e o meretrício, o que estava causando preocupação aos moradores destas regiões.

Nada menos de três mil pessoas residentes no Arraial Moura Brasil (CINZA), estão enfrentando sérias dificuldades desde as determinações da administração municipal, que resolveu estabelecer um prazo máximo de dez dias, no sentido de que seja feita a evacuação imediata de todas as “mundanas” daquela zona para outros locais da cidade. Como se sabe, essa atitude pretende a edilidade em conjunto com a Secretaria de Polícia, transferir para os centros mais distantes, como o “Farol”, a grande rede de lupanares que funciona próxima ao centro da capital. Entretanto, em face das medidas e resoluções impostas pelas autoridades municipais, ontem, cerca de mais de duas centenas de pessoas compareceram a nossa redação, a fim de apelar para o Prefeito da cidade para que conceda uma prorrogação no prazo concedido para que possa ser feito com mais normalidade a retirada exigida. Ao mesmo tempo solicitaram das autoridades do município recursos ou ainda a doação de um local para se instalarem, uma vez que o “Farol” do Mucuripe já se encontra superlotado, não dispondo mais de qualquer aposento para uma pessoa, sequer. Na mesma oportunidade declararam que se o Prefeito ou as autoridades do Estado não arranjam um local destinado às suas instalações, não sairão da “Cinza”, pois não podem ficar ao relento. Aliás, muitas das que compareceram a este jornal são mães de vários filhos, muito embora continuem a viver sob o tecto dos cabarés do Arraial Moura Brasil. Face a situação, as autoridades que querem realmente exterminar os antros próximos ao centro da cidade, sobretudo a “Cinza”, devem tomar uma resolução sobre o caso, no que se refere ao aspecto social e as dificuldades sofridas por aquela pobre gente.³⁴⁸

Em carta à Gazeta de Notícias, o Prefeito explica suas pretensões:

O prazo de dez dias foi dado aos donos de bares e botecos, restaurantes e gafieiras para que cuidem de proporcionar condições higiênicas aos seus estabelecimentos, de acordo com as leis vigentes. Se não tomarem esta providência, serão fechados os bares e os botecos, que vendam VÍCIO e CRIME. As mulheres estão sendo transferidas: a) Se querem continuar como meretrizes, vão para o farol. b) Se querem voltar à vida séria, são encaminhadas para a casa da família, aqui ou no sertão (a Prefeitura transporta e dá passagens). Tudo está a cargo de uma comissão de assistentes sociais. Nada se faz contra a lei e desumanamente. É preciso que a imprensa não acolha o sensacionalismo de agitadores e dos prejudicados (industriais do lenocínio, do jogo, da cachaça e da maconha), os donos do “Curral” e da “Cinza”, os únicos a sofrerem, realmente, os

³⁴⁸ “Cinza” ardendo de revolta contra medida do Prefeito! *Gazeta de Notícias*, 8 jun. 1963, p. 3.

impactos das medidas saneadoras. Faz-se preciso restabelecer a verdade. O que se quer é limpar o centro da cidade, tanto quanto possível, de maselas, tal aquela da Praia Formosa. Nada têm as famílias do Arraial Moura Brasil a ver com a medida³⁴⁹.

Percebemos, com tudo isto, que a intenção desta “limpeza” era realmente afastar pessoas marginalizadas das partes centrais da cidade, deslocando-as para o interior ou para os bairros periféricos, sem oferecer condições básicas para isso, demonstrando que, para a administração Luiz Campos/Murilo Borges, nem todos os habitantes da cidade possuíam o mesmo valor. As remoções deveriam ser imediatas e as pessoas não possuíam outras alternativas.

No intuito de promover esta “limpeza” do centro, o jornalista vai contar com a colaboração da Câmara Municipal, onde se discute a questão e os vereadores manifestam apoio ao Prefeito³⁵⁰, bem como do poder judiciário, a quem Luiz Campos consulta para juntos pensarem em soluções que não prejudicassem as famílias e os menores de idade que habitavam a região. Segundo matéria do *Correio do Ceará*, uma das primeiras medidas que o Prefeito adotaria seria uma eficaz pressão fiscal nos comerciantes da área, o que dificultaria suas condições financeiras³⁵¹.

³⁴⁹ Prefeito esclarece o caso da <Cinza>. *Gazeta de Notícias*, 15 jun. 1963, p.4.

³⁵⁰ Ata da 45ª sessão do primeiro período legislativo da Câmara Municipal de Fortaleza. 06 de junho de 1963.

³⁵¹ Juiz e Vice-prefeito vão estudar o caso da cinza. *Correio do Ceará*, 30 maio 1963, p. 12.

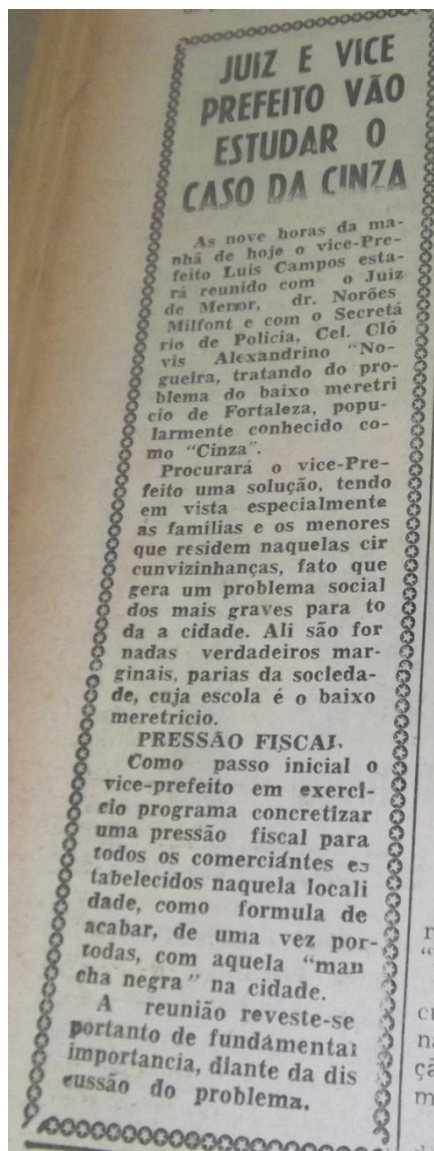


Imagem 36: Matéria sobre o caso da “Cinza”.

Para Luiz Campos, essa atitude de “limpeza” da Cidade foi uma das medidas mais importantes que ele tomou durante sua passagem pela Prefeitura de Fortaleza, como nos contou:

Construí a Avenida Beira-Mar, tinha sido um projeto iniciado pelo prefeito anterior, mas demos continuidade nele. O negócio era desocupar aqueles barracos que tinha ali, porque a cidade de Fortaleza era como você, uma moça bonita, só que a diferença é que era ferida na testa. Aquilo era um prostíbulo, tinha um nome horrível: Curral das Éguas. Era a coisa mais horrível do mundo. Depois de lá não prestava. Era o Morro do Ouro, favela, o Pirambu, onde descarregava o pequeno esgoto da cidade, que era ali pro lado da Barra do Ceará. E da Praia de Iracema restou um pedacinho, tá tudo deteriorado. Ainda hoje é, até o Mucuripe, cheio de barraco, prostituição, jangada, jangadeiro. Então, foi preciso tirar tudo, terreno de Marinha. A prefeitura indenizou o pessoal todinho, foram para outros cantos. Acabei com o meretrício do Curral das Éguas. Só deixei em pé a Igreja, que fica perto daquele hotel grande, a Igreja de Santa Teresinha. Aquilo ali foi a

única coisa que eu preservei. E pra lá foi a Igreja do Mucuripe, aquela lá no fim, que tão querendo destruir, mas não demoli³⁵².

Segundo Maria Célia Lustosa Costa, essa reforma que atingiu sobretudo a região da Praia de Iracema e da Beira-Mar, fazia parte das propostas do Plano Diretor elaborado por Hélio Modesto, em 1963.³⁵³

Aqui, é nítido também que, além de ter tido problemas com o núcleo empresarial da cidade, nos dias em que Luiz Campos assumiu a Prefeitura, teve ainda de enfrentar dores de cabeça provocadas pelo povo simples e marginalizado que vivia na zona de meretrício da cidade, fazendo ver ao Prefeito, que não seria tão fácil resolver os problemas que via em Fortaleza.

Entretanto, pessoas humildes também tiveram outras percepções sobre o Governo de Luiz Campos e encontraram maneiras de homenagear o chefe da municipalidade, como o casal Manoel Viana da Mota e Maria Noeme da Mota, que batizaram os filhos trigêmeos com os nomes do Prefeito, Luiz Campos, do Governador, Virgílio, e da primeira-dama do Estado, Luisa³⁵⁴:



Imagem 37: Bebês Luiz Campos, Virgílio e Luisa Távora.

³⁵² Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

³⁵³ Op. Cit., p. 158.

³⁵⁴ Virgílio, Luisa Távora e Luís Campos passam bem. *Gazeta de Notícias*, 2 jun. 1963, p.1.

Murilo Borges retoma as suas funções como Prefeito de Fortaleza em 23 de junho de 1963. Depois disso, Luiz Campos continua como vice-prefeito e assume, outras vezes, esporadicamente, a Prefeitura (entretanto, sem nenhuma intensidade como esses dias), permanecendo, todavia, como Secretário de Finanças.

3.3.3. Atuação de Luiz Campos na Secretaria de Finanças

Como já abordamos no início do capítulo, logo que Luiz Campos e Murillo Borges assumiram a Prefeitura de Fortaleza, um dos maiores problemas que enfrentaram foram os atrasos salariais do funcionalismo que, segundo os jornais da época, já estavam sendo colocados em dia, após os apelos do Secretário de Finanças para que os contribuintes pagassem suas dívidas com a Prefeitura, para, então, efetuarem o pagamento dos servidores.

Entretanto, mesmo com várias reportagens que afirmam que os pagamentos dos servidores estavam sendo realizados, as denúncias de que havia atrasos eram comuns nos jornais. A explicação dada por Luiz Campos era de que os pagamentos ainda não estavam devidamente em dia porque a Prefeitura estava fazendo uma reforma do orçamento, o que, segundo matéria da *Gazeta de Notícias*, vinha prejudicando os serviços de diversos órgãos municipais.³⁵⁵



Imagem 38: Matéria sobre atraso dos salários dos servidores.

³⁵⁵ Proposta orçamentária para a Prefeitura só no segundo semestre. *Gazeta de Notícias*, 23 jun. 1964, p. 3.

O problema parece não ter sido resolvido até o mês de setembro, como previa Luiz Campos, tanto que a própria Câmara Municipal continua cobrando ao Prefeito e ao Secretário de Finanças o saneamento desta dívida com os trabalhadores, o que nos faz acreditar que os cofres da Prefeitura ainda não estavam devidamente organizados.³⁵⁶

Entretanto, a reforma de fato aconteceu. A nova política de finanças do município é abordada em um anuário que a gestão de Murillo Borges preparou no final de 1964. Neste relatório fala-se que o Secretário de Finanças já não era mais Luiz Campos e, sim, o General José Augusto de Oliveira. Logo na introdução do capítulo que fala sobre as finanças municipais, explica-se que

Até 31 de dezembro de 1963, a Secretaria Municipal de Finanças viveu um regime de trabalho penoso, a braços com problemática legislação superada, que não poderia obrigar os contribuintes a recolher os seus impostos com pontualidade, criando condições para que se verificasse baixa rentabilidade nos serviços municipais. A receita, não obstante os esforços desenvolvidos pelos setores de fiscalização e arrecadação, não correspondia às expectativas da administração, ciosa de suas responsabilidades e interessada em dotar Fortaleza de obras e serviços públicos condizentes com o progresso e anseios da sua população. Considerada a gravidade da situação, que impedia a execução de qualquer plano de trabalho, foram estudadas várias soluções e, finalmente, encontrado o caminho que atende aos interesses do município e da população, concretizada pela reformulação da legislação fiscal e tributária.³⁵⁷

A mesma publicação salienta que o “Código Tributário do Município” era fruto do trabalho cansativo e relevante do Vice-Prefeito Luiz Campos, que à época da elaboração do Código também ocupava a pasta da Secretaria de Finanças.

No Anuário temos que o novo Código Tributário entrou em vigor em 1º de janeiro de 1964 e “traçou normas gerais de tributação, disciplinou o processo fiscal, dando ao contribuinte a certeza de que suas reclamações, porventura existentes, teriam tramitação rápida e solução justa”³⁵⁸. Segundo o que consta na obra, as principais modificações teriam sido no Imposto de Indústrias e Profissões e no Imposto Predial, as últimas só entrariam em vigor a partir de 1965.

³⁵⁶ Atas da 12ª e da 32ª sessões ordinárias do segundo período legislativo da Câmara Municipal de Fortaleza, respectivamente nos dias 21 de agosto de 1963 e 23 de setembro de 1963.

³⁵⁷ **Anuário do Município**. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1964, p. 48.

³⁵⁸ Idem, p. 49.

Segundo a publicação oficial, somente com o novo código os problemas de arrecadação em Fortaleza teriam sido resolvidos. Para exemplificar, apresenta um gráfico que expõe a mudança na arrecadação de 1963 para 1964³⁵⁹:

M E S E S	ARRECADAÇÃO GERAL DA PREFEITURA	
	1 9 6 3	1 9 6 4
JANEIRO	16.526.433,30	264.065.620,50
FEVEREIRO	59.011.105,00	243.111.891,20
MARÇO	130.459.298,20	274.077.185,50
ABRIL	109.496.424,20	287.287.626,80
MAIO	88.513.248,30	296.116.297,20
JUNHO	141.237.067,20	344.955.704,20
JULHO	79.662.930,10	406.608.693,50
AGOSTO	159.320.693,00	412.946.215,10
SETEMBRO	83.129.389,00	411.518.912,20
OUTUBRO	130.638.879,00	439.256.603,50
NOVEMBRO	166.991.041,50	482.933.093,60
DEZEMBRO	230.174.918,30	812.368.728,70
T O T A I S	1.395.161.432,10	4.675.246.575,60

Imagem 39: Tabela com a arrecadação fiscal de Fortaleza nos anos de 1963 e 1964.

Por fim, o Anuário informa também que, pondo o Código Tributário em prática, a Prefeitura havia conseguido encerrar o ano de 1964 com o pagamento do funcionalismo em dia.³⁶⁰

Para Luiz Campos, a reforma tributária também foi uma de suas maiores realizações enquanto Vice-Prefeito de Fortaleza. Em entrevista, o jornalista confessou ter orgulho de ser o responsável pela produção, segundo ele, do primeiro código tributário da capital cearense.³⁶¹

³⁵⁹ Idem, p. 50.

³⁶⁰ Idem, p. 52.

³⁶¹ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada por Roberta Maia, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

3.3.4. Luiz Campos rompe com Murillo Borges

Em nossa pesquisa percebemos que o nome de Luiz Campos sai de cena na política da Prefeitura logo após o primeiro ano de Governo. Isso se explica porque ele teria rompido com o Prefeito Murillo Borges.

O corte das relações entre os dois foi sério. As rixas começaram desde quando Murilo havia tentado desistir da Prefeitura, ao que foi impedido por Luiz Campos. Daí, muitos outros acontecimentos colaboraram para que o clima no Executivo Municipal não fosse dos melhores. O que mais desagradava ao Vice-prefeito era a falta de pulso de Murilo Borges e a ocupação de cargos importantes da gestão municipal, como secretarias, por pessoas de caráter duvidoso.

Foi assim, que, em uma das vezes que o Prefeito ausentou-se da cidade, Luiz Campos, assumindo o cargo, resolveu tirar os cargos das mãos dessas pessoas de quem ele desconfiava, demitindo vários secretários. Na volta de Murilo Borges, depois de alguns dias, o imbróglio estava feito:

Aí, o Murilo voltou. O Aloísio Bonavides foi na minha casa, era muito meu amigo, fazia uma espécie de relações públicas da prefeitura. Foi lá em casa e disse: “Luiz, o Murilo chegou e tal... Então, vai haver aí uma manifestação... Eu vim apelar, como seu amigo, que o senhor não vá transmitir o cargo, porque pode haver uma situação...”. Eu disse: “(...) eu vou estar lá, não tenho medo de ninguém.” Liguei para o comandante da Guarda, disse: “Cerque o gabinete porque eu vou fazer o discurso da entrega e se houver qualquer coisa não vai sair ninguém desse gabinete, baixe o cacete.”³⁶²

Na reunião de transmissão do cargo, os ânimos estavam alterados. Luiz Campos explica como foi o momento de contar para o Prefeito o saldo de uma semana com ele à frente da Prefeitura:

Encheu de gente, jornalista e tal. Aí, esperei o Murilo vir. Chegou, ficou do meu lado. Eu botei quatro cabra meu, valente, tudo armado, em cada canto da sala. Eu disse: “Olha, Murilo, das outras vezes que você viaja, que eu transmito o cargo a você, eu passo duas, três horas, reservadamente, conversando com você. Dessa vez, não vai ser assim não. Eu vou fazer um relatório público, em voz alta. As estações de rádio estão radiando tudo. Você vai ouvir o que foi feito, porque foi feito.” E ele ali, calado. Aí, eu comecei. Lá pelas tantas, um tal de Ernesto, que eu demiti como analfabeto e ladrão, quis entrar. Aí eu disse: “este aí não pode entrar”. Aí, o Murilo foi e

³⁶² Entrevista, realizada pela autora deste trabalho, com Luiz Queiroz Campos, na residência do entrevistado, no bairro de Sapiranga, Fortaleza, em 22 de outubro de 2010.

disse: “Dr. Luiz Campos, eu queria que o senhor me tivesse um pouco de atenção porque ele é meu convidado”. “Lamento muito que o senhor, um homem sério, general do Exército, com curso superior do Exército, convide para uma solenidade como essa, um ladrão de marca maior. Eu botei pra fora. Deixe ele entrar que é pra ele ouvir. É ladrão e semi-analfabeto. Não tem capacidade. E não vai dizer uma palavra aqui, porque se ele disser alguma palavra aqui, vai sair daqui calado. E ninguém vai falar. Aqui só quem fala sou eu. O dono do terreiro aqui sou eu. Eu sou o Prefeito agora. Enquanto eu não assinar esse livro, sou eu. Sou eu aqui que grito. Eu sou o dono do terreiro.” Eu falava bem alto, dando murros na mesa. Meus irmãos estavam ali do lado. “Aqui ninguém fala. Se alguém fizer qualquer protesto, fique sabendo que o Gabinete está cercado e não sai ninguém daqui”. Aí, pá, pá, pá, pá, esculhambei todos, um por um. Disse: “Pronto, está aí a Prefeitura”. Assinei e disse “até logo”. Ele não me deu a mão. Aí, foi o rompimento mesmo. Eu saí com meus irmãos, todos estavam calados. Ninguém dizia nada. Desci a escada, peguei meu carro particular. Não queria saber mais nada de Prefeitura.³⁶³

Desta forma, Luiz Campos se afasta do Executivo Municipal, apesar de continuar sendo o vice-prefeito do Município. Segundo ele, apenas havia deixado de frequentar o gabinete do Prefeito e voltado a trabalhar em empresas particulares, como a Cofinorte, financeira do grupo J. Macêdo. Por conta deste rompimento, Murilo Borges não teria mais se ausentado do cargo, nem dado oportunidade para que Luiz Campos assumisse novamente a Prefeitura.

Assim termina a atuação de Luiz Campos no Executivo Municipal. Percebemos que Murilo Borges não se mostrou para o jornalista, ao acompanhá-lo na Prefeitura, como o homem íntegro e bom administrador que Luiz Campos acreditava que ele fosse, anos atrás, quando o coronel era Secretário de Segurança.

Desta maneira, acabam as expectativas do jornalista de pôr em prática suas tão alardeadas ideias para melhorar as condições de vida de Fortaleza. Luiz Campos se afasta da Prefeitura e parte para novos rumos, como a diretoria do Banco Nacional de Habitação, onde permaneceu até 1995.

³⁶³ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição de nossas reflexões a respeito do tema que escolhemos para pesquisar durante o mestrado, é preciso salientar alguns pontos que concluímos ao chegar ao fim deste estudo.

No primeiro capítulo fizemos uma apresentação de Luiz Campos, analisando sua atuação como jornalista na década de 1950. Nesta parte da pesquisa, escolhemos abordar os artigos de Luiz Campos nos quais ele refletia sobre a cidade de Fortaleza, principalmente, aqueles em que ele refletia sobre os problemas que via na capital ou mesmo expunha as formas com que acreditava que as deficiências de Fortaleza poderiam ser sanadas.

Acreditamos, desta maneira, que o jornalista apresentava no periódico uma representação de Fortaleza, fazendo chegar aos seus leitores aquilo que ele selecionava para mostrá-los, muitas vezes dizendo o que os leitores esperavam ouvir de uma voz que possuía espaço na mídia e chegava aos gestores do município.

Assim, Luiz Campos vai se inserindo na vida da cidade, se aproximando de um público leitor que consome seus artigos e, mais que isso, ganha espaço entre as esferas políticas, uma vez que, já como membro do PSD, começa, a partir de seus escritos, ser muitas vezes citado nas casas legislativas e também envolver-se em disputas com alguns nomes de relevo da política cearense.

Por isso, no nosso segundo capítulo, fazemos uma análise sobre o ingresso de Luiz Campos na política da capital. Para tanto, decidimos começá-lo com reflexão sobre a formação dos partidos políticos no Ceará, após o fim do Estado Novo. Daí, foi importante refletir também sobre a relação do jornalista com o partido do qual ele fazia parte, o PSD.

Depois disso, passamos a observar o comportamento de Luiz Campos na relação com outros nomes da política local. Para esta análise escolhemos focar nas relações entre Luiz Campos, Armando Falcão e Carlos Jereissati.

Estas relações do jornalista nos ajudaram a pensar sobre a sua personalidade, bem como sobre suas escolhas políticas. Percebemos que Luiz Campos tinha uma relação de amizade e admiração com Armando Falcão, a quem sempre fazia elogios e salientava seus feitos na política nacional.

Por outro lado, a relação com Carlos Jereissati era conflituosa e seguia a mesma direção da relação que Armando Falcão mantinha com Jereissati. Desta forma, podemos entender que Luiz Campos se torna, no Ceará, uma espécie de eco daquilo que Falcão propalava na Capital Federal.

O jornalista enfrenta, assim, um sério embate com Carlos Jereissati e o partido que ele liderava, o PTB. Utilizava para isso o espaço que dispunha na Gazeta de Notícias e contava sempre com o apoio de Falcão. Entretanto, as acusações que Luiz Campos fazia a Jereissati atingiram uma proporção grave, chegando, os dois, a confronto físico, que trouxe sequelas para a vida do jornalista.

Desta maneira, Luiz Campos vai angariando mais e mais espaço dentro do seu partido, recebendo a admiração de seus pares e o reconhecimento da sociedade.

É a partir daí, que o jornalista passa a ocupar seu primeiro cargo político, indicado pelo PSD, como diretor da Caixa Econômica Federal no Ceará e, logo depois, chega à presidência do mesmo órgão.

Com sua atividade à frente da CEF, o jornalista ganha ainda mais força política e, logo que deixa a instituição, parte para enfrentar uma campanha política onde concorre ao cargo de Vice-Prefeito da capital cearense, respaldado pela União pelo Ceará, que era encabeçada pelo candidato ao Governo do Estado, Virgílio Távora.

Após participar de vários comícios e muitas reuniões ao lado de Murillo Borges, que era candidato a Prefeito, e Virgílio, Luiz Campos conquista a Vice-Prefeitura com uma boa margem de votos para os demais candidatos.

A partir disso, o jornalista obtém o posto que era ocupado por pessoas que ele tanto criticava quando escrevia seus artigos na Gazeta de Notícias e é, então, que chegamos ao ponto chave da nossa pesquisa, que tinha o intuito de refletir sobre o comportamento do jornalista ao ocupar o cargo sobre o qual tanto havia refletido, anos antes.

Ao assumir a Prefeitura, junto com Murillo Borges, Luiz Campos faz propostas até avançadas para a sua época, como tentar pôr em prática o funcionamento do comércio nos três turnos, a fim de, segundo ele, oferecer mais empregos aos moradores de Fortaleza, uma vez que muitos estavam se dirigindo para cá por conta das secas no interior do Estado.

Entretanto, ele sente o peso do cargo ao comprar uma briga com o empresariado da capital ao aumentar as tarifas telefônicas para saudar uma dívida do Município com a Empresa Telefônica. Além disso, o jornalista também tem um embate com a população marginalizada de Fortaleza, ao impor sua saída da zona de meretrício da cidade, a fim de revitalizar o centro da capital.

Com isso, Luiz Campos sofre as agruras que o exercício do Poder Executivo exige. Naquele momento, ele passa pelas mesmas situações as quais expôs os prefeitos Paulo Cabral e Acrísio Moreira, sendo criticado pelos veículos de comunicação, assim como pelos vereadores e outros segmentos da cidade.

O exercício do poder era tão árduo para o jornalista que ele acaba rompendo com o Prefeito Murillo Borges e se afasta dos assuntos de Fortaleza, indo assumir outros cargos, como a diretoria do BNH.

Assim, concluímos que, apesar de tanto alardear em seus artigos que havia soluções para os problemas de Fortaleza, Luiz Campos não consegue lidar com as situações impostas pelo poder, nem mesmo dialogar com Murillo Borges, Prefeito que ganhou as eleições junto com o jornalista e com quem ele parecia manter uma relação amistosa, haja vista os artigos em que elogiava o coronel.

Percebemos, entretanto, que, mais do que a atuação de Luiz Campos enquanto Chefe do Executivo, foi importante para nós estabelecer uma reflexão sobre o momento político que vivia Fortaleza, as relações que se estabeleciam, os arranjos e as disputas.

Através da figura do jornalista Luiz Campos, tivemos a oportunidade de acompanhar o forte combate entre PSD e PTB no Ceará, que teve o protagonismo de Armando Falcão e Carlos Jereissati e contou com os escritos do jornalista para engrossar o coro contra o chefe do PTB.

Também foi possível refletirmos sobre todos os arranjos engendrados por Virgílio Távora, Parsifal Barroso e outros políticos para formar o grupo União pelo Ceará nas eleições de 1962, de onde saíram vencedores e com o controle do Estado do Ceará, bem como de Fortaleza, com a Prefeitura nas mãos de Murillo Borges e Luiz Campos.

Desta maneira, acreditamos que nossa pesquisa é esclarecedora em alguns pontos que ainda não foram tão bem explorados da história política de Fortaleza e do Ceará. Além disso, cremos ainda que contribuímos para aprofundar os estudos sobre as relações entre jornalismo e política na nossa cidade, outro ponto também digno de reflexão acadêmica.

LISTAGEM DE FONTES

1. Artigos de Luiz Campos publicados na Gazeta de Notícias, entre 1954 e 1956.
2. Notas, cartas e matérias publicadas na Gazeta de Notícias que tratam de Luiz Campos, entre 1954 e 1964.
3. Artigos e cartas publicadas pelo jornal Correio do Ceará, entre 1954 e 1956, que abordam os assuntos tratados por Luiz Campos.
4. Matérias, notas e imagens dos jornais Correio do Ceará, Gazeta de Notícias, O Unitário e O Povo, dos anos de 1962 a 1964, que abordam o processo eleitoral no Ceará, bem como a posse e atuação de prefeito e vice-prefeito de Fortaleza.
5. Entrevistas com Luiz Campos.
 - 5.1. 1ª Entrevista: realizada no dia 14 de setembro de 2007, por volta das 10h da manhã, na sede do Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu), no bairro Aldeota, em Fortaleza. Esta entrevista tem duração de aproximadamente três horas.
 - 5.2. 2ª Entrevista: realizada em 22 de outubro de 2010, às 14h, na residência de Luiz Campos, no bairro de Sapiranga, em Fortaleza. A entrevista tem duração de aproximadamente seis horas.
6. Documentos Oficiais: Atas da Câmara Municipal de Fortaleza, dos anos de 1954 a 1956, e dos anos de 1963 e 1964.
7. Anuário de Fortaleza de 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, João Alves de. **Cearenses no Rio**. Fortaleza, Gráfica Urânia, 1938.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura**: São Paulo no meio do século XX. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de. **Fortaleza de Ontem e Hoje**. Fortaleza: Tipoprogresso, 1991.
- _____. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2001.
- BANDEIRA, Robson Torres e SILVA NETA, Maria Enésia da. **Virgílio X Tasso**: O mudancismo no Ceará.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **A Construção do Nacional Desenvolvimentismo de Getúlio Vargas e a Dinâmica de Interação entre Estado e Mercado nos Setores de Base**. Revista Economia, Selecta, Brasília (DF), v.7, n.4, p. 239–275, dezembro de 2006.
- BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In.: AZEVEDO, Cecília (et al.). **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural (debate). In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.
- BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade**: O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907 – 1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria Literária e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em Cordel**: o mote do consumo. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____. **Moisés Matias de Moura**: O Cordel de Fortaleza. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e de expansão da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O Mundo como Representação. In.: **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991.

DANTAS, Eustógio; COSTA, Maria Célia Lustosa & DA SILVA, José Borzacchiello. **De Cidade à Metrópole**: (Trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70.

FALCÃO, Armando. **História do Chefe do P.T.B. no Ceará**, Carlos Jereissati, "O Imperador do Linho Roubado". Rio de Janeiro, 1954.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**: Dos Índios à Geração Cambeba. Fortaleza: Tropical, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FONSECA, Rubem. **Agosto**. São Paulo: Companhia das Letras.

GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro**: Cenas e Atores de um Tempo mais Feliz. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1992.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945 – 1960)**. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. **A Oralidade dos velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LAMOUNIER, Bolívar. **Da Independência a Lula**: dois séculos de política brasileira. São Paulo: Augurium Editora, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As Razões de uma Cidade**: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

- LIMAVERDE, Narcélio. **Fortaleza, História e Estórias**. Memórias de uma Cidade. Fortaleza: Livro Técnico/ABC Editora, 1999.
- LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal**: Por uma Antropologia do Litoral do Nordeste sem Cana e sem Açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.
- LOPES, Valmir. **As lógicas da representação política**: O processo de mudança de lideranças políticas em Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 2005.
- MAIA, Roberta Kelly Santos. "**Abrigo Central: Assembléia do Povo**" - Um Espaço Singular em Fortaleza (1948-1966). Universidade Estadual do Ceará, 2007.
- _____. **O Dono do Terreiro**: O Jornalista, Político e Professor Luiz Campos. Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MATOS, Maria Izilda dos Santos. **Cotidiano e Cultura**: História, Cidade e Trabalho. São Paulo: 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MENEZES, Patrícia. **Fortaleza de Ônibus**: Quebra-quebra, *lock out* e liberação na construção do serviço de transporte coletivo de passageiros entre 1945 e 1960. Universidade Federal do Ceará, 2009.
- MESQUITA, Vianney & CARVALHO, Gilmar de. **Estudos de Comunicação no Ceará**. Fortaleza: Edições Agora, 1985.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1994.
- MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará**: 1945-1985. Fortaleza: Stylus, 1985.
- _____. **Governo Rui Barbosa**: 1950 – 1954. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.
- _____. **História Política do Ceará** (1930-1945). Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

MUNIZ, Altemar da Costa. **Trajetórias de vida, espaços de sociabilidade e projeto político da burguesia “mudancista” cearense (1978-1986)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Arquivo Público do Ceará, 2006.

PARENTE, Josênio C. **A Fé e a Razão na Política: Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses**. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **História Cultural: Experiências de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História 15, Ética e História Oral**. São Paulo, 1997.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.

SÁ, Adísia. **Ensino de Jornalismo no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1979.

_____. **Biografia de um Sindicato**. Fortaleza: Editora UFC, 1981.

SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará – 1975**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1975.

SANTOS JUNIOR, José Aldoril. **Industrialização e Modelos de Substituição de Importações no Brasil e na Argentina: Uma Análise Comparada**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SEABRA, Roberto & SOUSA, Vivaldo de. (ORG.) **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000. pp. 128-129.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. **Pequena História da Telefonia no Ceará**. Fortaleza: A.S. Propaganda/TELECEARÁ, 1982.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Técnica e Cultura Material na Cidade de Fortaleza (1945-1965). In.: **Projeto História**, nº 40, 2010.

SILVA, José Borzachiello da. **Os Incomodados não se retiram**: Uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SOUZA, Simone de. **Fortaleza**: A gestão da cidade (uma história político-administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994.

THOMPSON, Edward Paul. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UCHOA, Waldery. **Anuário do Ceará 1955-1956**. Ano V. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1956.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha & KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

ZANETTI, Valéria. São José dos Campos, da doença e dos ares – entre a identidade e a indiferença. In.: PAPALI, Maria Aparecida (Org.). **Histori(cidade)s**: Um olhar multidisciplinar. São Paulo: Annablume; São José dos Campos: Univap, 2008.